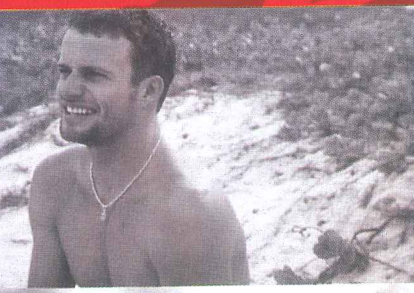


na Surf #18



Anos

Guar Competição 68



Teco 38



Nova Escócia 48



Carve 82



Indonésia 88



Chile 102

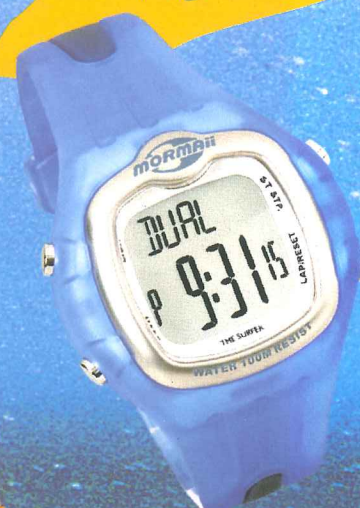


Pororoca 108



Roni Ronaldo

Foto: James Thisted



Quality  
Watches



**MORMAII**



Alemão de Maresias



# *South to South* *surf e paz*



Indústria brasileira levante esta bandeira

Surf é o esporte, Brasil é o lugar, Paz é o clima, South to South é o estilo !



# TROPICAL BRASIL.

A marca de surf do  
Nova Schin Festival  
WCT Brasil.



Pedro Norberto • Surf é a nossa praia.

LUIZ DIAS

Central Surf

Surf native  
surf shop

Wave  
Wizard

tropico

General Lyy

Red Beach  
surf e more

J Bay

Overboard  
www.overboard.com.br

30  
per





[www.775brasil.com.br](http://www.775brasil.com.br)

byacronics

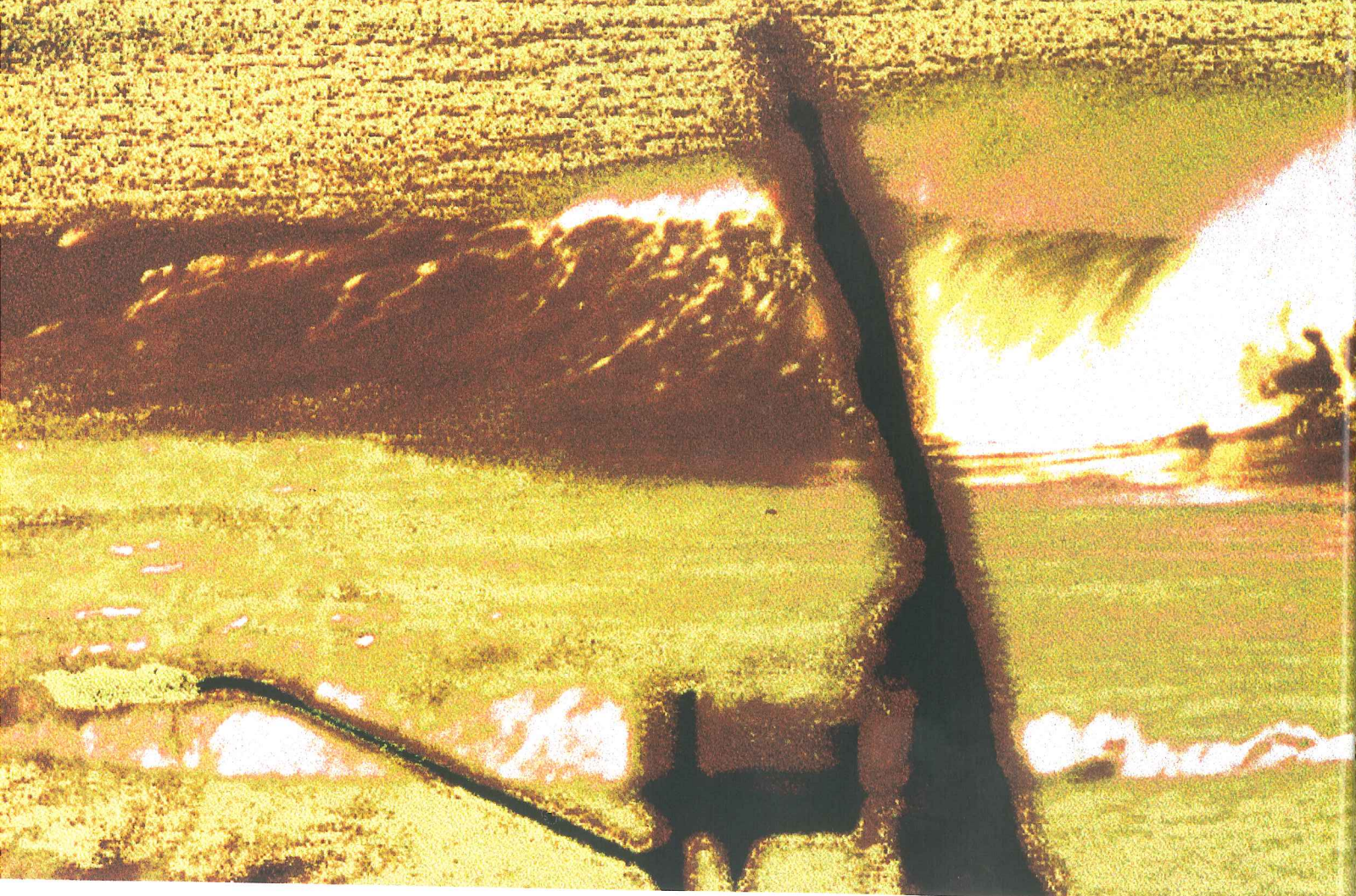
# Por que não?



sejar. investir. Momento - tudo é permitido. Usar o cor. Pulsar. Comprar. Fil  
nos. Por. Ousar. Sentir. Falar. Aventura. Começ  
utopia. Sonho. Ousar. Estilo. Que



Você conhece esta onda?



Viva a vida surfando



## SURF ESPORTE

Fechando com o tema "Surf esporte", festejamos três anos da revista Alma Surf e o ciclo de totalidade das três dimensões que existem no surf: surf esporte, surf cultura, surf religião. No surf esporte, temos as duas grandes vertentes: o free surf e o surf competição. Nesta edição abordamos os dois, com a pegada e a profundidade da Alma.

No free surf, voe conosco, transportando-se para o melhor dessa modalidade: usamos surf trips, snow trips e skate trips para ilustrar esse exercício da alma, do corpo e da mente que é a prática prazerosa de surfar. Na surf trip Indonésia, como sempre de sonho, uma diferença: tivemos uma celebração de surf feeling na barca, com Bruno Alves e Paulo Lima, que dispensam comentários pelo tempo, capacidade, talento e amor ao surf; Bruno, fundador da Fluir e sempre disputando o título de melhor fotógrafo de surf; e Paulo, fundador da revista Trip e sempre disputando o de melhor editor; porém ambos no mesmo barco, com o mesmo objetivo (surfing muito), fizeram a melhor matéria que já vi em busca das ondas de sonho das ilhas Metawaii.

Em surf competição, varremos e polemizamos (como sempre) o dogma de competir no surf. Stress, críticas e poesias à parte, o surf competição é sem dúvida uma corrente viva de energia, neste segmento que ilumina o mercado e irriga o profissionalismo que temos em todos os níveis (marcas, mídia, lojas, eventos), como um jato de eletricidade incessante. Acompanhe a matéria que Alberto Woodward e Sylvio Mancusi elaboraram e retome o gosto pela competição.

Nestes três anos de remada contra a corrente – pois nesse tempo o que tem imperado é o lado comercial –, nós, da Alma, olhamos o surf como maneira de viver e não como maneira de enriquecer. Muitos êxitos nos orgulham, e nossa missão em tratar o surf com nobreza e profundidade ganha mais uma ferramenta. A partir de novembro começa a operação "Alma Surf Shops": 200 lojas escolhidas a dedo, de Porto Alegre a Salvador, terão a Alma Surf e seus produtos culturais. Estamos felizes com o resultado e o entusiasmo que esses nossos novos parceiros demonstram com a operação e a proximidade conosco. Quem ganha é você: além de poder comprar a Alma na sua surf shop preferida, você terá, a partir de agora, produtos culturais com a marca Alma Surf em lançamentos semestrais.

Estamos em uma fase de comemoração total, com muitas competições e projetos. Sinto um vento novo e fresco, que parece limpar a neblina da ganância dos negócios do surf. Vamos respirá-lo. Surf para os surfistas.

Surf com meditação e sexo é o paraíso.

Aloha

Romeu

COSMMOS PRODUÇÃO EDITORIAL  
Maria Dias Carvalho

ALMA SURF  
Publisher  
Romeu Andreatta Filho

Chefe de Redação  
Alberto J. R. Woodward

Projeto Gráfico  
Fernando Mesquita

Editor de Arte  
Tony Virgili

Assistente de Redação  
Viviane Palladino

Revisão  
Francisco José M. Couto

Colaboraram nesta edição:

Texto  
Agobar Jr., Andrés Pinilla, Cristiano Morley,  
Juliana Moraes, Marcello Árias, Mark Lund,  
Lima, Sean Davey, Sylvio Mancusi, Taiu Bu,  
Valdir Innocentini

Fotografia  
Ado Henrich, Alberto Woodward, Anthony  
Mendez, ASP Tostee, ASP Ellis, Beto P. Lem,  
Bruno Alves, Bruno Lemos, Francisco Chag,  
Juliana Moraes, Levy Paiva, Nilton Barbosa,  
Bareta, Peter Simmons, Rick Werneck, Sean  
Davey, Tara Moller, Tungsten

Publicidade

Patrícia Barros  
pattbarros@almasurf.com.br  
Juliane Catelan  
juliane@almasurf.com.br

Departamento Financeiro  
Maria Dias Carvalho  
mcosmmos@uol.com.br

Fábio Augusto Pilch  
fabio@almasurf.com.br

Distribuição  
Dinap S.A.  
Distribuidora Nacional de Publicações

Gráfica  
Supergráfica

Jornalista Responsável  
Alberto J. R. Woodward  
MTB 1822

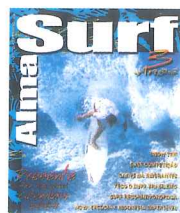
A revista *Alma Surf* é uma publicação bimestral da Cosmmos do Brasil Produção Editorial Ltda. As matérias publicadas não refletem necessariamente a opinião da revista e sim a de seus autores.

**Alma Surf Cultura**  
Diretor associado  
Fabio Ekizian  
ekizian@almasurf.com.br

Correspondência:  
Rua Dr. Fonseca Brasil, 295  
Morumbi - São Paulo - SP  
CEP: 05716-060  
Telefone: (11) 3744-3711  
e-mail: almasurf@almasurf.com.br  
www.almasurf.com.br

Para assinar:  
(11) 3744 1668  
assinatura@almasurf.com.br

**IVZ** INSTITUTO VERIFICADOR DE CIRCULAÇÃO



Capa: Teco Padaratz  
Foto Levy Paiva

Em qualquer  
lugar,  
em qualquer  
tempo,  
sempre aos  
seus pés!

 **cannon**

[11] 6128.6868



# LUCAS PROUDFOOT

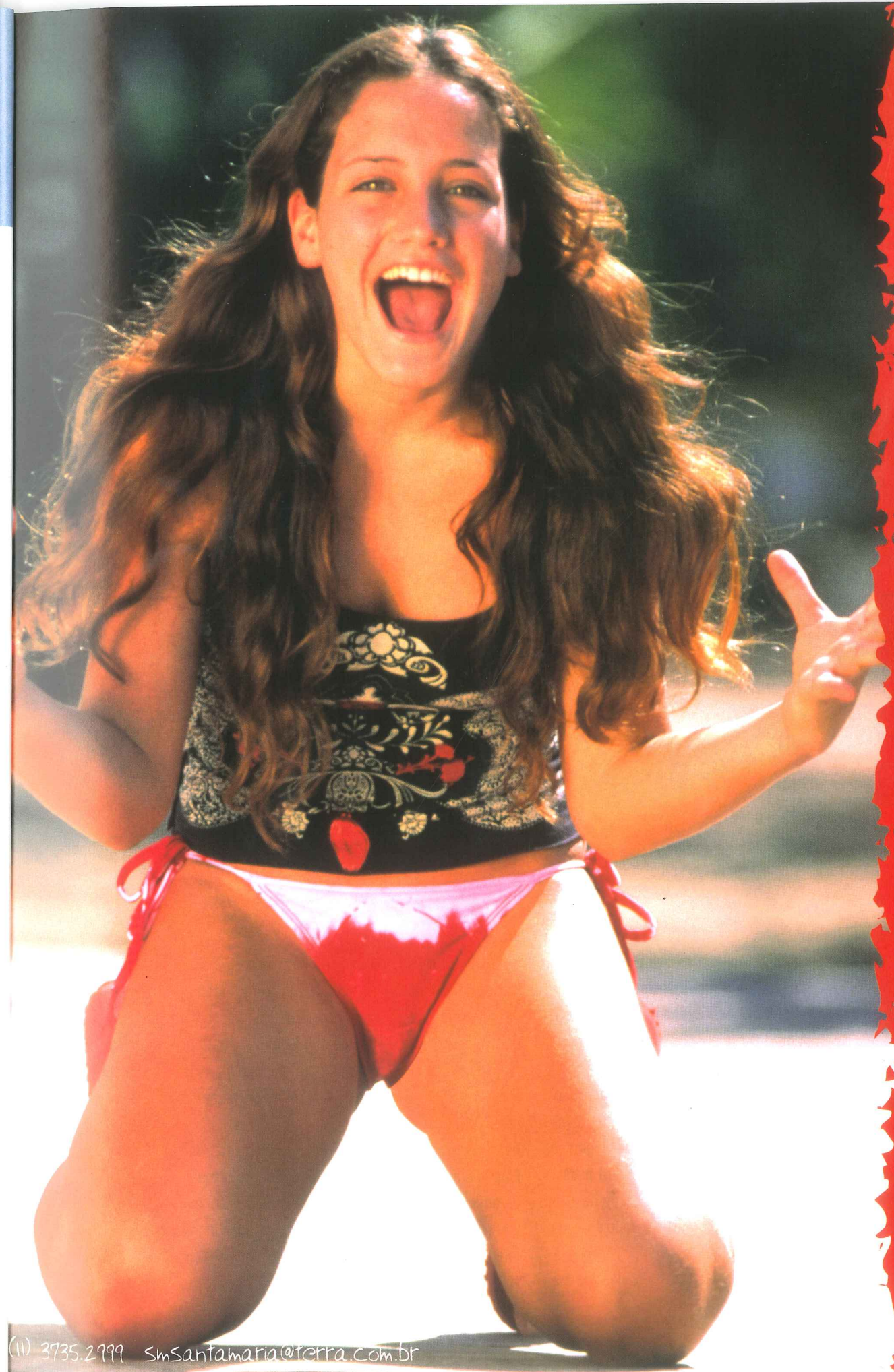
## PORTA-VOZ DO DIDGERIDOO

Final de julho, 2001. Os ventos frios e inclementes que horas antes haviam derrubado o helicóptero do João Paulo Diniz em Maresias chegaram rasgando em Saquarema com a mesma brutalidade. O campeonato mundial de longboard viu o seu último dia ser transformado num cenário totalmente stormy. Enquanto os finalistas encaravam um Netuno furioso, eu estava sendo apresentado pelo Beau Young, filho do Nat, a uma pessoa superinteressante chamada Lucas Proudfoot. O Beau havia me informado que o Lucas, além de ser um longboarder patrocinado pela Oxbow no circuito mundial de long, também tinha outras qualidades fascinantes. O Lucas, me disse o Beau, é meio aborígine, e é um músico que esbanja talento. Devido a esse currículo fascinante, pedi para o Beau me apresentar ao Lucas.

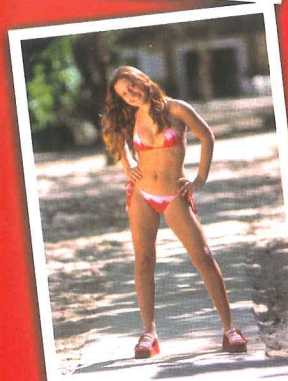
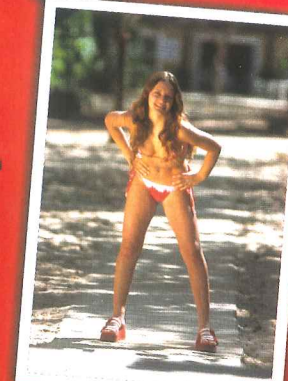
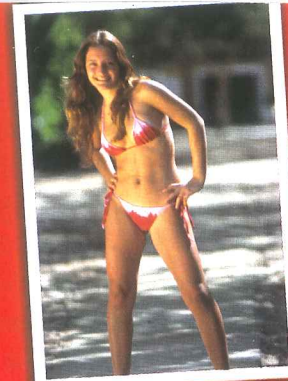


Foto Alberto Woodward

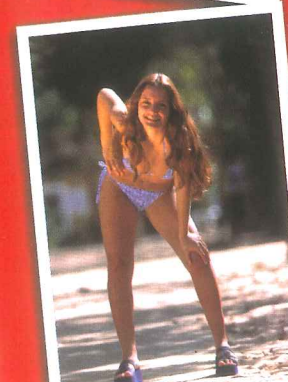
por Mark "Legend" Lund  
lund@uol.com.br



(11) 3735.2999 smsantamaria@terra.com.br



SANTA  
MARIA







SEBASTIAN ROJAS / ALEJO - MAREPSIA



Raphael Becker

\* etiqueta de bolso com corte laser (patenteado) e fecho sem atrito no DE





Conheci o Lucas, mas, por ser tarde, não deu para conversar muito. Meus filhos já estavam no carro, e meu trabalho no Legends me aguardava. Peguei seu e-mail, enquanto pensava comigo mesmo: "Algum dia quero desenvolver um trabalho aproveitando as qualidades desse surfista". O destino tem meios interessantes de nos ajudar, e em abril deste ano o consulado australiano me ofereceu uma passagem em branco, me permitindo trazer uma pessoa que eu achasse que enriqueceria o festival anual deles. Para o festival do ano passado, eu havia proposto ao cônsul trazer o lendário Peter Troy, e a sua vinda foi um sucesso absoluto de mídia. Este ano optei por um caminho mais cultural, e pensei no Lucas. Sabendo que em maio ele estaria competindo no mundial da Oxbow em Maresias, eu o aguardei para propor a minha idéia.

Quando o Lucas chegou em Maresias, vi que ele não somente tocava bem violão, mas que tinha uma banda de rock com CD, e que a turma toda dos competidores da elite de long conhecia suas músicas (compostas pelo próprio Lucas) de cor e salteado. Além do mais, descobri que, para poder sur-

importância do seu papel como um embaixador do surf, e de embaixador indígena, perante um público que pouco sabia sobre qualquer uma das duas tribos. Aliás, escrevo esta matéria sobre o Lucas por dois motivos. Primeiro, porque ele é um exemplo perfeito do antiestereótipo do surfista (não é nada burro, e nada louro!). Segundo, porque assumiu conscientemente o papel de porta-voz dessas duas tribos. O surf precisa, e muito, de outras pessoas que trabalhem no sentido de divulgá-lo além das competições, para conscientizar o grande público (e outros surfistas) das dimensões nobres que estão por traz do que fazemos, e por traz do que somos ou poderíamos ser.

Como Lucas vinha representando o surf e os aborígenes, achei que teria tudo a ver promover um encontro entre ele e um representante do povo indígena brasileiro. Por meio de uma amiga, contatei a tribo xavante e, juntos, organizamos a vinda do líder Hiparidi, que trouxe com ele mais três da tribo. Para oficializar esse encontro diplomático entre embaixadores informais, convidei o embaixador formal da Austrália, o John Sullivan. O encontro foi realizado

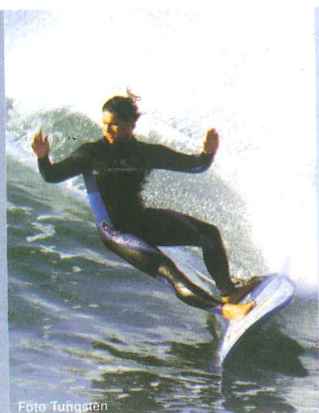


Foto Tungsten

Lucas Proudfoot, em foto da revista  
*Australian Longboarding*

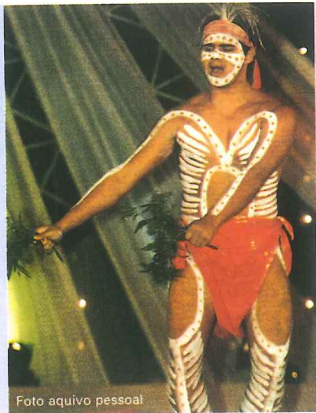


Foto aquivo pessoal

Lucas em dança aborígene



Foto Paulo Barata

Índios xavantes observam a  
apresentação de Lucas

far de dia, ele ganhava dinheiro fazendo shows noturnos com o seu grupo de dança, que se apresentava para a indústria de turismo. Nesses shows, ele dançava e tocava uma flautona indígena, o *didgeridoo*, que requer o controle da respiração e do diafragma de um faquir! Ou seja, após sete anos se apresentando profissionalmente, ele tocava o *didg* como poucos.

Apesar de uma confusão gerada pelo fato de que a sua passagem aérea foi extraviada pela Qantas, o Lucas teve que se desdobrar para vir ao festival. A demora causada pelo extravio acabou encurtando demais a sua viagem, e o Lucas teria que voar 30 horas de vinda, e mais 30 de volta, para passar apenas quatro dias no Brasil. Eu até ofereci a ele a possibilidade de desistir honrosamente. Em nenhum momento ele titubeou. Em nenhum momento ele resmungou; nem antes, nem durante, nem depois do festival.

Percebi que a sua insistência em vir provinha do fato de que ele sentia a

no dia 9 de outubro, menos de 24 horas após a chegada do Lucas ao Brasil. A sala de seminários no Hotel Hyatt ficou chapada, com muita gente de pé, para presenciar esse encontro quase que mágico entre dois povos indígenas que vivem em lados opostos do planeta. A ponte que permitiu essa aproximação cultural foi o surf. Ao abrir a cerimônia, ressaltei esse papel do surf para frisar que ele tem dimensões não competitivas muito ricas, porém pouco divulgadas.

Para começar a cerimônia, o Lucas tocou o seu *didgeridoo* para os xavantes. Eles ficaram muito bem impressionados, pois, mais do que ninguém, entenderam quanto talento isso requer. Logo sacaram que o Lucas era "brodder". Em resposta, os xavantes ofereceram suas músicas para o Lucas. Daí falaram sobre a necessidade que cada um deles sentia em lutar para preservar sua cultura, e das dificuldades que o preconceito lhes causa. O encontro

**Stanley**

IMMIGRATION & ETHNIC SERVICES  
STANLEY AUSTRALIA  
STANLEY 039N

joca "air" jr.

HONG KONG  
IMMIGRATION & ETHNIC SERVICES  
STANLEY AUSTRALIA  
STANLEY 039N

stanley@stanley.com.br  
www.stanley.com.br  
(11) 6692 5944



foi consumado quando, juntos, improvisaram uma jam session em que o Lucas tocou simultaneamente o *didg* e o violão, enquanto os xavantes o acompanharam fazendo a percussão. Uhuuu!

Entre os presentes estava o australiano que foi o primeiro campeão mundial profissional do surf (1976), o "PT", Peter Townend. Ele e a Leila, sua companheira brasileira, resumiram o que a maioria na sala sentiu: "Foi emocionante, fiquei arrepiado". O próprio embaixador, Mr. Sullivan, todo anglo-saxão, fez um elogio semelhante. Além da sensação gratificante de ver um projeto ser realizado com sucesso, também fiquei profundamente tocado por aquele encontro. Depois dos parabéns e entrevistas concedidas pelo Lucas, comecei a me perguntar o porquê dessa minha/nossa reação. No dia seguinte, no café da manhã, eu e o Lucas fizemos um brainstorm para tentar entender o motivo dessa emoção.

Apesar de ter apenas 24 anos, o Lucas, por ser surfista, músico e meio aborígine, tem uma maturidade e uma sensibilidade hiperdesenvolvida. Falou sobre o preconceito que enfrenta em cada uma dessas áreas: primeiro, por ser surfista num sistema que prega e cobra conformismo e consumo; segundo, por ser músico num sistema que prega e cobra business; e terceiro, por ser um black fella (gíria australiana para alguém com qualquer nível de parentesco aborígine) num sistema que, em toda a sua estrutura socioeconômica, prega e cobra branquice. Em vez de lutar contra esses preconceitos com raiva, ele os encara com uma admirável compreensão, adquirida, confessa ele, nas viagens a regiões de outras culturas, possibilitadas pelas competições no circuito mundial.

Vimos que, paralelamente, o surfista brasileiro também sofre de um preconceito em áreas semelhantes. Na nossa sociedade, enfrentamos (ainda) um preconceito apimentado por uma pitada de inveja. Enquanto fora do nosso país, mas ainda dentro do nosso métier, na arena de surf internacional, somos rotulados de Brazil Nuts, por considerarem o nosso entusiasmo por qualquer conquista, nossa ou de um outro brasileiro, over (nuts = exagerado/doido). "A gente vê um brasileiro subir no pódio com um quinto lugar, abanando a bandeira, e a torcida brasileira age como se tivesse acabado de ganhar uma medalha de ouro olímpico... a gente não consegue entender", me disse o Lucas. Concluímos que essa união dos brasileiros, quando fora do Brasil, em parte comprova a existência de um mecanismo de defesa contra um preconceito muito sutil do mundo anglo-saxão contra o mundo latino; e contra o povo talvez mais latino dos latinos: o brasileiro.

Nem eu nem o Lucas somos psicólogos, mas chegamos a questionar se a miscigenação brasileira faz com que o mundo anglo-saxão inconsciente-

mente (ou até conscientemente, em alguns casos) nos considere um "povo vira-lata" por ter misturado índios com negros, brancos e amarelos. Por outro lado, concluímos que, num mundo que pretende caminhar para a "aldeia globalizada", essa miscigenação pacífica, de repente, representa um avanço tecnológico sócio-humano que certos países, orgulhosos de seus pedigrees, ainda não alcançaram. Como contesta o Lucas, "pela definição correta da palavra, somos todos aborígines" ("que ou quem é originário da terra onde vive". Fonte: *Aurélio*).

O sentimento que o encontro entre o Lucas e o Hiparidi provocou em nós talvez tenha sido esse reconhecimento de que, no fundo da alma, somos todos aborígines. Temos todos uma genética indígena... inclusive o surf, que, apesar de ter levado um banho de cândida, é primordialmente uma expressão indígena. Temos todos, ou deveríamos todos ter, um link shamanístico com a Terra, e a mãe natureza... especialmente os surfistas. Ao presenciar esse encontro entre surfistas, aborígines e índios, talvez estivéssemos prestigiando (sem estarmos plenamente cientes disso na hora) uma parte do nosso ser que o mundo moderno ocidental, e nós, por ele condicionados, tende a negar. Talvez esse encontro tenha provocado em cada espectador um reencontro entre a pessoa moderna que é por fora (*persona*) e a pessoa aborígine que é por dentro (*anima*).

O Lucas já está de volta ao seu cantinho da nossa aldeia global, esse planeta Terra de onde somos todos originários. Mas antes de partir, por ter se oferecido para servir de espelho cultural, ele nos deixou lições imperdíveis do que é ser surfista, do que é ser brasileiro e do que é ser surfista brasileiro. Acho que em todos esses casos somos (se é que posso usar o termo "somos", mesmo sendo eu um aborígine norte-americano) muito especiais. Podemos ser mais especiais ainda se nos conscientizarmos, e nos orgulharmos, dessa nossa riqueza miscigenada, e se trabalharmos, como fez o Lucas, para mostrar esse nosso lado valioso para o sistema predominantemente moderno e ocidental, mesmo que este nunca tenha se mostrado muito a fim de valorizar essa nossa moeda social brasileira.

Pela reação da platéia, acredito que o mundo moderno (uma tribo desalmada por idolatrar a monocultura coca-colizada) esteja começando a entender que o unilateralismo, em qualquer nível que for aplicado, seja em termos nacionais, seja em termos empresariais, ou individuais, vai dar m\_ \_ \_ . É por estar abrindo essa porta da percepção que o mundo está cada vez mais disposto a ouvir um surfista... um brasileiro... um surfista brasileiro. Só temos que preparar o que dizer a ele, e acreditar, do fundo desta nossa alma (essencialmente indígena), em cada palavra do nosso discurso.

# VIDA MARINHA

## BASICAMENTE SURF

WORLDWIDE 19

**SUPER SURFERS**



Foto: Márcio Ign...

t. machado

WWW.VIDAMARINHA.COM.BR

SURF BOARD

**PRO**

ADVANCED BOARD TECHNOLOGIE

ENTRE EM CONTATO CONOSCO : vidamarinha@vidamarinha.com

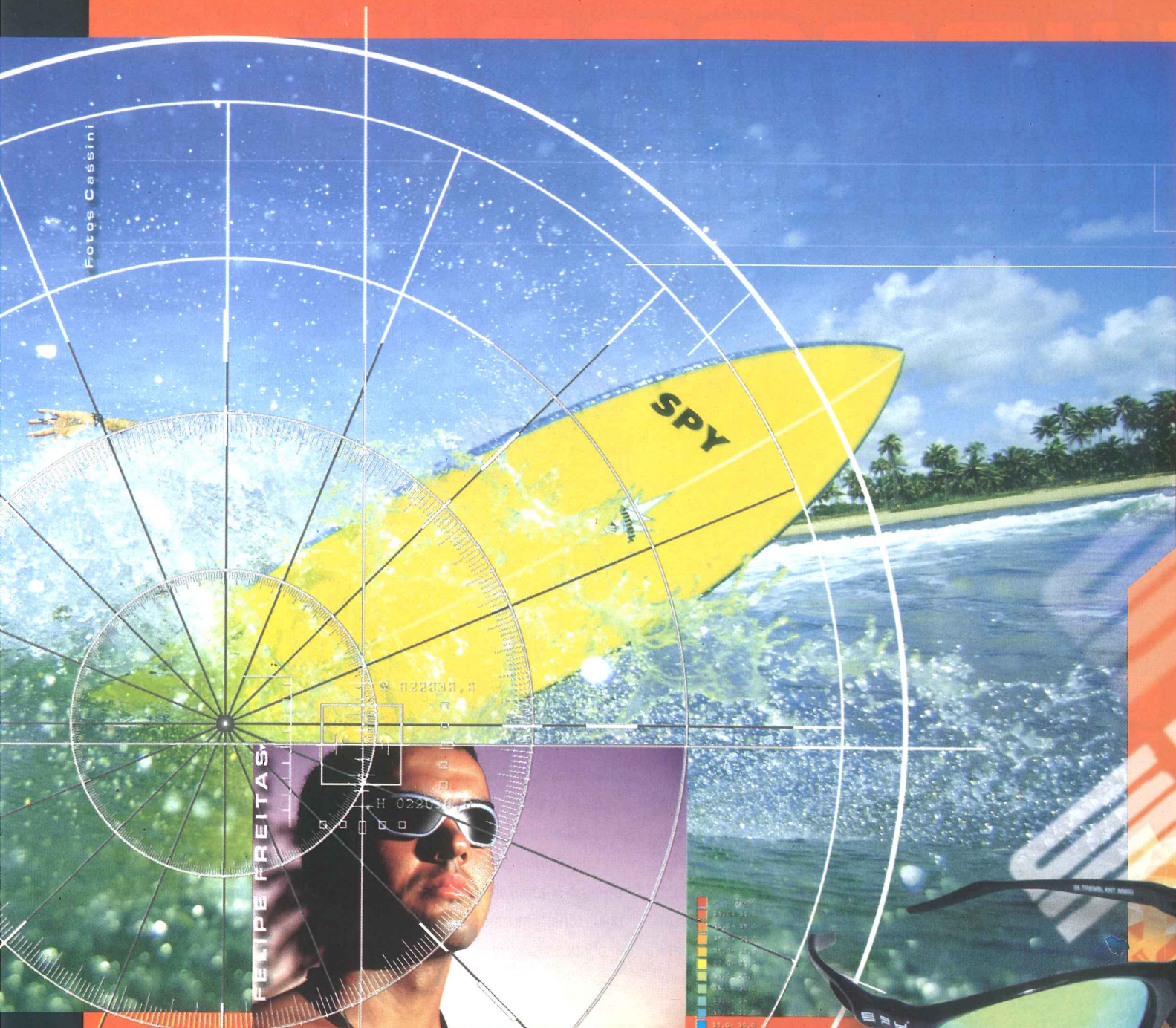


Eu queria mencionar a Tininha na minha matéria, mas só soube dela através de um artigo de jornal no dia em que essa edição já estava indo para a gráfica. Parabéns, Tininha. Você personifica e resume tudo que eu acabei de escrever.

A índia potiguara, Tininha, em foto publicada no jornal *Folha de São Paulo*, após vencer a segunda etapa do circuito de surf em Maracalpe, Pernambuco - Foto Rick Werneck



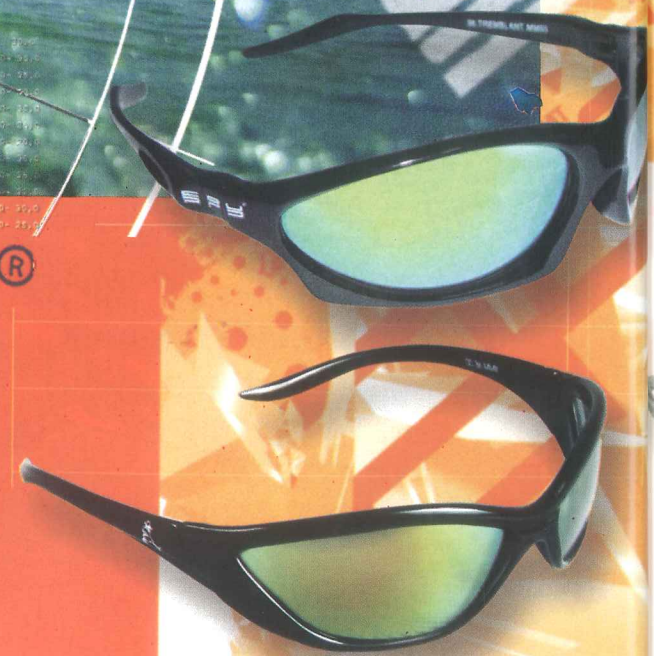
Fotos Cassini



FELIPE FREITAS

# SPY

tel (11) 4701-8722 - www.spy.com.br

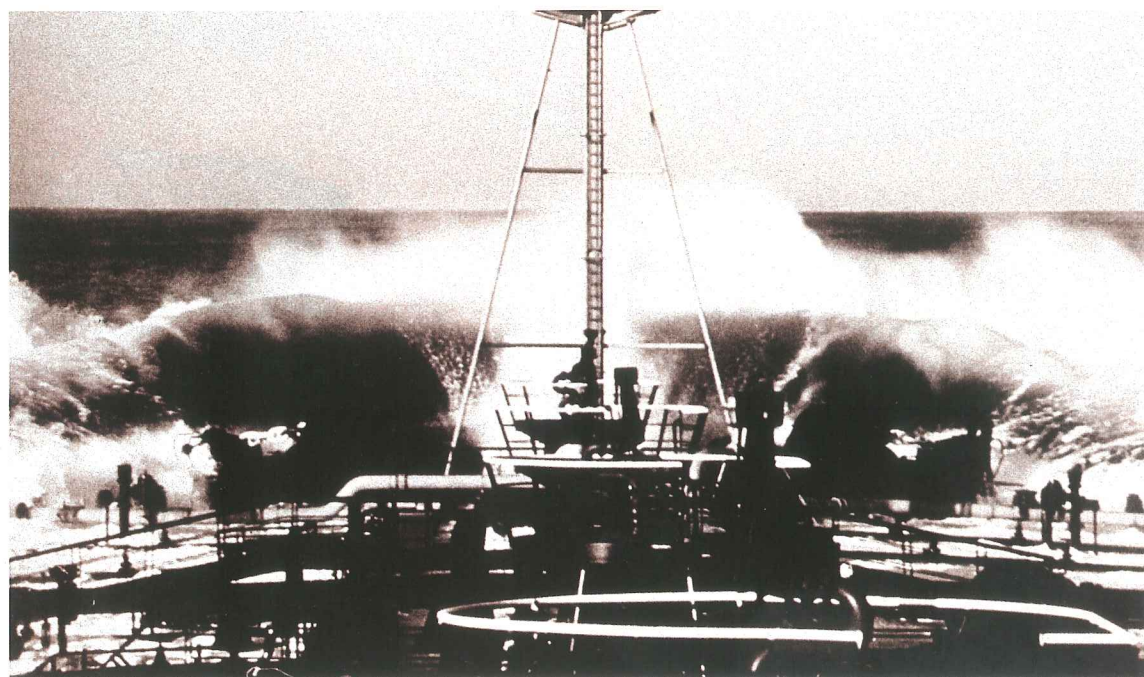


A GENTE VÊ MELHOR POR AQUI.  
A GENTE VÊ MELHOR POR AQUI.





# ONDAS GIGANTESCAS EXISTEM OU NÃO PASSAM DE LENDAS?



Onda gigante atinge a proa de um navio

Foto National Oceanic and Atmospheric Administration (NOAA)

Recentemente fui procurado por um amigo que me comentou sobre uma reportagem publicada no jornal inglês *Daily Telegraph*, por Tony Paterson, intitulada "Mystery of monster waves solved" (o desvendado mistério das ondas monumentais). A princípio pensei tratar-se de ondas formadas por maremotos, tipo tsunamis, mas ao ler o artigo, verifiquei que se tratava de ondas formadas pelo vento. Ondas de 30 a 40 metros formadas pelo vento são possíveis?

A resposta é não, se você considerar apenas a região onde elas se formam. A resposta é sim, se você considerar a interação entre dois ou três trens de ondas, milhares de quilômetros distantes de sua zona de geração.

Ondas monumentais ou supergigantescas, além das formadas pelo vento existem os tsunamis. Primeiro vamos falar um pouco destes últimos. Tsunami vem de duas palavras japonesas, "tsu" que significa porto, e "nami", que significa onda. Sua importância pode ser verificada pela

REFEATHEEED PRODUCT  
REEF.COM THE MALAI  
REEF EYEWEAR

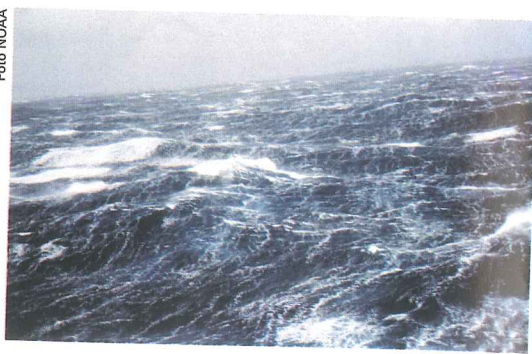




quantidade de mortes que esse tipo de onda causa. Em 1883, em Krakatoa, na Indonésia, 36.000 mortes; em 1896, em Honshu, no Japão, 27.000 mortes; em 1976, em Mindanao, Filipinas, 8.000 mortes; em 1992, na Nicarágua, 100 mortes. Elas se formam por terremoto, erupção vulcânica ou acomodação da superfície da terra sobre o oceano. Ocorre um movimento abrupto, e como resultado uma enorme quantidade de água é deslocada para cima ou para baixo, dando origem a uma onda. Os tsunamis não são facilmente identificados em mar aberto, pois sua altura é relativamente baixa, em torno de 1 metro. Porém, viajam milhares de quilômetros, e quando alcançam uma região costeira, sua altura se eleva em função da baixa profundidade, e facilmente podem atingir 30 metros. O maior tsunami registrado ocorreu em 1958, no Alasca, quando uma imensa pedra de gelo desmoronou sobre o mar originando uma onda de 500 metros. As regiões costeiras mais atingidas por estão na costa oeste da Ásia, particularmente no Japão, que fica exposto ao Pacífico. Os tsunamis formados no Pacífico viajam milhares de quilômetros sem encontrar qualquer obstáculo que lhes roube energia antes de atingirem o Japão. Seu poder devastador é tão grande, que vários países se reuniram para implementar um serviço de alerta aos tsunamis. Por isso, várias estações com medi-

dores de abalos sísmicos estão instaladas sobre o oceano. As outras ondas de que falamos, as ondas gigantes formadas pelo vento, podem atingir de 30 a 50 metros, ocorrem em alto-mar, são raras, e podem partir um imenso navio ao meio, fazendo-o desaparecer misteriosamente, e ela própria pode desaparecer em minutos sem atingir a costa. Existem relatos dessas ondas em várias partes do planeta.

Foto NOAA



A ação do vento sobre o Pacífico Norte

A descrença quanto à sua existência decorre de que, assim como os pescadores gostam de exagerar o tamanho e a quantidade dos peixes pescados, também os surfistas, velejadores e marinheiros gostam de contar histórias, e aumentar o tamanho das ondas. Quem ouve relatos de ondas gigantes torce um pouco nariz, com uma certa dose de descrença. Quem navega e nunca presenciou ondas tão grandes inventa ter encontrado uma onda maior ainda. Além disso, poucos sobrevivem ao serem atingidos por elas, e quem sobrevive deve ter boa reputação para não passar por mentiroso ou por alguém que endoideceu. Os cientistas também duvidaram de sua existência durante anos. Cada onda

# Boardshort

RICK BRUNNARO

PHOTO: SERAPIÃO

2004

GUL  
INTERNATIONAL  
WWW.GUL.COM





Óleo sobre tela do Navio *Queen Elizabeth II*, um sobrevivente das ondas gigantes

individualmente é formada pela ação dos ventos. Se o vento persistir em soprar em uma determinada direção reunindo três propriedades básicas e fundamentais: persistência, intensidade e extensão, altas ondas serão geradas. Para se ter uma idéia quantitativa, um vento de 20 a 25 metros por segundo, soprando incessantemente por dois dias sobre uma área com uma extensão de cerca de 2.000 quilômetros quadrados, gera ondas de cerca de 10 metros de altura. Mesmo que ele continue soprando por vários dias, não conseguiria gerar ondas mais altas que um limite que depende da sua intensidade. A natureza é sábia, pois cria um equilíbrio entre a energia do vento que está sendo transferida para as ondas e a dissipação das ondas, e então não há crescimento além deste limite. Ainda bem. Esse argumento leva a crer que ondas tão altas não existem, pois as ondas formadas pelos ventos, para atingirem mais de 30 metros, deverão ter a ajuda de um vento com propriedades que a natureza não oferece neste planeta.

Embora poucas, existem testemunhas que sobreviveram a essas ondas.

Em 1995 o navio *Queen Elizabeth II* cruzava o Atlântico em direção a Nova York e foi atingido por uma enorme parede de água com mais de 30 metros de altura. O assunto voltou à pauta em março do último ano, quando o navio alemão *Bremen*, com 137 passageiros a bordo, foi atingido no Atlântico sul por uma onda com mais de 35 metros quando se dirigia da Antártida ao Rio de Janeiro. Seu capitão, Heinz Aye, então com 65 anos, disse que em 48 anos de mar jamais tinha experimentado tamanha onda.

Estima-se que pelo menos 200 navios com mais de 200 metros, desaparecidos misteriosamente nos últimos 20 anos, foram atingidos por essas ondas. Hoje, sabe-se que tais ondas são estatisticamente acidentais. São formadas quando vários trens de ondas, originários de diferentes regiões, com sua própria velocidade e direção, acoplam-se construtivamente em um determinado ponto. Então, o efeito final é uma onda cuja altura é a soma das componentes individuais que se encontram. São raras, e da mesma forma que o encontro delas pode gerar construtivamente uma onda gigante, se houver o encontro da crista de uma com o cavado de outra o efeito será o oposto, isto é, destrutivo. Também, como cada trem de onda segue sua vida própria, o acoplamento ocorre apenas durante alguns minutos. A situação é ainda mais rara quando se considera que um navio precisa estar lá bem nesse instante, e pelo menos uma testemunha precisa sobreviver para relatar o que aconteceu. Hoje se sabe que elas existem, e estudos teóricos indicam que o tamanho máximo a que podem chegar seria de 65 metros.

Valdir Innocentini é cientista e pesquisador do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE)







PETERSON ROSA

MUDANÇA COM ATITUDE  
NÃO É MUDANÇA É  
EVOLUÇÃO



WWW.MCDBRASIL.NET



# PETER

## Uma vida em prol do surf



Peter Townend em Sunset - Foto Peter Simmer

Por Viviane Palladino

# TOWNEND

Ele é um dos maiores articuladores do surf mundial, atua na indústria do surf e de outros esportes de ação há 25 anos. Hoje, tem 52 anos e transpira surf desde os 25, quando ganhou o primeiro campeonato de surf profissional no mundo (realizado em 1976). Já foi publisher da *Surfing* e da *Surfing Girl*, diretor de marketing e eventos do Grupo Primedia (do qual a *Surfer* faz parte), diretor de marketing da Rusty, presidente da SIMA (Surf Industry Manufacturers Association) entre 1988 e 1989, e atualmente é presidente da Surfing America, uma organização sem fins lucrativos da SIMA que administra as competições nos Estados Unidos, além de ter uma empresa de consultoria recém-fundada, voltada para a indústria do surf e do skate, a ActivEmpire.





PT levantando o caneco do Waimea 5000, em 1978 - Foto Klaus Mitteldorf

Com esse currículo impecável, Peter Townend, mais conhecido como PT, ainda é um cara humilde, bem-humorado e bom apreciador do surf brasileiro. Hoje, este australiano está mais brazuca; praticamente casado com Leila Endersby, uma representante do surf brasileiro radicada há muitos anos em San Clemente, Califórnia, e também uma grande articuladora do surf internacional. "Eu acho que o que muitas pessoas esquecem é que o Brasil fez grande parte da primeira fase do surf profissional, com o Waimea 5000. Eu conheci a primeira geração dos surfistas brasileiros profissionais, Daniel Friedman, Pepê Lopes, Otavio Pacheco, Ricardo Bocão, Cauli Rodrigues, Paulo Tendas. Hoje caras como os Padaratz, Peterson Rosa e muitos outros devem muito a esses caras, porque o Brasil estava no tour desde o começo, bem no início de tudo!", comenta Peter que conheceu o Brasil em 1977, quando veio participar do Waimea 5000 no Arpoador. Desde então, tem voltado muitas vezes. E numa destas visitas, batemos um papo com o veterano. Confira a entrevista.

Peter no quintal da Alma Surf - Foto Alberto Woodward



**Viviane Palladino** *O que mudou na indústria do surf daquela época para cá?*

**Peter Townend** Bom, as maiores mudanças é que hoje há mais dinheiro e mais surfista bons. No começo e durante muito tempo, o tour era apenas para os top 16 e depois se tornou para os top 44. Porque nunca houve surfistas tão bons e havia muito menos grana, então a maior mudança realmente é que ainda são os mesmos lugares, os mesmos países, mas há muito mais dinheiro, e mais surfistas bons.

**V E a mídia em torno do surf?**

**PT** A cobertura de mídia é bem maior do que naquela época, porque naquele tempo eram apenas as coberturas das revistas de surf e ainda tinha alguma coisa nos jornais, eu me lembro. Tenho em meu álbum algumas coisas do Rio de Janeiro de quando fiquei em segundo em um ano, no Arpoador. A mídia fazia um pouco de barulho, mas não tanto quanto hoje, não tínhamos equipes de TV envolvidas. Hoje tem muito vídeo quando um WCT chega na cidade.

**V Algumas pessoas dizem que mídia de hoje tem um lado ruim para o surf, porque o surf começa a se popularizar e perder a sua identidade, o que você pensa sobre isso?**

**PT** Eu acho que há uma contradição, porque os caras querem fazer mais dinheiro e quanto menos o surf for exposto na grande cadeia, é como o tênis, golf ou Fórmula 1, os grandes patrocinadores vão querer gastar menos dinheiro com o surf, a menos que tenha mais mídias. Apenas a mídia do surf não é suficiente, tem que ser mais do que a mídia especializada. Os patrocinadores querem retorno pelo dinheiro que investiram em patrocínios.

**V Recentemente houve uma polêmica sobre o fato de um grupo de atletas do WCT terem participado dos X-Games, porque os eventos da ASP não têm tanta exposição quanto têm aqueles organizados pela ESPN. O que você acha da participação dos top nos X-Games?**

**PT** No caso daquela circunstância em especial, eu acho que a ASP estava certa. Os patrocinadores do WCT, a Quiksilver, a Billabong, a Rip Curl e outras companhias do mundo todo colocam muito dinheiro no WCT, elas gastam milhões e milhões de dólares para realizar os eventos e por outro lado os X-Games, realmente, não colocaram muita grana e pegaram os melhores surfistas do mundo. A exposição da ESPN é boa para o surf, mas ao mesmo tempo a ASP tem uma história de 25 anos de muito dinheiro envolvendo os top 44. Hoje eles ganham 30.000 dólares por ano para surfar e, você

sabe, para ser honesto, nos X-Games a ESPN não estava colocando esta grana. Eu não acho que eles deveriam ter os melhores do mundo a menos que pagassem.

**V Por este ponto vista eu acho que você está certo, mas e o formato da competição, que é bem diferente, não beneficia o esporte?**

**PT** É como a Davis Cup no tênis. Você tem os torneios mundiais e tem a Davis Cup, onde você representa o seu país. Aquele formato que o Brad Gerlach desenvolveu é um ótimo formato para competições por equipes, mas não pode nunca substituir o conceito homem a homem do WCT. Não foi feito para isso. É uma boa alternativa e uma boa base, eu acho, para os espíritos mais apaixonados. Neste último, a costa oeste teve uma disputa muito acirrada contra a costa leste dos Estados Unidos. Mas imagine se fosse o Brasil contra a Austrália, o quão excitante aquilo seria, ou se fosse Austrália versus Hawaii. Seria melhor ainda! Em parte, eu acho que daria continuidade ao formato dos X-Games, seria legal que ele continuasse, como é a Davis Cup, alguns países contra outros. Eu adoraria e acho que seria muito bom para o surf, mas eu penso que se quiser fazer isso a ESPN terá que pagar pelo uso dos atletas. Ou então, por que todas estas empresas estariam investindo grana no WCT? E este foi o lance que rolou na Califórnia, você tem o US Open que tinha acabado de acontecer, o WQS seis estrelas, e logo após os X-Games iria rolar o Boost Mobile em Trestles. Em tudo isso você tinha 750.000 dólares envolvidos. Os X-Games estavam com os mesmos atletas por um quarto do dinheiro. Isto não é certo.

**V Mas também teve uma maior exposição na mídia?**

**PT** A exposição é boa, mas não vale por sacrificar o tour. Porque você está desconsiderando os patrocinadores que estão botando dinheiro para os surfistas de verdade.

**V Você acha que as competições brasileiras, no formato em que acontecem, preparam os nossos atletas para o circuito mundial?**

**PT** Acho que o Brasil tem um dos melhores, o que chamamos de "training ground", para os jovens profissionais chegarem ao WCT. Fiquei impressionado, quando cheguei no aeroporto aqui. Fui a uma banca, por eu ser um cara da mídia, e comprei uma revista que era sobre o circuito brasileiro e tinha todas as notícias, onde estão os tops, o ranking e tal. Você não vai a nenhum lugar do mundo em que você compra uma revista sobre o campeonato nacional. Dificilmente você encontra uma revista

**PATO THA SURFER**

**BULLY'S**  
THA EQUIPMENT





Peter, em Sunset. Foto Arq. Pessoal

**Aquele formato que o Brad Gerlach desenvolveu é ótimo para competições por equipes, mas eu penso que, se quiser fazer isso, a ESPN terá que pagar pelo uso dos atletas.**

sobre o WCT! Você vem no Brasil e compra uma revista que fala quem são as estrelas do circuito brasileiro. Acho que a respeito disto o Brasil está à frente do resto do mundo todo. Espero que a minha previsão se torne realidade quando digo que o campeão mundial será brasileiro em cerca de dez anos... Opa, eu disse isso há dois anos atrás, então faltam apenas oito. (Ri.)

**V** Tara Moller, uma fotógrafa inglesa, disse que acha que logo, logo haverá um campeão brasileiro e o shaper Pat Rawson, quando veio ao Brasil, nos disse o mesmo. Bom saber que vocês também acreditam no nosso surf.

**PT** Certamente acontecerá. O que algumas pessoas têm que entender é que leva muito tempo para uma nação emergir. No início, o tour profissional foi dominado por muito tempo pelos australianos e havaianos, e levou até meados dos anos 80 para que a América aparecesse, com Tom Carrol. Então, se você pensar, são 10 anos. Naquela época os americanos faziam de tudo para ganhar o tour profissional e Tom conseguiu. E tudo que veio depois dele, que eu chamo de geração Slater, com Kelly Slater, Shane Beschen, Rob Machado, Taylor Knox, todos esses caras vieram como resultado da conquista de Carrol. Então, no caso do Brasil, surfistas como Teco Padaratz, Fabio Gouveia e Peterson Rosa podem não ser campeões mundiais, mas estão preparando o terreno para a próxima geração. Talvez um deles seja Adriano de Souza, quem eu vi surfar neste verão e é inacreditável. Porque ele vê os caras, o Gouveia, os irmãos Padaratz e pensa: "Eu posso vencer, eu tenho que vencer, eu vou vencer!" E numa próxima vez, pode ser o cara ou outro cara como ele aqui do Brasil.

**V** Algumas pessoas aqui acham que não temos estrutura para preparar os nossos atletas e que os gringos são privilegiados até mesmo pelas ondas, porque as nossas ondas são pequenas e em grande parte de formação irregular. Você concorda?

**PT** Sabe qual é a minha resposta para esses caras? Bobagem! De onde veio Kelly Slater? De onde veio C.J. Hogbood?! Eles vieram da Flórida, onde as ondas são piores do que aqui no Brasil! Então, eu não acredito nem um minuto neste argumento. Aqueles caras podem sair do Brasil e surfar as ondas do mundo todo, como o Kelly e CJ fizeram para ganhar experiência. E então tornarem-se os melhores do mundo. Por isso, não compro o argumento de que o treino aqui não é bom. No treino para ser um surfista profissional eu aplico a regra dos vinte minutos, onde você tem que surfar por vinte minutos para ganhar

uma bateria. Não importa se as ondas estão pouco mais de 1 pé ou 30 pés, você tem que ganhar em vinte minutos! E pode aprender a ganhar em vinte minutos em qualquer competição. E você pega esse atleta e põe em Pipeline ou Teahupoo ou em Superbanks, na Austrália. Então, eu não compro aquele argumento, principalmente quando você olha o fato de que dois dos últimos campeões mundiais, nos últimos dez anos, vieram da Flórida, onde não há surf! (Dá risada).

**V** Tem um pico recém-descoberto no Brasil que se chama Ilha dos Lobos. Há uma grande polêmica, porque este lugar, no sul do Brasil, é uma reserva ecológica e muitos surfistas têm freqüentado o local para a prática de tow-in. E todos estão muito empolgados com a descoberta deste pico. Você acha que vale a pena invadirmos ou até mesmo destruímos um espaço ecológico para surfar sendo que há tantos outros lugares?

**PT** Mas como eles estão destruindo? Porque há vegetação rara por ali ou estão destruindo porque estão poluindo a água com o jet-ski, hum...

**V** Sim, este é um dos fatores, mas há vida marinha naquele local, e a freqüência de pessoas está assustando, tem afastado estes animais.

**PT** Sim. Este é um debate filosófico que envolve o "surf puro" de remada e os surfistas que utilizam jet-skis, o homem versus a máquina. Se alguns caras fossem sem o jet-ski e tivessem que ir remando, não seria a mesma coisa? Eles não estarão afetando a vida marinha da mesma maneira? E cada barco pesqueiro que deixa o porto e passa por ali? Eles não afetam a vida marinha do local? (Dá risada). Não é diferente na minha opinião. Um barco pesqueiro que vai até lá e pesca, está tudo bem, não tá? Então por que o surfista não pode ir lá e surfar? Para mim não é diferente. Eu acho que há muita contradição a respeito disto, tenho certeza que há muita pesca neste parque, então qual é a diferença dos surfista que vão lá para surfar? Eles não estão fazendo nada de anormal, o barco tem motor e vai lá e faz muito barulho. E com o jet é a mesma coisa, então, qual é a diferença?

Encerrando a entrevista, batemos um papo com Peter sobre os seus surfistas preferidos e ele declarou ser fã de Kelly Slater devido ao seu estilo e suas maravilhosas conquistas. Outro figura que ele conheceu no passado e que admira foi Jeff Hakman, um havaiano que surfava North Shore como ninguém nas décadas de 60 e 70. E no Brasil? "Neco Padaratz, ele realmente é muito bom!".



PT em Off The Wall - Foto Arq. Pessoal

Modelo: X-MEN  
Armação: TR-90 Grilamid  
Lentes: MLC Mirror Rev0  
(Multi Layer Coating)  
(D) Decentered

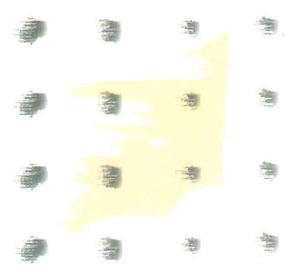




# TECCO

**embaixador do  
surf brasileiro**

Por Agobar Jr.



Teahupoo - Foto Levy Paiva





Foto Ado Henrich



Hossegor - França - Foto ASP Tostee

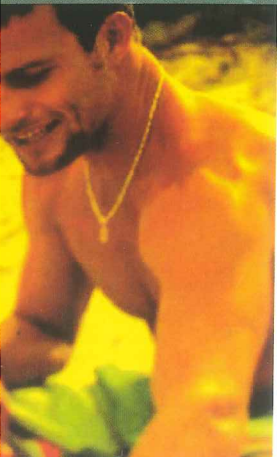
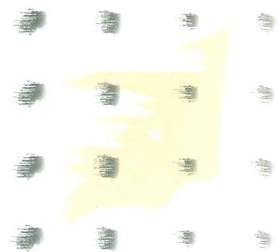


Foto Ado Henrich



**Cauli, Pepê, Ianzinho, Renan Pitanguy e sua turma, entre outros, foram grandes representantes do Brasil no exterior, mas se pensarmos em alguém para ocupar o lugar de maior representante e o mais profissional surfista do Brasil de todos os tempos, o nome de Teco Padaratz é unânime! Nascido e conhecido pelos gringos como Flávio, afirmo que Teco é o surfista brasileiro de maior sucesso de todos os tempos! Alguém duvida!!? Sua história diz tudo!**

**Quando surgiu no surf, 17 anos atrás, Teco era uma promessa! Uma promessa que foi cumprida. Ganhou tudo o que pôde no seu estado e foi cedo conhecer o mundo. Abriu, junto com os garotos Fabinho e Piu, as portas do surf mundial, mostrando o caminho a ser seguido pelos competidores brasileiros que sonhavam com o mundo.**

**Teco foi quase que uma estrela guia. Articulado e com inglês fluente, Flávio "Teco" é assistido e ouvido pelos gringos do tour. Representando naturalmente seu país, foi o Brasileiro Flávio que entre todos do mundo foi eleito o representante dos surfistas fora do eixo Austrália e EUA no tour perante a ASP, com vários países ao todo. Manteve essa posição por mais de 10 anos. Duas vezes campeão do mundo pelo WQS, e sem ter que provar mais nada a ninguém, o surfista Flávio "Teco" Padaratz, agora com 32 anos, começa a abrir uma nova trilha em sua vida, mais uma vez mostrando o caminho a ser seguido. Resumindo: o surfista que 17 anos atrás mostrou para o seu país o caminho do surf profissional realiza agora o que talvez seja o maior evento de surf já ocorrido no Brasil.**

Usando sua reputação e influência, Teco trouxe o WCT para Santa Catarina, e promete, junto com seu eterno mentor Avelino Bastos e seu amigo Xandi Fontes, resgatar o clima dos grandes festivais de surf. E é justamente sobre essa nova trilha de Teco que queremos saber mais. Competindo e vivendo momentos pré-evento de grande expectativa, ele nos conta, direto de Biarritz (França), o que está acontecendo em sua vida.

**Alma Surf** *Num ano de baterias surpreendentes na sua carreira, você está entrando em uma nova fase profissional, talvez numa transição de atleta para empresário. Como você está sentindo isso?*

**Teco Padaratz** Eu me sinto um pouco inseguro, pra dizer a verdade, mas confio que estou fazendo aquilo que mais gosto, que é surfar e evoluir. Em todos os sentidos. Com isso, consigo me concentrar em uma coisa de cada vez.

**AS** *Como surgiu a oportunidade de pegar o evento?*

**TP** A oportunidade começou a pintar uns quatro anos atrás, quando eu e o Avelino botamos a proposta na mesa. Era para ser mais uma etapa no Brasil, além do Rio. A proposta foi imediatamente negada. O tempo foi passando e, depois de ver o Rio viver situações que estavam botando sua viabilidade em risco, resolvi que, se não tentasse levá-la adiante, essa etapa iria para a Europa ou algum outro lugar. Com isso, foi uma história longa, passando pelo governador, que me deu a carta de garantia, mas falou que eu teria que correr atrás de iniciativa privada. Daí houve um excelente trabalho do Avelino Bastos em vender esse projeto nos meios comerciais. Ele foi incansável! Agora é a hora do Xandi, que vai ter o duro trabalho de executar um evento móvel pela primeira vez no Brasil. E claro que, sem o suporte e a confiança que a Nova Schin nos deu neste projeto, nada seria possível. Eles abraçaram a causa por inteiro.

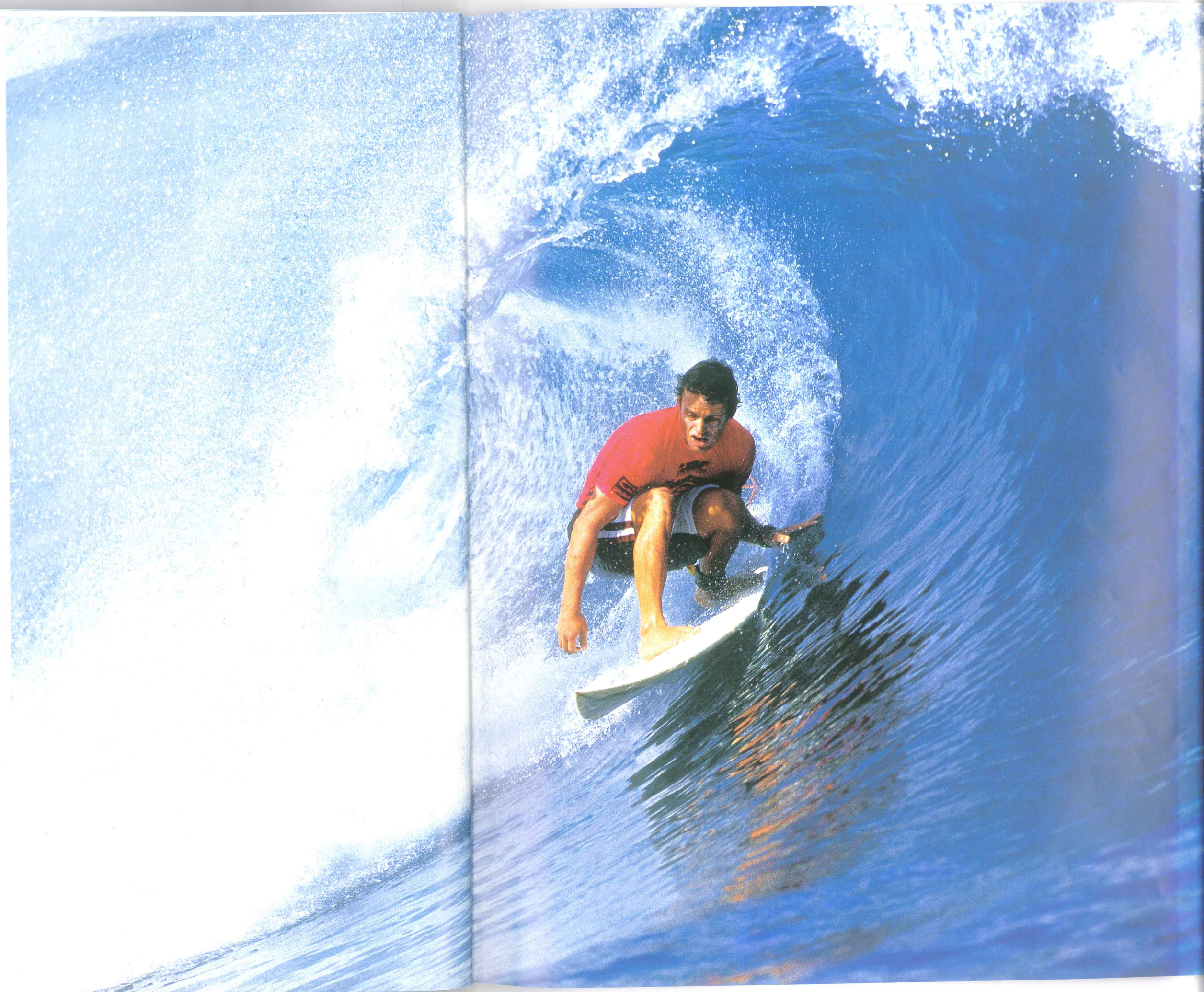
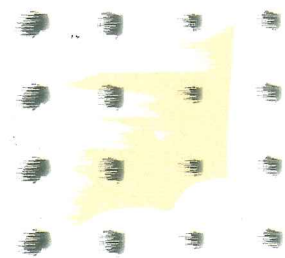
**AS** *Era um sonho antigo?*

**TP** Era mesmo um sonho. Quando eu era pequeno, ficava pensando que, em vez de ir todo fim de semana para uma etapa diferente, poderíamos ir todo fim de semana para onde tivesse onda e fazer uma etapa lá!

**AS** *Como é estar competindo com o evento na cabeça?*

**TP** Meu trabalho estará terminado perto do início do evento. Dali em diante, terei que competir. E não adianta fazer mais nada; não há mais nada que a parte institucional deste projeto possa fazer.





Fiji - Foto Sean Davey



**AS** Qual será o maior diferencial que um evento idealizado por um atleta na ativa terá?

**TP** Acho que os surfistas é que vão sentir mais a diferença, pois queremos tratá-los da forma como são tratados os outros esportistas que movem grandes mercados. Fora isso, para o público, além de ver os maiores surfistas do mundo nas praias de Santa Catarina, teremos um festival de música com várias bandas brasileiras e gringas. Também teremos uma mostra de cinema jovem, que deve rolar nessas mesmas datas.

**AS** Sei que você não é adivinho, mas quais são as grandes mudanças, e o que você espera que vai acontecer no mundo do surf nos próximos cinco anos?

**TP** Acho que o show está apenas começando. O que o tour está mostrando para o mundo hoje não é brincadeira nem dublagem. É de verdade, esses atletas estão levando o esporte e o desafio das ondas grandes para dentro dos lares, trazendo respeito e imagem para essa classe. Logo, logo o surf atingirá a tevê aberta, e aí é que vai crowdear as praias. Mas mesmo sabendo que isso é inevitável, acho que tenho que ao menos mostrar como se faz um evento ecológico, educativo e de entretenimento ao mesmo tempo.

**AS** Apenas com aéreos, tubos e manobras fortes não se chega a campeão do mundo. O que, na sua opinião, é imprescindível para se alcançar o topo?

**TP** Surfear muito e ter confiança nisso! E aprender a escolher as ondas.

**AS** O que a molecada que está ralando para entrar no WQS e a molecada que já está lá precisam saber?

**TP** Que o surf é uma profissão séria e que está cada vez mais difícil ficar ali; então, que se dedique ao esporte, de corpo e alma.

**AS** Quais os planos para o futuro?

**TP** Ficar com a família o maior tempo possível. O resto eu não sei mesmo; posso fazer muitas coisas, acho que jamais vou fazer apenas uma.

**AS** O que te levou ou ajudou a chegar aonde chegou?

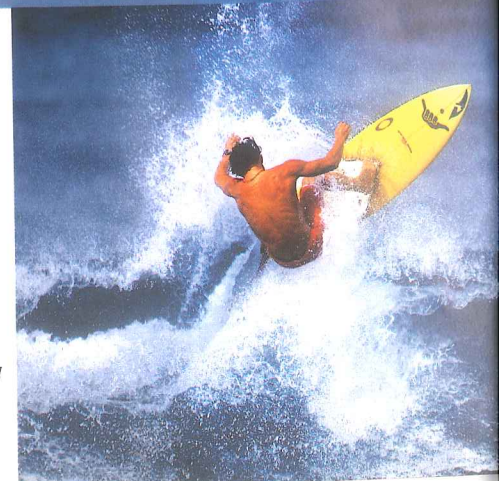
**TP** Acho que devo isso à minha maneira falante e espontânea de ser. Mas sempre tive muita convicção, não me satisfaço com padrões. Uma vez que acredito em alguma coisa, só paro na hora em que conseguir. Talvez seja por isso que ainda não parei o WCT. Acho que também devo mencionar as pessoas que Deus sempre botou no meu caminho! Não preciso nem mencionar. Eles todos já sabem quem são.



Pipeline - Foto Francisco Chagas



Cloudbreak - Fiji - Foto Sean Davey



Rocky Point - Hawaii - Foto Sean Davey

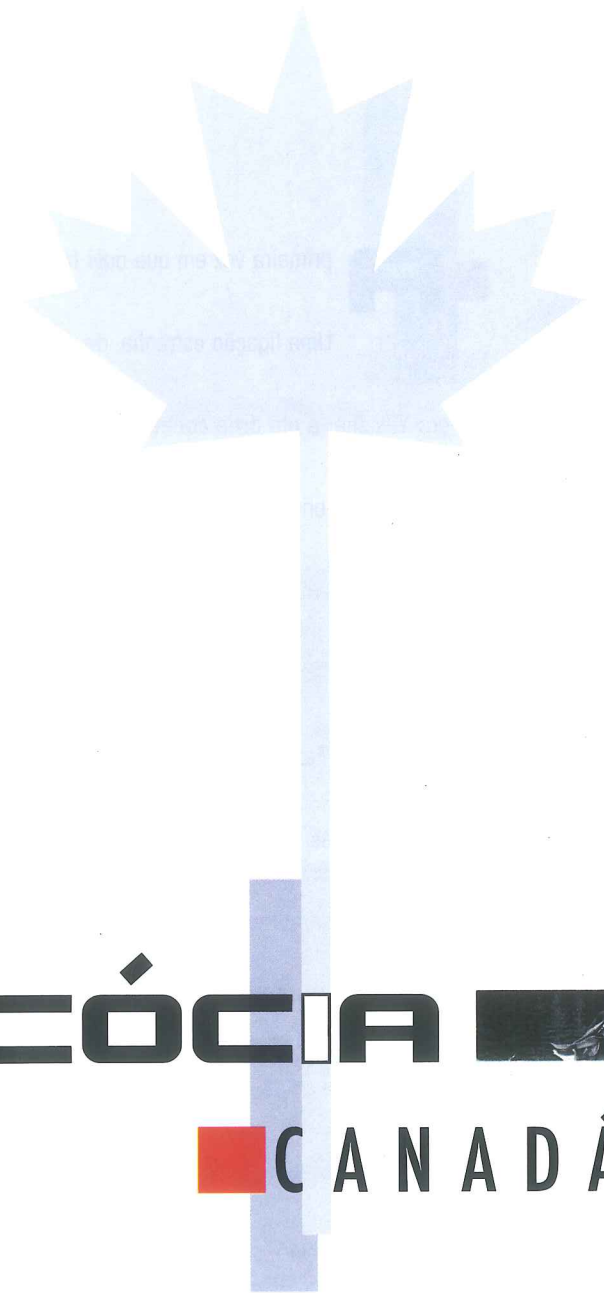


# Alma Surf Shops

estas lojas tem alma







# NOVA ESCÓCIA

 CANADÁ

Texto e fotos Sean Davey  
Tradução Viviane Palladino



**A** primeira vez em que ouvi falar da Nova Escócia foi por meio de uma fonte inesperada. Uma ligação estranha, de um camarada do qual eu nunca tinha ouvido falar. Seu nome era Yassine, e ele dizia conhecer um pico de surf virgem, bem ao norte, por onde rondam alces selvagens e onde os surfistas são uma raridade. Um lugar onde a vida marinha é abundante e as ondas quebram sobre inúmeros recifes, praias e desembocaduras de rios, à espera de alguém que venha surfá-las. Sendo um viajante apaixonado por lugares selvagens, é lógico que fiquei muito interessado. Faz tempo que estou meio entediado daquelas surf trips típicas para Mentawai, onde existem ondas perfeitas, mas lugares muito pouco interessantes. Realmente estou mais inspirado para ir a lugares com enormes cadeias montanhosas e longas linhas costeiras, sem sinais de habitação humana. É isso aí! O que eu quero mesmo é ir para um lugar deserto, onde estejamos somente eu e a natureza, mesmo que possa parecer um pouco incompreensível para as pessoas que sabem de onde eu venho: da Tasmânia, ilha-estado do sudeste da Austrália, onde as montanhas encontram o mar e você pode andar dias (em alguns lugares) sem ver ninguém. Para mim, esse é o real conceito de exploração surfística. Observar o mundo selvagem, explorando a costa na busca de picos com ondas iradas, consideradas até insurfáveis em primeira instância, mas que no fundo estão apenas esperando ser domesticadas pela pessoa certa. A ligação de Yassine foi claramente um alívio para mim, e fiquei louco para ir até lá e conferir esse surf solitário com os meus próprios olhos.



Sam (à frente) e Keith explorando a costa



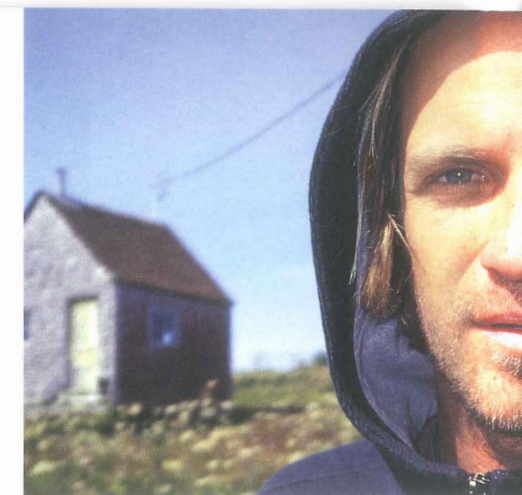
Por se situar bem ao norte (costa leste do Canadá), a Nova Escócia tem um verão curto, de apenas um mês (setembro), e Yassine me aconselhou a vir durante essa época, porque a água seria a mais quente do ano. Depois que ele me mostrou um vídeo onde um surfista brigava para alcançar a praia durante uma tempestade de neve no inverno, não precisei de mais nada para me convencer de que setembro era realmente a melhor época para visitar o local. Fiz algumas ligações, e montei uma expedição com Keith Malloy, Hans Hagen e Sam Hammer.



Keith Malloy

Keith é aquele homem de essência e alma, e senti que seria o cara perfeito para essa viagem. Um surfista de imensa habilidade, mas também uma pessoa de bom coração e apreciadora de tudo o que é da natureza, intocado e real. É isso mesmo. Realidade! Esse é o cara que viajou o mundo, fez a sua parte no WCT e agora se sente mais do que satisfeito em buscar lugares virgens da Terra, admirando-os pelo que são. Não é muito preso às frescuras do dia-a-dia da vida moderna. Acho que Keith poderia passar vários meses em um lugar despovoado apenas pelo prazer de estar ali. Um surfista viajante genuíno. Keith é um bom parceiro.

Hans Hagen também tem o mesmo sangue. Um cara que viveu a transição entre a passarela (como modelo bem pago) e o surf, e que viaja o mundo. Hans me pareceu muito semelhante a Keith. Um cara que pode viajar, e está pronto para o que der e vier. Eu sabia que isso era importante, já que estávamos indo para um lugar que, até onde eu sabia, nunca havia sido encarado como um surf point e, justamente por isso, poderíamos nos deparar com vários dias de flat. Essa viagem precisava de caras exploradores, com tanta admiração pelo surf quanto por conhecer novas culturas.



Hans Hagen

Sam Hammer (à esq) e Keith Malloy a caminho da praia

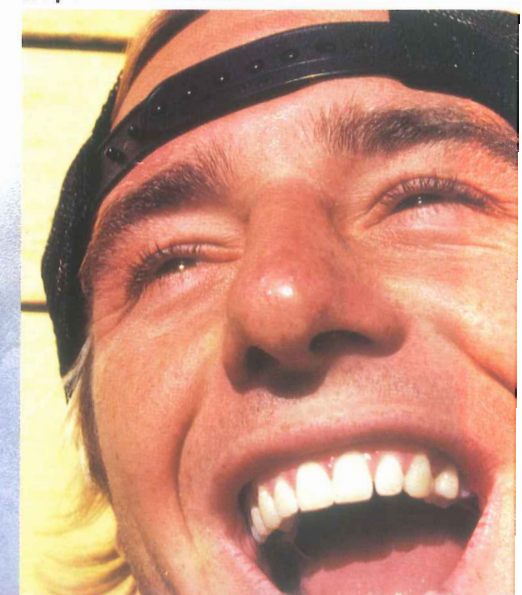


O último integrante do nosso time seria uma revelação do estado de New Jersey, um jovem chamado Sam Hammer. Agora New Jersey fazia jus a reputação de produzir pessoas que chamam as coisas daquilo que elas parecem ser<sup>1</sup>. Sem brincadeira! Estou apenas falando a verdade. Eu achei que Sam era um cara legal para a nossa equipe e que encararia o surf de qualquer jeito porque ele era de Jersey. Já estava acostumado com as águas geladas do norte e seira o cara perfeito para motivar o resto da galera.

Sam Hammer se diverte no secret ...



... e parece muito satisfeito

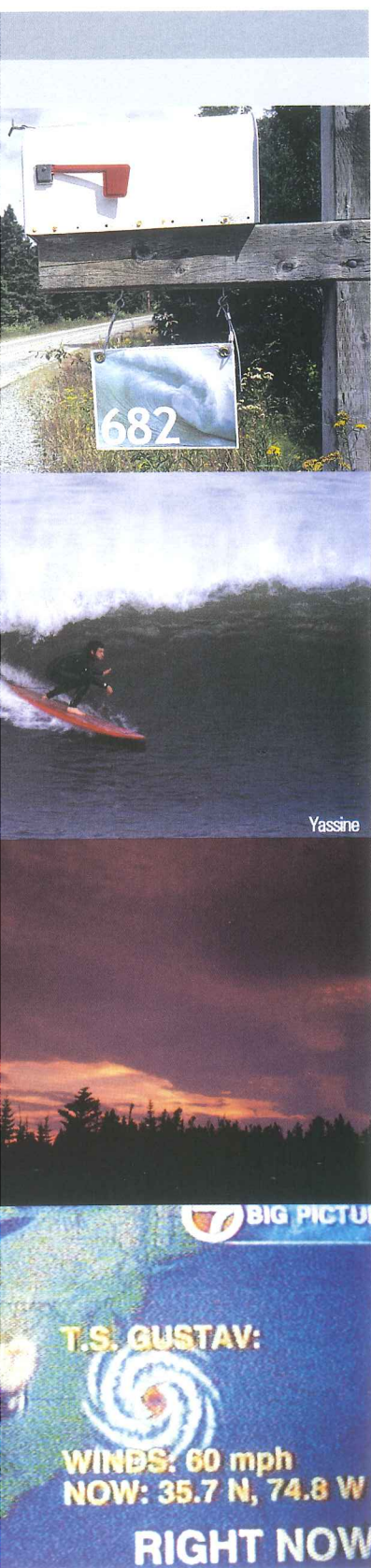






O line-up visto do rancho





Conforme setembro se aproximava, fiquei examinando os mapas de swells com muito interesse. Nunca tinha nem ao menos pensado em checar o swell nessa região. Era ao mesmo tempo excitante e frustrante. Bom porque era algo muito novo para mim. E desapontador, porque o oceano Atlântico, na América do Norte, permanece sem movimento dia após dia, apesar de Yassine ter me assegurado que os furacões vindos do Caribe normalmente impulsionam o swell para essa região nessa época do ano. Mas esse não era um ano comum, e os furacões estavam atrasados. Não havia registro de nenhum, e tampouco havia sinal de swells vindos do Atlântico leste. Mas conforme foi chegando o dia da nossa viagem, as previsões começaram a indicar o início de um ciclo de furacões; então, fui embora com um grande otimismo, à espera do que estava por vir. Generoso, Yassine nos pegou no aeroporto com uma caixa de sanduíches naturais, e ajudamos a devorá-los, já que a comida do avião era péssima.

Passamos os primeiros dias da viagem curtindo a casa dele, perto da praia, apenas esperando o swell chegar. Visitas diárias ao cybercafé da cidade sempre deixavam boas promessas, mas dia após dia o quadro era o mesmo. Sem ondas! Precisaríamos de um enorme swell, grande o suficiente para levantar o mar desse pico. O local era impressionante. Havia alguns pointbreaks perfeitos, com pequenas ondas quebrando. Precisávamos de tamanho. Em um dia particularmente quente, saímos um pouco da rota dos beachbreaks, e tudo o que conseguimos foi um



A 4WD caindo na estrada em busca de ondas

surf de 1 ou 2 pés. Não tinha exatamente qualidade fotográfica, então me juntei aos caras e fui surfar também. Não estava muito à vontade, até que vi Sam surfando apenas de bermuda. Eu estava com uma veste de 2,5 milímetros, passando calor, mas não queria nem pensar no frio que sentiria naquele short. Como eu disse, Sam é o homem das águas geladas. Yassine estava a fim de subir a costa e nos mostrar mais do seu pequeno paraíso. Ele e um amigo tinham ido conhecer a costa alguns anos atrás, pegaram a saída errada e se perderam. Se não fosse por isso, ele não teria descoberto aquela parte da costa. Levamos mais ou menos 9 horas de estrada até lá. E estávamos todos só esperando chegar para cair no mar e tirar as teias de aranha. Havia line-ups maravilhosos em todo o lugar, mas apenas um pequeno e medíocre swell entrando. Isso, porém, não tirou o entusiasmo da galera, que surfou até quase escurecer. Um monte de focas constantemente punha a cabeça fora da água para ver o que aquele bando de marmanjos estavam fazendo no quintal delas.

Passamos quase mais uma semana explorando a região, dirigindo sobre montanhas, pegando trilhas antigas em fazendas e fazendo mais alguns arranhões na caminhonete alugada. Sim, tínhamos uma caminhonete, uma grande 4WD de cabine dupla; afinal, sabíamos que a região era selvagem. Foi bom negócio ter pegado esse carro porque tínhamos muitas coisas para carregar. Entre os três surfistas, devia haver umas 12 pranchas, com espaço só para elas. Além disso, Keith havia comprado um violão novo, e de alguma forma encontrou a sua liberdade no caminho pela costa, e tudo o que ficou para trás quando chegamos foi a caixa vazia do instrumento.

O noticiário da noite tornou-se o principal foco da nossa viagem, depois de alguns dias. Assistimos ao furacão sair do Caribe e se dirigir para a costa dos EUA rumo a nós. Era o primeiro furacão da estação e se chamava Gustav. Realmente, ele se moveu muito rápido, e dentro de poucos dias já tinha atingido toda a costa e agora estava vindo até nós, o que era meio estranho porque estávamos no Canadá. Quem já ouviu falar de furacões no Canadá? O tempo ficou bem ruim naquela noite, com fortes tempestades, relâmpagos e trovoadas.



Na manhã seguinte, acordamos e caímos na estrada, ansiosos para ver o que Gustav havia trazido para nós. Cara, estava muito frio! Gustav já tinha se mandado para o norte, e em seu lugar tinham ficado os gelados ventos uivantes do círculo Ártico. Eu estava supercontente por ter comprado no dia anterior um daqueles chapéus antigos, do tipo que David Crockett<sup>2</sup> deve ter usado. Feito de algum tipo de pele e com abas para proteger as orelhas. Eu estava muito agradecido por ter essa peça de roupa tão quente, mesmo não sendo exatamente uma roupa.

A alvorada nos trouxe a neblina mais escura e densa que eu já tinha visto, e fiquei pensando como poderia fotografar sob luz tão terrível. Mas tudo aquilo foi esquecido logo que saímos para o nosso primeiro surf. Ali, abaixo de nós, o oceano estava agora muito vivo. Os swells avançavam virgens em direção à baía, deixando algumas vezes ainda mais pesadas aquelas ondas estranhas e maravilhosas, e foi apenas uma questão de minutos até que Keith, Hans e Sam estivessem lá para compensar a seca que tínhamos experimentado por tanto tempo. As focas e os leões-marinhos ainda estavam por ali; na verdade pareciam até mesmo ter aumentado. Algumas cabeças saíam fora da água e mordiam aqui e lá. Era realmente uma cena meio incomum. Keith estava totalmente compenetrado, e remava em direção às ondas de trás, buscando as maiores. Ele as achou, ou talvez eu deva dizer que elas o acharam. Tão grande era a desorganização no lineup. Ele remou furiosamente em uma esquerda sólida, foi arrastado por uma fechada também sólida e tomou muitas ondas geladas na cabeça.

Procuramos e exploramos o dia todo, encontrando uma dúzia de picos bons, inclusive um reefbreak cavado. Mas o melhor foi um pico gelado a que chamamos de "The Farm" ("A Fazenda"). Um pequeno pedaço de terra em alto-mar (promontório), onde quebrava um pointbreak de direita e uma série de beachbreaks. Lá em cima, nas montanhas, havia um velho e rústico rancho que assistia de camarote à cena. Keith e Hans o adoraram! Eu podia imaginar os dois voltando ali qualquer dia desses, ficando um mês na velha casa e fazendo um filme. Simplesmente um lugarzinho maravilhoso.

A nossa viagem à Nova Escócia certamente não propiciou a qualidade de ondas que se vê em outras partes do mundo, mas foi bem refrescante visitar um novo pico deserto para surf, onde ainda circulam livremente animais selvagens e outros surfistas são cordialmente bem-vindos antes de serem considerados uma chateação.

<sup>1</sup> Sean Davey refere-se ao nome Hammer, que, traduzido para o português, significa "martelo" ou, em alguns casos, "vigor".

<sup>2</sup> David Crockett (1786-1836), importante personagem da história americana, foi pioneiro, patriota, soldado, armador, explorador, legislador, congressista e mártir. Porém, nunca surfou.











D. Miller em Pipeline - Foto Sean Davey

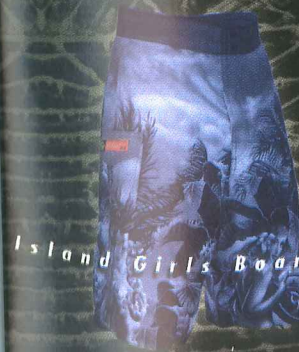
# Davey Miller

Surfista, músico e artista. Um americano boa-praça e apaixonado pelo Brasil. Esse é Davey Miller, famoso no mundo todo pelo seu surf e suas obras de arte inspiradas nesse esporte.

Por Viviane Palladino  
Fotos Arquivo Pessoal D. Miller

"Acho que o Davey é um dos mais talentosos artistas a desenhar ondas. Elas são muito perfeitas, mas ao mesmo tempo reais. Faz você querer estar lá no mesmo instante."

- Teo Padaratz.



Island Girls Boardshorts

# Rietveld

www.RietveldUSA.com  
11-3333-4570



Nascido em Ventura, Califórnia, aos 43 anos de idade Davey Miller é um cara falante e de bem com a vida, que tem o talento de transmitir através das suas obras o verdadeiro feeling das ondas. Ao levar para casa um de seus quadros, é como se colocássemos na parede aquela emoção de estar no mar pegando um tubo, ou diante de uma praia paradisíaca onde quebram ondas perfeitas. O talento para o surf e para a arte vem desde moleque. Os primeiros quadros foram pintados aos 17 anos. E quando se tornou surfista profissional, aos 20, e foi para o Hawaii, suas obras começaram a ser valorizadas no mercado. Ele diz se inspirar em tudo o que vê (detalhe: a maior parte de tudo o que ele vê é surf), mas que a sua maior fonte de inspiração está no Hawaii, local que conheceu na década de 80 e onde morou por 11 anos. No paraíso do surf, ele viveu da sua arte, pôde buscar mais experiências, ficar conhecido e pintar para clientes importantes, dos quais se orgulha e que mantém até hoje. Entre eles, Gerry Lopez, Nat Young, Mark Occhilupo, Cheyne Horan, Barton Lynch, Bartholomew Rabbit, Mark Foo, Teco Padaratz, Fábio Gouveia e Alfio Lagnado. Algumas pessoas dizem que seus quadros parecem iluminados. Para criar tal efeito, Davey utiliza tinta acrílica, pincel e aerógrafo\*, trabalhando em camadas e dando um acabamento bem detalhado, com muito brilho, transparência e textura. Avesso às exposições em grandes galerias que acontecem sempre nos EUA, apesar de ter sido convidado inúmeras vezes, o artista evita vender os seus quadros a não ser sob encomenda.

Davey já foi casado com uma brasileira e morou no Brasil por três meses, quando conheceu as melhores

**"Acho que a melhor coisa na pintura de Davey, especialmente no caso de picos como Pipeline, é que os seus quadros mostram que aqueles lugares poderiam ficar muito melhores se não houvesse outros surfistas."**

*— Sean Davey, fotógrafo australiano que vivenciou muito o trabalho do artista na época em que eles eram vizinhos, em Pipeline.*



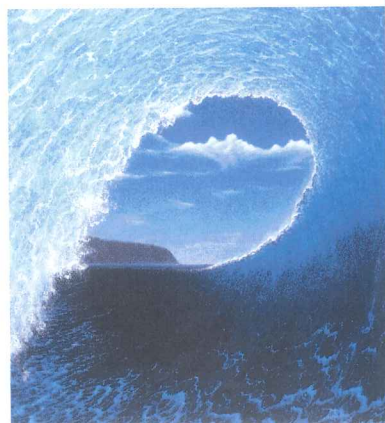
Teahupoo



Ventura Moon



Stanleys



Tunnel Vision

FOTO: MOTAURY

Todos os dias merecem ser as

Flojo

55 11 6989 4420

www.flojos.





The Zone



Hawaii 99



Ventura

ondas do litoral paulista, em Santos, Ubatuba e São Sebastião. As ondas de Maresias foram as que mais o encantaram. "Eu amo o Brasil, a música, as pessoas, a comida, a cultura e a vibe desse lugar." Agora eu entendo por que, quando Davey atendeu ao telefone, logo gritou: "Fala!", com um sotaque nasalado típico de californiano. Me assustei a princípio, pois, até então, não sabia de toda a sua história. Ele tem um filho brasileiro chamado Daniel, e não vê a hora de

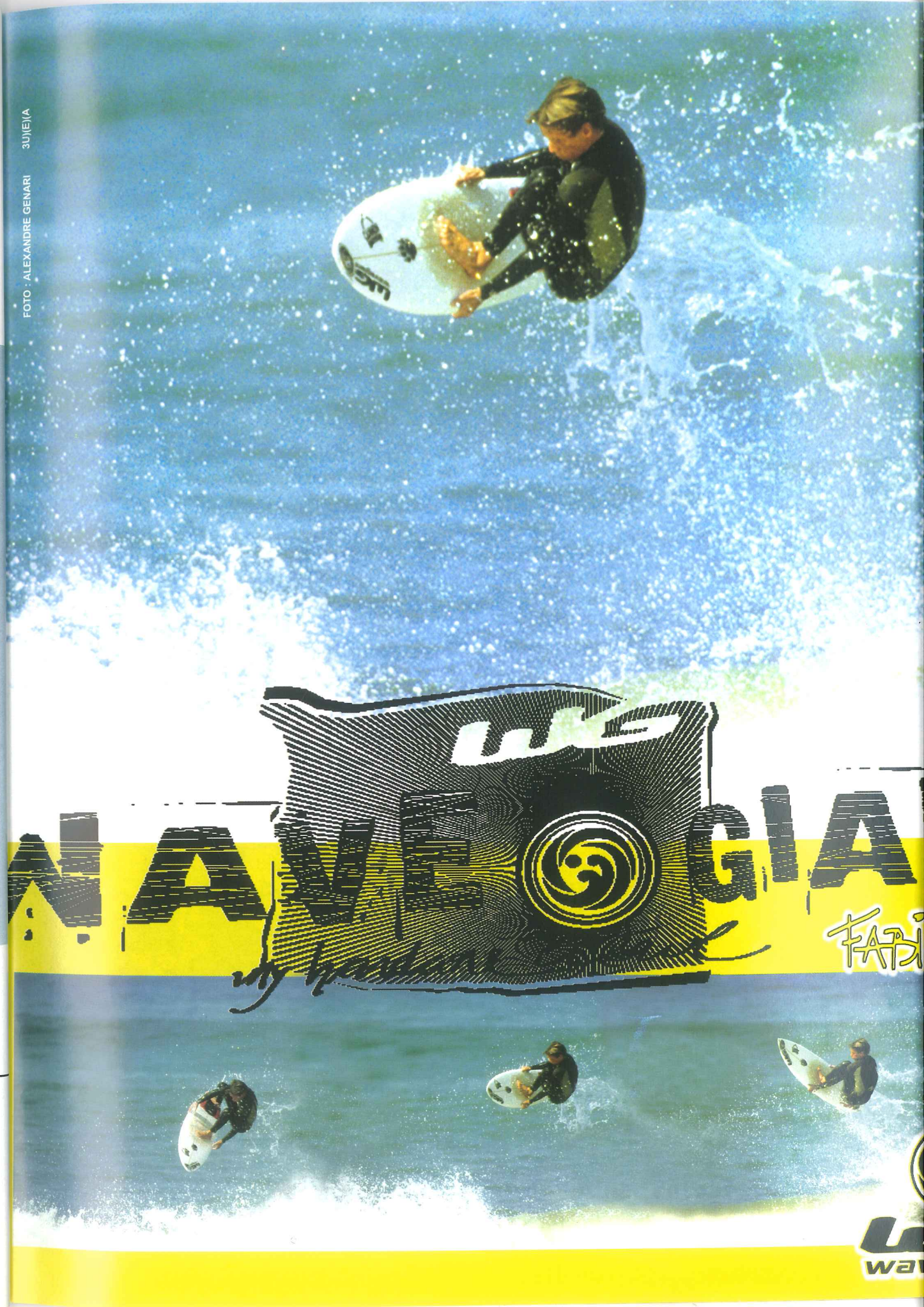
"Como surfista, é um cara que eu sempre via nos filmes quando era moleque, e me amarrava em seu estilo despojado. O cara é fera na arte de entubar, e é um dos melhores no Back Door. Tenho um quadro seu em minha casa, na verdade um pôster, que um amigo brasileiro (Cezinha) que mora no Hawaii me deu. Na época em que Davey estava vendendo uns quadros lindos no North Shore e eu tive acesso, estava liso e não comprei. Dei mole. A arte do cara é a pura essência do surf."

— Fábio Gouveia

voltar ao Brasil e conhecer outros lugares que na época não teve a oportunidade de visitar. Atualmente, mora na Califórnia com a sua família. Além de pintar e surfar, Davey se dedica muito à música, e declara: "Estou louco para voltar ao Brasil e conhecer o Rio de Janeiro. Quero tocar e cantar samba, bossa nova e jazz nos melhores pubs da cidade!".

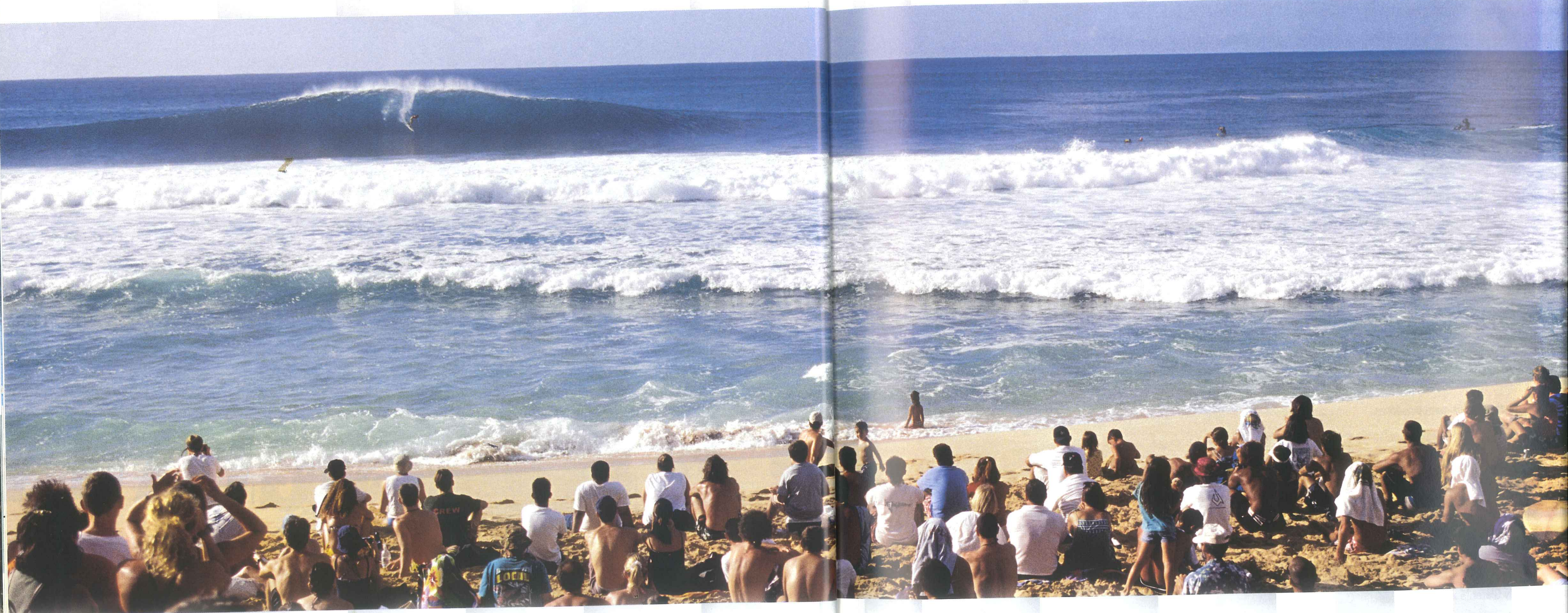
\* Em inglês: air brush, instrumento em forma de caneta que funciona com ar comprimido e borri-fa spray de tinta sobre a superfície desejada.

FOTO: ALEXANDRE GENARI 3UJEI/A





# SURF COMPETIÇÃO



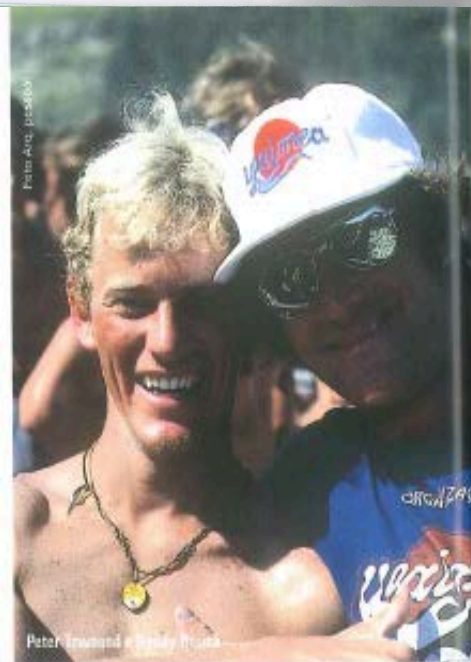
As competições fazem parte da vida de qualquer modalidade esportiva. E no surf não poderia ser diferente. São nelas que aparecem os ídolos do esporte e nelas também conseguimos avaliar o esporte como um todo (mercado, atletas, mídia).

Por Sylvio Mancusi



Nossa história começa em 1976, quando foi criada a primeira entidade responsável por eventos de nível internacional, a IPS (International Pro-Surf). É claro que antes disso já havia competições, porém fica difícil precisar quem ganhou o que, quando e onde, uma vez que não há registros precisos. Portanto, vamos considerar essa matéria com base nas entidades profissionais. O havaiano Randy Rarick foi o idealizador da IPS, e naquela época, somente cerca de seis países possuíam representantes nos eventos. O primeiro surfista a se tornar campeão mundial de surf profissional foi o australiano Peter Townend. Os 32 melhores do mundo disputavam baterias homem a homem, formato mantido até 1983, quando outro australiano Ian Cairns fundou a ASP (Association of Surfing Professionals), que até hoje organiza o circuito mais importante de surf no globo – o WCT –, e as etapas de acesso, WQS. Nesses 27 anos de surf profissional, foram muitas as mudanças e conquistas dos atletas e do mercado como um todo. Afinal, sem os patrocinadores, pouca evolução seria obtida. Grandes nomes se tornaram ídolos mundialmente famosos. Entre os principais campeões mundiais: o australiano Mark Richards (4 x), o também "aussie" Tom Carroll (2 x, sendo o primeiro a vencer pela ASP), e os americanos Tom Curren (3 x) e o recordista, Kelly Slater (5 x), não se esquecendo de Martin Potter, que, apesar de ter apenas um título em seu cartel, influenciou muitas gerações. Vale a pena citar os esforços dos australianos Cheyne Horan e Gary "Kong" Elkerton em se tornarem campeões mundiais; afinal, ter-

minar com o vice-campeonato por quatro vezes seguidas não é para qualquer um. Nesses tempos, foram clássicas as disputas dentro d'água entre Tom Curren, Tom Carroll e Mark Ochillupo. Destaque para uma bateria entre Curren e Ochillupo no Rip Curl Pro, em Bells Beach, onde Curren venceu a disputa pelo apertado placar de 3 juízes a 2. Outra bateria clássica nos anos 80 envolveu o havaiano Derek Ho e Tom Carroll no jardim da casa do havaiano, Pipeline de 8' a 12' pés, e o título mundial em jogo. Os dois esperavam pela última onda da bateria lado a lado, e, depois de verificar que Derek havia "arregado", Carroll despencou no que muitos dizem ser o drop mais animal registrado no local, na frente de todos os locais. Os primeiros brasileiros a tentarem a sorte no tour mundial foram Papê Lopes, com direito a um lindo sexto lugar no Pipe Master de 76, Cauli Rodrigues, Picuruta, e Taiu. Destaque para o santista Picuruta Sa azar, que com seus 150 títulos é um marco na história do surf competição brasileiro. Esses guerreiros passaram por muitas dificuldades para participarem de algumas das etapas mais importantes daqueles anos. Taiu explica: "Sempre foi e sempre será difícil correr o circuito. Não é fácil enfrentar as dificuldades e os melhores atletas do mundo". O surf sempre foi muito marginalizado no nosso país, e graças a ícones como esses citados acima as portas começaram a se abrir para nossos atletas. O Waimea 5000 foi o primeiro campeonato internacional disputado em nossas águas, no Arpoador, Rio de Janeiro. Papê Lopes venceu em



Peter Townend e Kelly Slater



Foto Sean Davey

Tom Carroll - Pipeline



Foto Sean Davey

Cheyne Horan

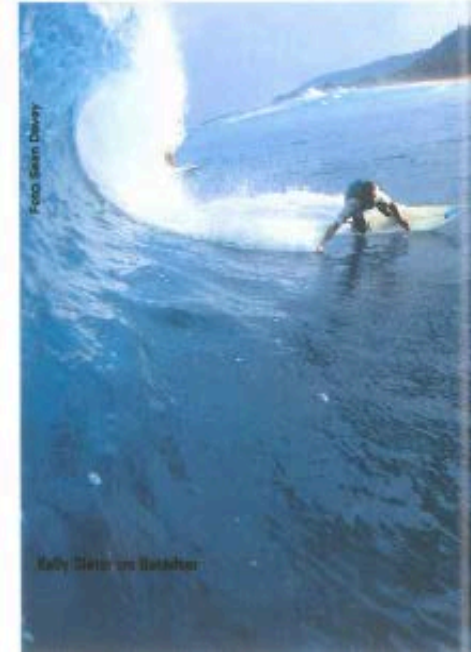


Foto Sean Davey

Kelly Slater no Bells Beach



Foto Milton Barbosa / Invicta Boardshop

Taiu no Hawaii

76 e Daniel Friedmam em 77. Destaque para Fred Dorey, que venceu as duas triagens para esses eventos e foi o pioneiro em aéreos no Brasil. Naquela época ele já mandava esse tipo de manobra nas baterias. Valdir Vargas também se destacou em uma etapa do OAM Bali Pro, ficando no nono posto. Em 88, Fábio Gouveia quebrou tudo no Mundial Amador em Porto Rico e foi o campeão open. Ele e Flávio Padaratz foram juntos nossos primeiros reais representantes no Circuito Mundial, e ambos até hoje botam para quebrar no WCT. O Brasil entrou definitivamente no tour quando sediou em Florianópolis o Hang Loose Pro Contest, primeiro evento internacional em dia de ondas internacionais na Praia da Joaquina. Hoje, depois de muito trabalho, contamos com algumas etapas do WQS e também com uma do WCT. O Rio de Janeiro foi a primeira cidade a sediar uma etapa do WCT, o Rio Surf Pro, que durou alguns anos. Agora, em 2003, vai rolar uma etapa inédita do WCT em Florianópolis, patrocinada pela Schincariol e com direito a palanque móvel, shows e muita agitação. Flávio Padaratz, depois de vários anos na estrada, resolveu participar da organização do evento. "Já faz muito tempo que tenho vontade de fazer uma etapa dessa. De surfista para surfista, onde daremos certas assistências aos atletas que os outros nunca deram? Também pela mobilidade, pois quando era pequeno sempre tinha que ir correr o catarinense na praia escolhida, em vez de acordar e escolher a melhor praia para correr as baterias. Sei lá, mas é um sonho que sempre tive de receber a ASP, do



melhor modo possível, pois sempre soube que ela podia ser feita no Brasil", explica Teco.

Os americanos possuem um dos melhores circuitos nacionais, e Tom Curren e Kelly Slater são prova da qualidade e talentos deles. Mas os OAM (On a Mission, sigla dos atletas que correm o circuito mundial), depois de produzirem ícones como esses dois, não apareceram com mais ninguém do nível, e a cobrança é forte até agora. O Hawaii, por outro lado, não produziu nenhum ícone do nível dos citados acima, mas a frequência com que aparecem campeões mundiais é constante. Derek Ho, Sunny Garcia e Andy Irons são os campeões polinésios, e Andy está na briga pelo seu segundo título consecutivo com Kelly Slater. As ondas com certeza ajudam a lapidar o talento dessa galera, acostumada a acordar e surfar muitos tubos, bem diferente da galera aqui do Brasil. Na Triple Crown, os havaianos levam singela vantagem por já estarem acostumados com as ondas, mas hoje isso também não é problema para caras como Kelly Slater, Rob Machado, os irmãos Patterson ou mesmo um Michael Lowe da vida. As decisões do ano sempre são no Hawaii, e a pressão é grande nessa época. Os havaianos já chegaram a fazer grandes represálias. No ano passado, Luker Egan tomou várias intimadas dos locais, e o clima ficou tenso durante a disputa do título mundial entre ele e o local Andy Irons.

O circuito havaiano Pro se assemelha a um circuito amador brasileiro, com relação à estrutura. São poucas etapas e a grana é curta. Já participei de uma etapa dessas em Sunset, e terminei nas quartas-de-final. O carioca Yuri Sodré e



Foto Asp Ellis

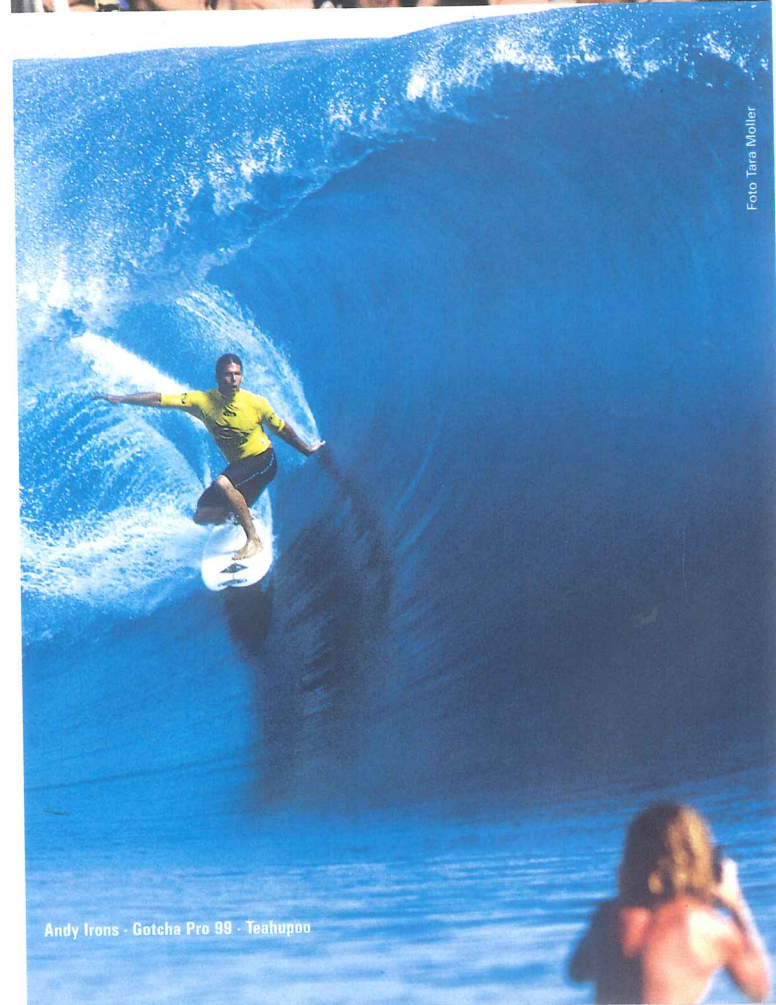


Foto Tara Moller

Andy Irons - Gotcha Pro 99 - Teahupoo



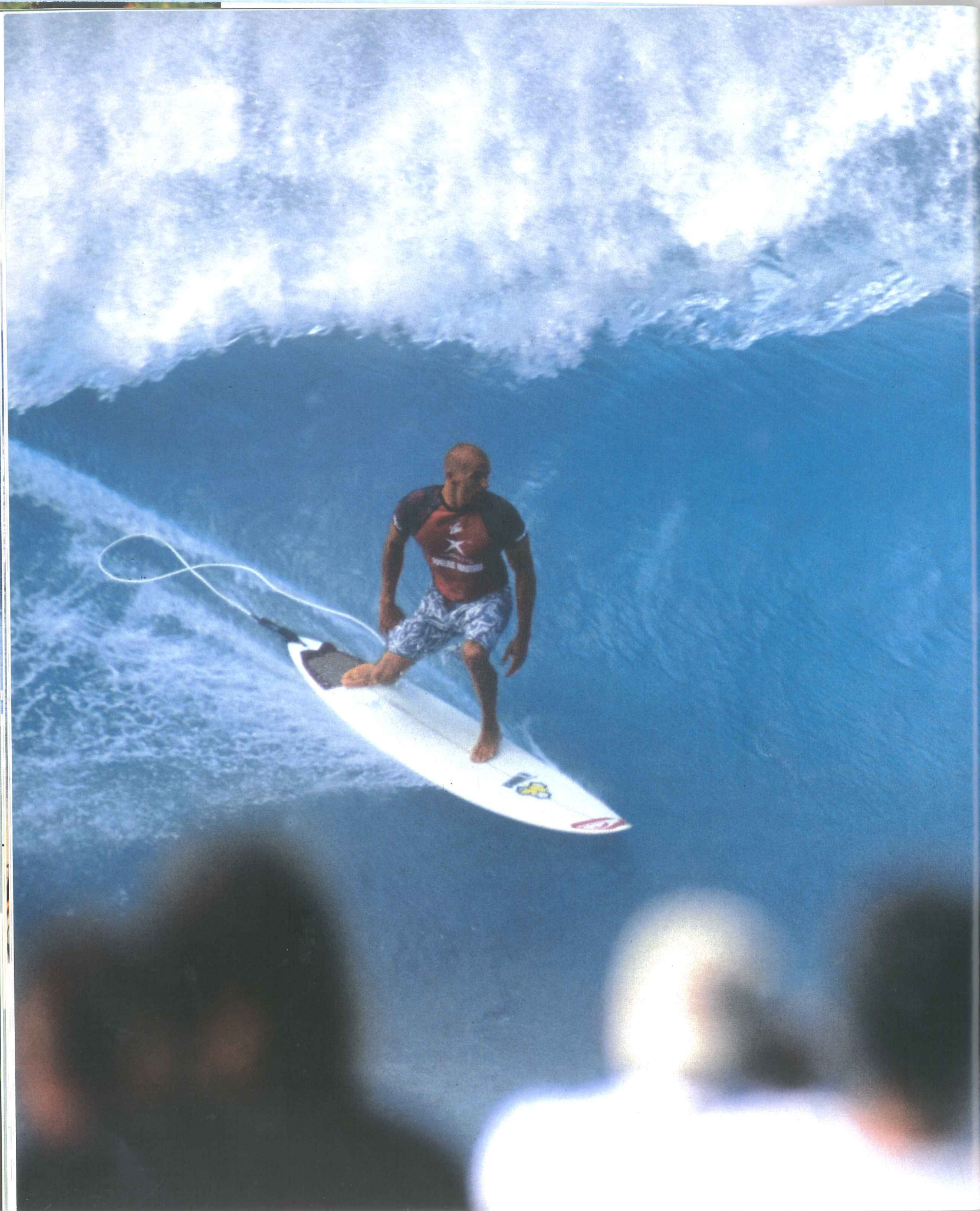
Foto Sean Devey

Sunny Garcia - Rip Curl Pro



Foto Sean Devey







Hawaii poderem usufruir de condições mais favoráveis para o surf. As ondas grandes sempre fascinaram a todos, e o primeiro real campeonato de ondas grandes foi o Eddie Aikau, em Waimea. Desde a sua primeira realização, em 86, todo ano a expectativa é grande. A baía de Waimea parece um estádio de futebol nos dias em que o espírito do Eddie atinge o lugar. Já surfei antes e depois do evento e sei que os gritos da galera se ouvem do outside. A principal avenida, a Kamehameha, que dá a volta na baía, fica lotada e o trânsito pára durante as baterias. Os brasileiros sempre lutaram por uma vaga na lista de convidados, mas somente Bocão e Burle já integraram a lista principal de convidados. O segundo evento de maior importância nesse âmbito foi o realizado em Todos Santos, México, e com todo o orgulho posso escrever que foi vencido por um brasileiro. Burle correu por fora e desbancou os favoritos em ondas de 20' plus, levantando a bandeira tupiniquim no ponto mais alto do pódio. Na seqüência, o surf de ondas grandes atingiu seu ápice nos campeonatos de tow-in. A plástica dessa modalidade atraiu o grande público para um dos campeonatos mais importantes da história, a Tow-In World Cup, que foi patrocinado pela empresa carioca Mega Filmes e organizado por Rosaldo Cavalcanti e Jorge Guimarães. Para finalizar, o carioca Rodrigo Resende foi o campeão, ao lado do havaiano Garrett Mcnamara. As premiações para as maiores ondas do inverno – o Big Trip só para brasileiros (na remada) e o XXL, aberto tanto para atletas quanto como modalidade, em que o que interessa para receber

a bolada é o tamanho da encrenca – tem entretido de forma muito positiva toda a mídia e atletas especializados. Mike Parsons, Burle e Makua Rothman receberam em torno dos US\$ 60 mil, mas na minha opinião ainda é muito pouco pelo retorno aos investidores. A grana investida pelos atletas para proporcionarem shows desse nível – jet-skis e equipamentos especializados – é muito alta. Antes que eu me esqueça... Não é para qualquer um fechar a praia de Pipeline em um dos melhores dias do mês para um campeonato só para brasileiros. Mas foi o que o carioca Ian Martins, mais conhecido como lanzinho, fez nos anos 80, em uma época em que o jiu-jítsu não existia e o localismo era muito pesado por aquelas bandas. Em um Pipeline de gala, Pacheco venceu esse evento especial, com juizes como Rorry Russel e Liam Macnamara na praia dando as notas aos brasucas, que surfaram sozinhos nesse dia. Nenhum local ousou entrar no mar, obedecendo à ordem do xerife Eddie Rothman, que havia fechado o negócio com lanzinho. O dinamismo dos organizadores aflorou tanto que eventos especiais chegaram até o Norte do Brasil, na onda mais longa do mundo, a pororoca. Há cerca de quatro anos que a onda produzida pela junção da água salgada com a doce é palco de uma das disputas mais longas da história. Perguntem ao recordista cearense Adilton Mariano, com 34m10s. A entrada do surf nos X Games deste ano, cobertos pela ESPN, foi uma das maiores vitórias da história do surf competição mundial. Graças a uma batalha entre os surfistas e a ASP, ganha

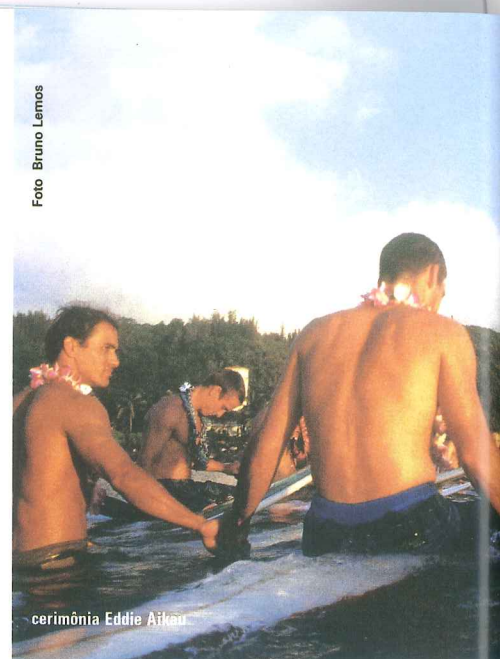


Foto Bruno Lamos

cerimônia Eddie Aikau



Foto Asp Ellis

estrutura para competições Tahiti

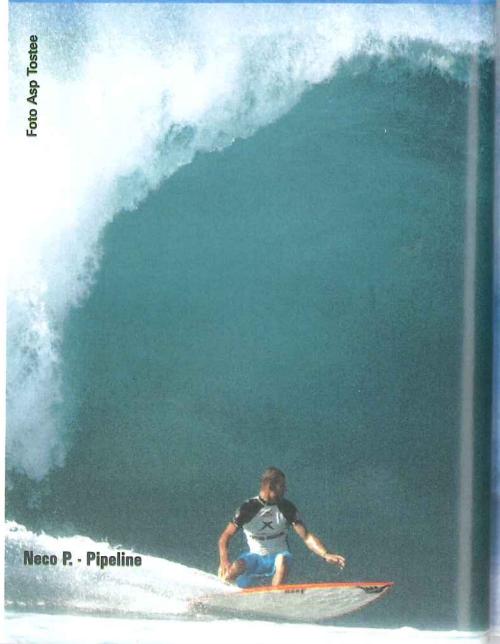


Foto Asp Toabe

Neco P. - Pipeline

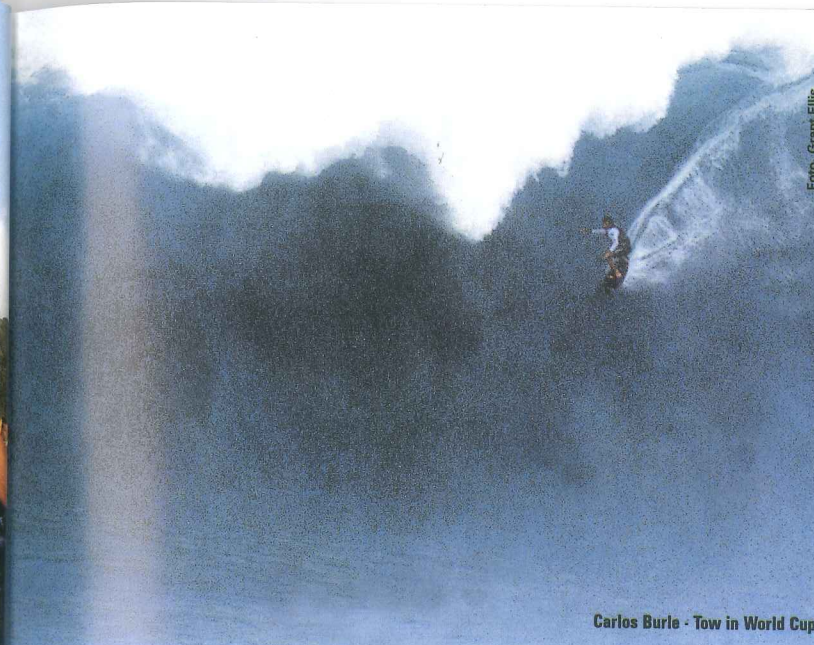


Foto Grant Ellis

Carlos Burle - Tow in World Cup



Foto Chagas

Toco Pederatz - Hawaii

nos bastidores por ícones do esporte, como Kelly Slater, Shane Dorian, Kalani Robb, Pat O'Connell, entre outros, o surf pode ter dado um grande passo para se tornar um esporte olímpico. Outra característica positiva nos X Games foi o formato da competição. Os atletas formaram times, e a disputa se tornou muito mais interativa para o público, na areia e dentro de casa, acompanhando pela TV. O esforço desses ícones foi ímpar, e essa galera com certeza entrou para a história. O que é muito legal de notar é que a gana de competidor é hereditária. Os filhos de Picuruta, Wagner Pupo, Ricardo Toledo, Rico de Souza, entre outros, estão aí para provar isso. Muito maneiro... É com o apoio da sociedade, de políticos, pais e do mercado que se formam verdadeiros campeões. Estamos no caminho certo. Neste texto, faltou um marco em nossa história que com certeza faria a nossa cabeça. O título mundial! A esperança é a última que morre, e na certa nosso talento e superação, armas marcadas de nosso povo, ainda falarão no lugar mais alto do pódio! Vamos lá, Neco, Peterson, Teco, Fabinho, Herdy, Rocha, Moura, Ribas, Raoni, Léo Neves; boto muita fé também na próxima geração, Mineirinho, Pigmeu, Marcondes, Júnior Faria, Heitor Pereira, Eric de Souza, Tiago Bianchini, entre outros grandes talentos.

Força, Brasil!

Aloha

\* Agradecimentos ao Taiu pela ajuda com as informações.



A prancha cola no pé,  
a lata cola na mão,  
e a mulhetada, bem,  
a mulhetada é difícil mesmo.



### ✦ Floripa ✦

Santa Catarina

Surf, shows e  
muita Nova Schin  
pra experimentar.

31 de outubro  
Gabriel O Pensador  
Lulu Santos  
Big Mountain

1º de novembro  
Surf Explicito  
O Rappa  
Tribo de Jah  
Concrete Blonde

[www.novaschin.com.br](http://www.novaschin.com.br)



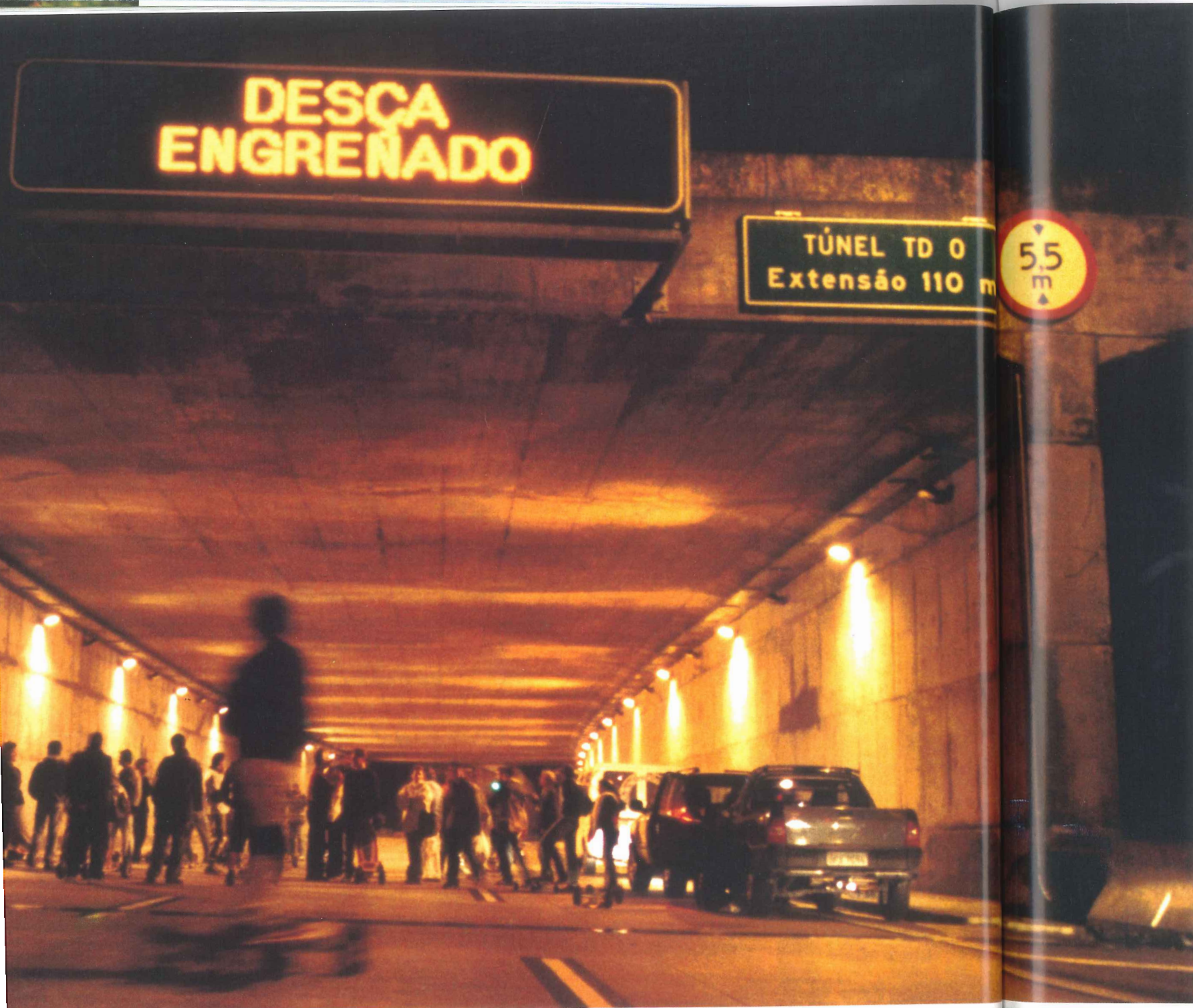
MUNDIAL DE SURF  
WCT BRASIL 2003  
27/OUTUBRO A 04/NOVEMBRO



DESCÇA  
ENGRENADO

TÚNEL TD 0  
Extensão 110 m

5,5  
m



O quê? Fechar a Imigrantes para descer de skate? À noite? Ah, tá, duvido! foi minha imponente e precipitada reação. Porém, durante aquele dia na redação comecei a perceber a empolgação de nosso editor Romeu Andreatta, seguidamente ao telefone: “Meu, os caras vão fechar os túneis da Imigrantes\* essa madrugada e a gente vai dropar de carve\* até as cinco da manhã”. Sem muitas informações detalhadas sobre o que iria acontecer de fato, quem participaria ou como seria o acontecimento, decidi comprar alguns filmes, carregar as baterias e esperar o “ver para crer”

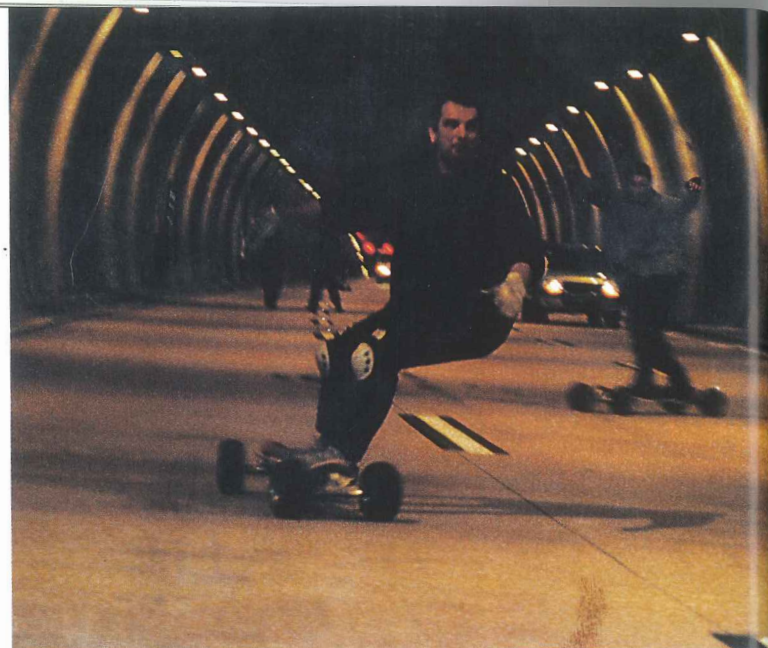
# OU MELHOR ADRENADO

Texto e fotos Juliana Moraes





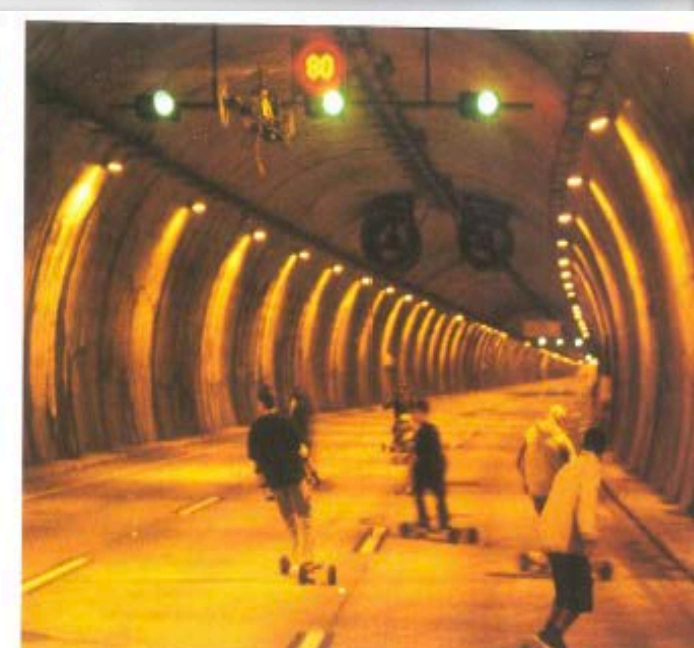
Adrenalina por dentro do túnel



Romeu Andreatta dropando de carve



Os skatistas reunidos



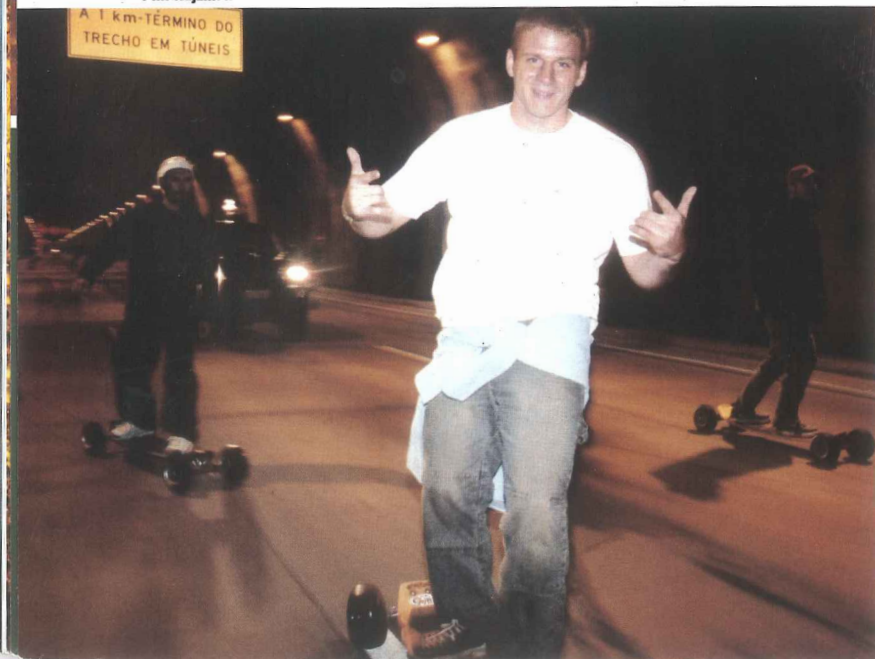
Longos tabos de concreto

Chegando na loja da Gzero\* (ponto encontro da expedição) percebi que um movimento interessante realmente aconteceria. Em torno dos carves, surfistas, skatistas, snowboarders e curiosos de todas as idades não conseguiam disfarçar a euforia de participar de uma aventura urbana que estava prestes a marcar a história do esporte. Depois de uma breve explicação do que seria tal brincadeira, João Simonsen, um dos idealizadores do projeto, encheu o peito de ar e deu a bandeirada. Teríamos das 23h às 5h da manhã livre para descer os três túneis da Rodovia dos Imigrantes com vários skates à disposição. A imagem era digna de um filme de skate. Cerca de 40 criaturas excitadas e adrenadas correndo para uma barca em que muitos pagariam caro para estar. Naquele momento, o grupo percebeu que era privilegiado e que, por isso, deveria representar (alucinar, gritar, dropar...) impressionantemente bem os milhares de pessoas que sempre sonharam descer aquela serra sob as quatro rodinhas.

## Acelera na Imigrantes...

Passado o primeiro pedágio, fomos acompanhados pelo pessoal da Polícia Rodoviária até a placa luminosa que piscava insistentemente, fazendo-me crer na realização da façanha: "Imigrantes em manutenção – Litoral pela Anchieta\*". Logo em frente, a beleza da serra em contraste com a magnitude arquitetônica dos túneis (são três: o primeiro é o maior túnel rodoviário do Brasil, com 3.146 metros de comprimento, seguido de outros dois, de 2.080 metros e 3.005 metros, respectivamente), já impressionava. Meia-noite, 12º e a típica garoa fina e gelada da serra não intimidavam de

Phil Rajzman



forma alguma os malucos acalorados. Todos a postos, prontos para a largada do "surf na serra". Desenfreados, droparam, surfaram, se emocionaram, caíram, levantaram, agradeceram a Deus e confraternizaram no final de cada túnel. Profissionais do skate, amadores e amantes do drop desfrutaram, naquele momento, um movimento inédito do esporte nacional (foi a primeira e talvez única vez em que a concessionária Ecovias deu espaço para esta prática). Segundo João Simonsen, a logística foi complicada, durou muitos meses, mas valeu a pena. "Tínhamos que manter tudo em segredo, pois não sabíamos estimar os riscos. Felizmente deu tudo certo, todos se divertiram e ninguém se machucou". A maioria nunca havia subido em um carve antes, nem mesmo o campeão mundial de longboard, Phil Rajzman, que arrepiou na brincadeira. "Realmente a sensação era de que estávamos surfando no asfalto, fazendo altas manobras".

Tudo bem que fazer snowboarding nas montanhas no Vale Nevado é inesquecível, surfar altas ondas no Hawaii é mágico, mas descer a Rodovia dos Imigrantes, com um grupo de amigos, nas quatro rodinhas, em plena madrugada de uma quarta-feira, foi surreal. Tudo que muitos boarders sempre imaginavam nas descidas de sexta-feira ao litoral estava ali: as três pistas da Imigrantes livres, sem tráfego, aquele asfalto lisinho e muito vento na cara. O parque de diversões das rodinhas que estava tão perto, mas ao mesmo tempo tão distante, abriu suas portas! E nós, fotógrafos, cinegrafistas e jornalistas pudemos sentir na pele esse prazer, registrando momentos peculiares de contemplação, de adrenalina, de realização e de tantos outros sentimentos que eventos como este podem proporcionar a um esportista de alma. "Obrigado, senhor."

• **Imigrantes:** rodovia que liga a cidade de São Paulo ao litoral. Finalizada em dezembro de 2002, foi uma das maiores obras rodoviárias já construídas no Brasil. Atualmente, centenas de milhares de carros trafegam por ali todos os finais de semana. Possui três túneis, que somam quase 9 km de comprimento, com 11 metros de altura e três faixas de rolamento.

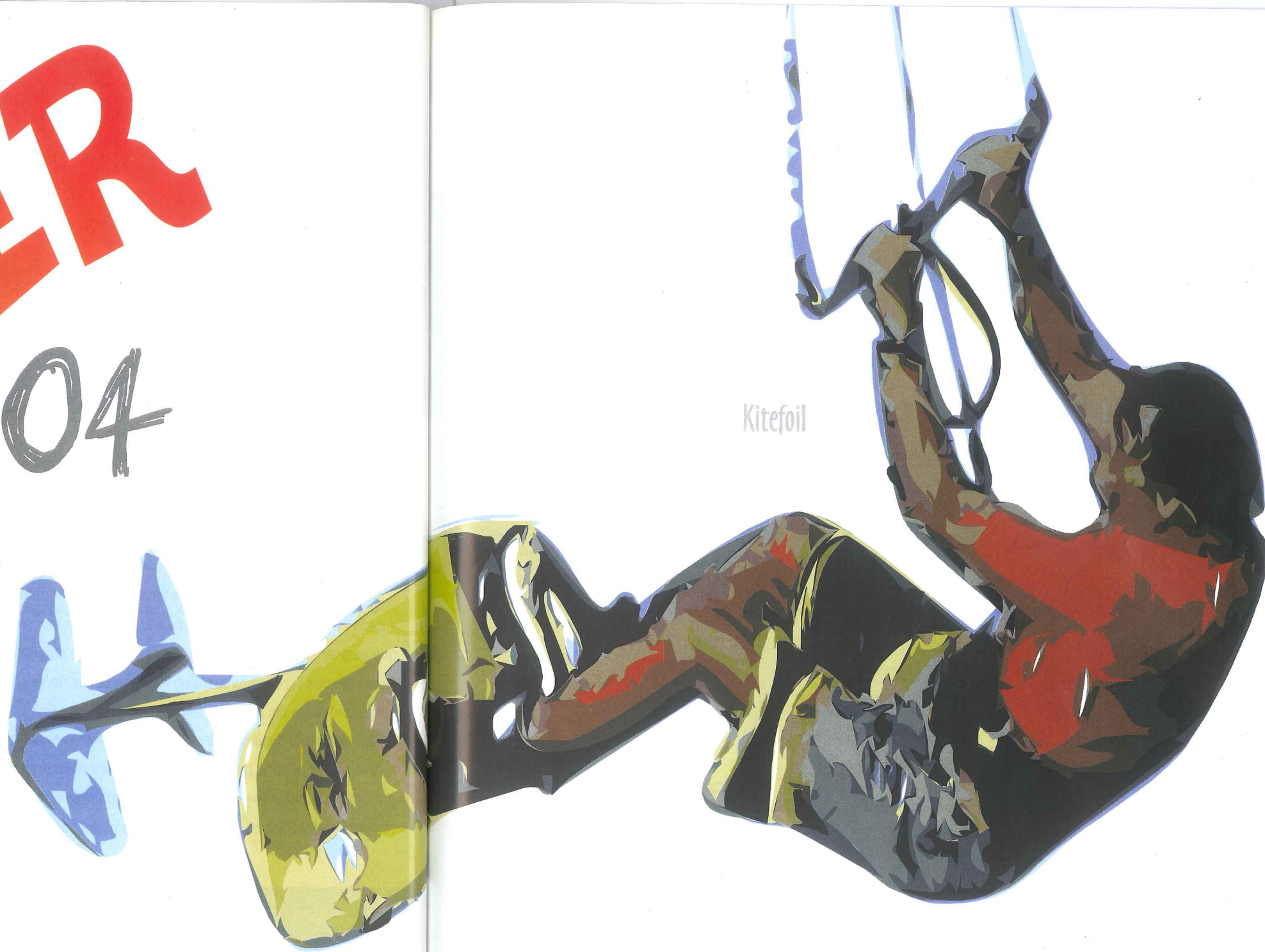
• **Carve board:** tipo de skate que simula as mesmas manobras do surf, com o mesmo posicionamento de pés e bordas. É equipado com rodas maiores que as do skate normal, eixos traseiros e dianteiros também graças ligados a dois feixes de molas. É praticado em ladeiras de superfície lisa e com leve inclinação. (Veja a matéria sobre o carve board na Alma Surf #17.)

• **Gzero:** loja de equipamentos de esportes radicais que realizou o projeto em parceria com a concessionária Ecovias, Rede Globo e Alma Surf.

• **Anchieta:** outra rodovia de acesso ao litoral, por onde trafegam caminhões e ônibus.



# SUMMER 2004



Kitefoil

[www.gzerostore.com.br](http://www.gzerostore.com.br)

# Zero STORE

Loja 1 | Rua Camargo Cabral, 20 | Cidade Jardim | SP | 55 11 3704-7600  
Loja 2 | Rua da Padroeira, 37 | Ilha Bela | SP | 55 12 3896-6743

Kitefoil | Vitor Marçal | North Shore | Hawaii | Foto: Bruno Lemos

Roupas | Equipamentos | Acessórios | Lounge | E-commerce

Surf | Tow in | Kite | Wind | Snow | Wake



# O VIOLINO DO

# CRAMULHÃO

*Indonésia*

Texto Paulo Lima

Fotos Bruno Alves



Logo na chegada, para curar qualquer enjôo ou "jet lag", uma das ondas mais rápidas e perfeitas da viagem, não por acaso, batizada de "Lexotan"





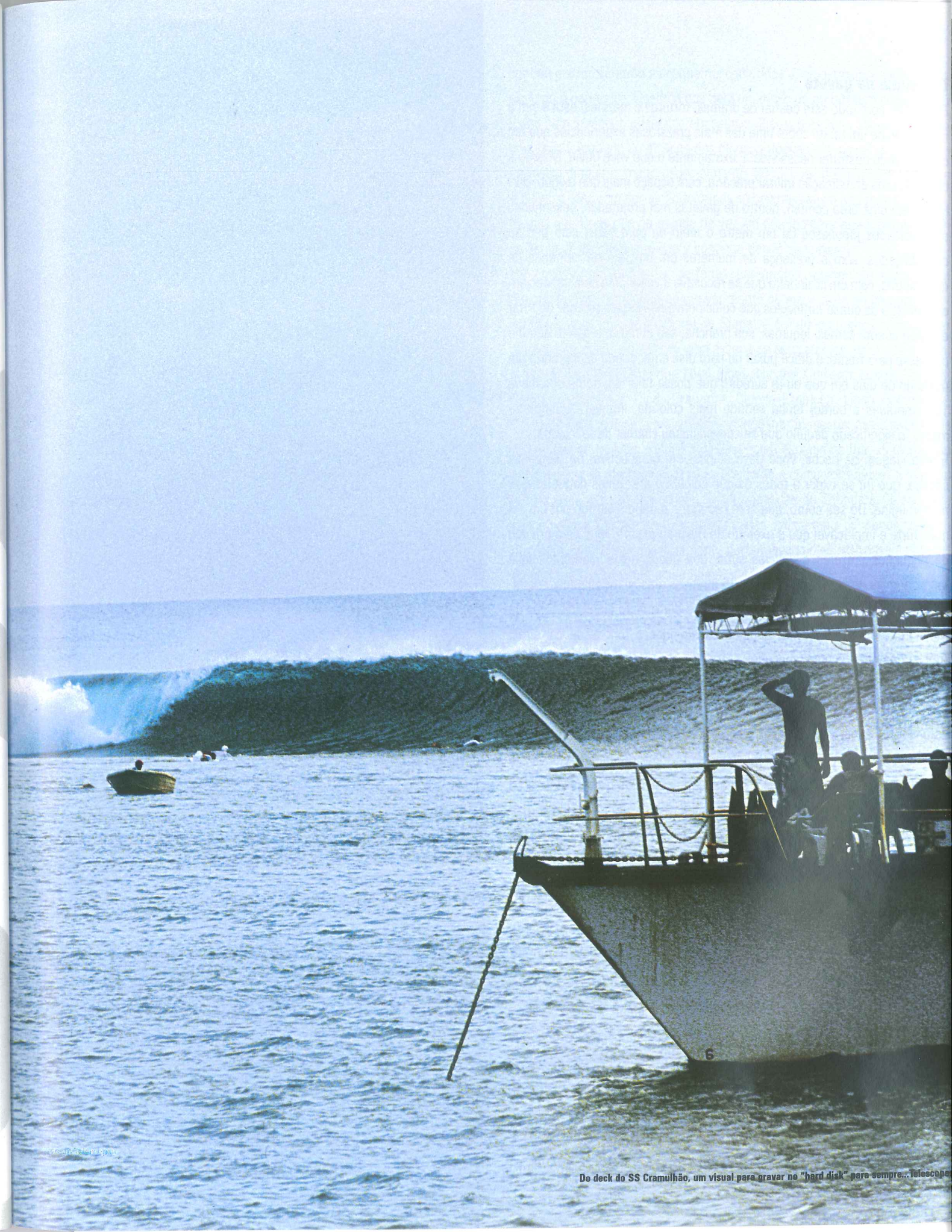
Paulo Lima, acelerando nas férias movimentadas em Lanco's Left



Rodrigo Vovó bota pra baixo com classe, numa onda pesada em Iceland

O raciocínio embaralhava. As idéias se amontoavam sem um pingo de lógica, como as águas de uma porroca desgovernada, desviada por pedras e tocos aleatórios. Quando ensaiavam formar filas, esboçando alguma lógica, eram de novo desarrumadas por aquele barulho ensurdecido que parecia vir da longarina, a coluna vertebral da barca, um barulho desconcertante, que ficava entre o ranger dos dentes de um dinossauro insone e o mais estridente violino tocado por um cramulhão furioso. Se fossem colocados sensores de eletroencefalograma na cabeça de alguns de nós, as agulhinhas certamente registrariam no papel rabiscos desiguais e nervosos, revelando a dança neurótica dos neurônios desembastados, bailando o "Pogo" dos desesperados.

Assim transcorreram as primeiras 12 horas a bordo do indefectível Triton I, a embarcação de origem nipônica que, adaptada para charters de surf, viraria nossa casa, refeitório, área de lazer e descanso, pelas próximas 18 luas. Importante dizer que o cenário apocalíptico descrito acima era só o começo, e ainda conseguiria comportar razoáveis agravantes. As pobres 11 almas encarceradas naquela cabine acabavam de enfrentar mais de 48 horas de viagem até o remoto porto de Padang, em Sumatra, na Indonésia, com direito a parada e tour ciclístico por Amsterdam, escala no mix de aeroporto e mall de Cingapura, horas no suarento terminal aéreo de Jakarta, onde, diga-se, nos foi servido um detestável picolé de sashimi, e mais umas cinco outras horas sentados no saguão de um hotel de gosto duvidoso na própria Padang, até que fôssemos levados aos nossos aposentos flutuantes.



Do deck do SS Cramulhão, um visual para gravar no "hard disk" para sempre... Telescópio



## Dormindo na gaveta

E acredite, com todo este desfiar de dramas, torturas e mazelas, esta é sim a introdução de um relato sobre uma das mais prazerosas experiências que um caboclo pode desfrutar nessa vida. É exatamente o que você ouviu. Mesmo a bordo de uma embarcação militar precária, com espaço mais que exíguo, dormindo em uma área comum, dentro de gavetas mal projetadas, desenhadas para soldados japoneses de um metro e meio ou para seres sem pés ou descabeçados, sem a presença de mulheres em um raio de centenas de quilômetros, com um cozinheiro que se recusava a vestir uma camisa, deixando à mostra os quase furúnculos que colecionava nas costas e capaz de fritar em óleo quente carnes, legumes, sua prancha, seu minidisc e tudo o que lhe passasse pela frente, é difícil puxar no hard disk empoeirado da memória um punhado de dias em que eu (e acredito que possa falar em nome dos meus 10 camaradas a bordo) tenha sentido mais colorida, intensa e completamente, o significado daquilo que se convencionou chamar de felicidade.

É uma viagem de riscos. Você deve colocar em perspectiva, na tampa da cabeça, que irá se expor a todos os que calcula e a dezenas daqueles que nem imagina. Do seu couro, que será castigado e depois curtido por um sol mais forte e implacável que o exército de Bush ao espírito, que será privado de pequenos prazeres e delícias sutis, dos quais, neste momento, você talvez nem se dê conta. Ao longo de 18 intensos dias, vi marmanjos normalmente resistentes e cascudos irem à lona, se derretendo diante de fotos de familiares descobertas entre páginas de agendas e fundos de carteiras. Alguns namoros recém-começados eram testados pelo índice de horas em que a imagem da nova amiga ou namorada tomava conta da tela da mente. Ouvi, de outros, confissões de saudades menos românticas mas não menos defensáveis, como a de uma certa padaria dona de um certo pão na chapa impossível de ser igualado por qualquer outro lugar do mundo. Houve até mesmo, quem ameaçasse revelar saudades implacáveis dos afazeres e da rotina de seu escritório. Bem, este, é bom que se diga, foi reprimido verbalmente e teve que amargar em segredo suas próprias carências. O fato é que se trata de um período de riscos e perigos. Inclusive um dos maiores, o de se questionar a vida que se leva a tal ponto, que muita gente acaba voltando com a visão de mundo e a escala de valores eternamente alteradas. E outros, acabam não voltando.

## Casa Cor

Passadas as primeiras horas fritando na cama sarcófago, na luta contra o violino do cramulhão, para qualquer lado do convés, da popa e da proa que se olhasse, a arquitetura divina estava lá, sem retoques necessários, cada ponto em seu lugar certo. Ilhas como aquelas que antigamente ilustravam calendários japoneses, as inesquecíveis folhinhas de peixaria. Águas verde-claras, areias de alvura indescritível, vegetação agressiva, quase sempre



Para onde quer que se olhe, as coisas são tão incrivelmente perfeitas, que você começa a achar normal estar no paraíso.



Do dingue, preparando para cair na água ou tomando um banho entre uma bateria e outra, o visual era algo difícil de descrever. Tanahala, North Sumatra

contida por um cinturão de coqueiros compridos e majestosos, dando a volta em todo o perímetro. Quadros que nem um gênio da arquitetura como Renzo Piano nem qualquer paisagista em seus melhores dias seria sequer capaz de imaginar. E logo ali, ao alcance dos olhos, a apenas alguns minutos a bordo de nosso dingue e, muito especialmente, ao alcance dos riscos das nossas quilhas, ondas com perfeição e formas só comparáveis a algumas mulheres, dessas que Deus põe no mundo de vez em quando para que a patuleia não se esqueça de que Ele existe e continua dando as cartas.

Há ondas intrigantemente perfeitas em muitos lugares do planeta. Eu mesmo já tive o privilégio de me ver diante de meia dúzia de line-ups indescritíveis, mas chegar ao litoral de Sumatra é mais ou menos como entrar num grande salão, ao lado de uma dezena de seus amigos escolhida a dedo, e dar de cara com Catherine Zeta-Jones, Nicollette Kidmann, Luana, Daniela, Catherine Deneuve, Cindy Crawford, Camila Espinosa, Linda Evangelista, Cameron Diaz, Louise e mais cento e cinquenta inquestionáveis habitantes desse mesmo ranking, todas alinhadas, numa espécie de fila, se revezando em danças e se oferecendo para amar quanto e como você quiser. É mais ou menos essa a sensação de avistar as bancadas de Thunders, Telescopes, Lance's Lefts, Maca's e várias outras ondas, sejam mais ou menos conhecidas, com suas linhas absolutamente perfeitas, como se estivessem paradas no horizonte, chamando o seu nome.

E, é preciso que se diga, a comparação com as mulheres não é fruto apenas dos carentes 20 dias longe delas. Essas ondas são lisas, suaves, têm lábios fortes, carnudos, tem formas avassaladoramente sensuais, fendas e relevos de consistências e cores inimagináveis. E têm força, vigor, são imprevisíveis, podem levá-lo ao paraíso com a mesma naturalidade e rapidez como podem arremessar sua vida numa roubada dura, sangrenta e inesquecível. De ondas e mulheres especiais, não dá para ficar longe por muito tempo, e, na verdade, tudo o que precisamos fazer é nos entregar a elas, reconhecer sua superioridade e deixar que, como emissárias legítimas da natureza, nos levem com elas, sensuais, divertidas, firmes, na direção que a vida manda.

## Só

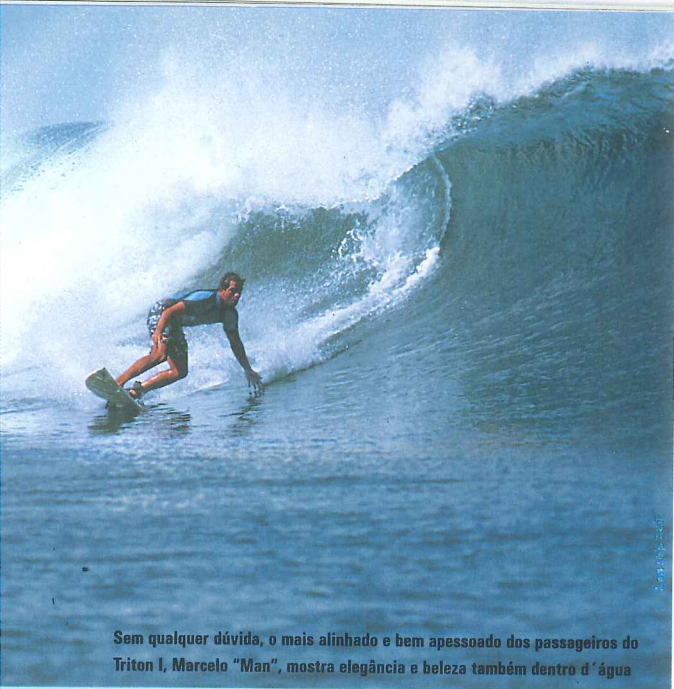
Quem já foi, leva infinita vantagem sobre os marinheiros de primeira. Conhecer a força dos lips, a forma das bancadas, a lâmina de cada cabeça de coral, o desenho e a quantidade dos equipamentos ideais, como lidar com umidade, pressão e temperatura, raios ultravioleta, escadas escorregadias, quinas de metal (dizem que a maioria dos acidentes na região acontece dentro dos barcos), manias, roncos, decisões em grupo... Sim, porque estamos falando de um grupo que fará absolutamente tudo de forma, digamos, "agregada", ao longo de 20 dias. Você está acostumado a poder gozar de um luxo que, de tão disponível, nem bem valorizamos: poder estar só. A bordo, para não dizer impossível, isso é muito improvável. Num barco em Sumatra, você



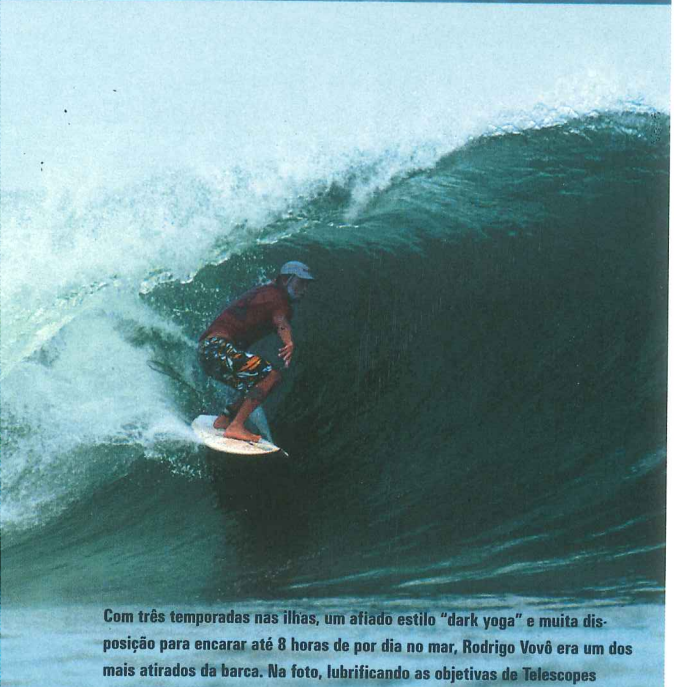


"Playground para adultos". Alguém contesta a definição? Lance's Left, uma das bancadas mais perfeitas do planeta.



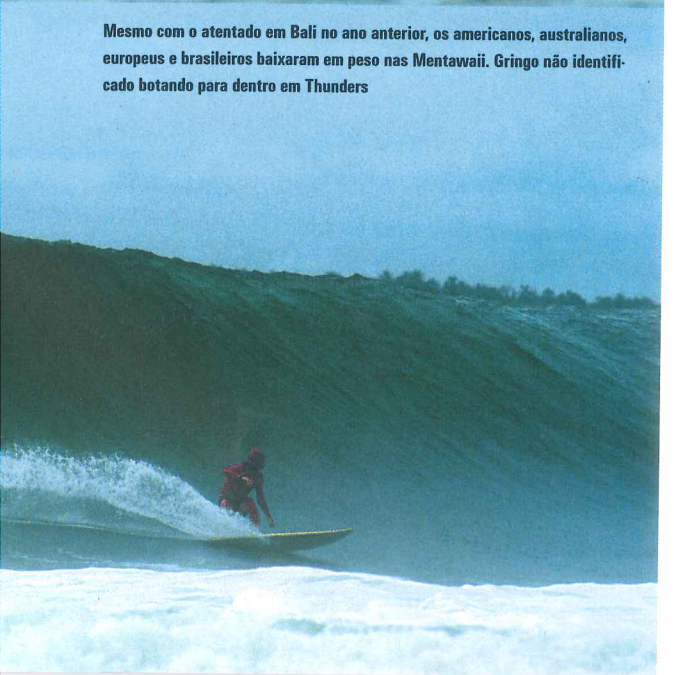


Sem qualquer dúvida, o mais alinhado e bem apessoado dos passageiros do Triton I, Marcelo "Man", mostra elegância e beleza também dentro d'água



Com três temporadas nas ilhas, um afiado estilo "dark yoga" e muita disposição para encarar até 8 horas de por dia no mar, Rodrigo Vovô era um dos mais atirados da barca. Na foto, lubrificando as objetivas de Telescopes

Mesmo com o atentado em Bali no ano anterior, os americanos, australianos, europeus e brasileiros baixaram em peso nas Mentawai. Gringo não identificado botando para dentro em Thunders



não é você. Você é 11, ou, em muitos casos, 17. São seis almas na tripulação. Rino, o esperto skipper; Bam Bam, um mecânico que vivia suando no porão, espremido entre os dois gigantes motores a diesel; Wilson, um calado faxineiro, magro, simples e feliz como Natal de pobre; Tony, o já mencionado cozinheiro dos furúnculos à mostra; Adi, uma espécie de garçom e ajudante geral; e o pequeno fumante compulsivo, nosso piloto do barco de borracha, mais conhecido como dingue, de cuja qualidade de operação depende boa parte da graça da viagem. Por falar em cigarros, a tripulação não fumava cigarros de cravo, comia-os com farinha. Do capitão, não por acaso deixado para o final, um atormentado e judiado australiano, com uma expressão permanente de quem acabou de despertar depois de uma noite alternando insônia e ressaca, ao piloto do dingue, o consumo per capita de Gudang e Sampoerna a bordo seguramente superava a casa dos dois maços e meio/dia.

Mistura da fundamental arte da tolerância, requisito fundamental para o êxito de uma viagem desse estilo, da camaradagem reinante e dos espíritos positivos e expansivos de brasileiros e indonésios, independentemente de uns estarem ali pagos para servir e outros pagando para serem servidos, tripulação e passageiros, de alguma forma passam a ser apenas partes de um mesmo grupo. E é natural que em grupos de gente se formem lideranças, algumas silenciosas, impostas pela atitude, outras ganhas no grito. Uma espécie de Big Brother vai se materializando aos poucos, sem que ninguém se dê conta, pelos motivos mais prosaicos. A consistência do molho do macarrão do jantar pode deflagrar a terceira guerra mundial. Basta, para isso, que haja apenas um intransigente, ou dois babacas que se achem melhores que os demais. Nosso grupo, louvado seja Deus, não tinha nem uma coisa nem outra. Correm pelos mares de Sumatra histórias de barcas que se transformaram em infernos dantescos, terminando em telecatch e baixo-astral generalizado. Não que nossa equipe tenha alguma semelhança com as amas de madre Teresa de Calcutá. Mas pequenas loucuras, manias e visões de mundo diferentes souberam interagir e se moldar, de forma que os espíritos fossem se fortalecendo e que imperasse ao mesmo tempo a mais pura zoação desenfreada non stop e um senso de proteção e carinho incondicionais, que só se vê entre familiares ou amigos de fé.

### Showroom da Ginzo

Os mais preparados e/ou habilidosos e/ou experientes, quando conseguiam domar a fome desenfreada pelas ondas, chegavam a dar coaching aos menos. Nos dias de mais crowd, Fred, por exemplo, que além de já estar na quinta barca é um dos caras mais atirados e preparados que já vi em quase 30 anos observando ondas, era capaz de deixar sua posição embaixo das cracas que se formam nos lugares mais rasos de certas bancadas para orientar os que ainda não dominavam o pico. Albertinho, um dos sujeitos que

mais e melhor entenderam o que é e como funciona a arte do surf, era outro que, dentro e fora da água, funcionava como inspiração para o grupo. Humildade e paz de espírito são segredos capazes de transformar momentos com enorme potencial de explosão em suaves passagens de tempo. Ele não fez a menor força para isso, e talvez nem concorde, mas a meu ver, e creio que se trate de consenso, era o melhor surfista da barca, inclusive quando estava seco, o que pode significar tanto os momentos em que se punha a dedilhar os blues no violão vagabundo comprado no supermercado de Padang, como alguns tubos que pegou, tão ocos que nem a água chegava a tocá-lo. Não era raro ver, nos dias mais crowdados, Richard, Beto Alemão ou um dos outros "quase-pro" da barca, fazerem uma espécie de corta-luz para que uma ou outra onda pudesse passar incólume pela fila dos desesperados e sobrasse para os posicionados na segunda fila. Não que não tenhamos nos estranhado aqui e ali. Uma rabeada sem má intenção numa bancada que parece um showroom das facas Ginzo pode virar tragédia. Ser jogado para a bancada pode não causar maiores problemas, mas pode também transformar seu couro ou sua cabeça em algo parecido com um jeans "stone destroyed" de Alexandre Herchcovitch. E acredite, quando o que há mais próximo de um médico é um capitão australiano suado e oleoso, vestido de canga com cara de ex-figurante de Mad Max 1, se machucar não é exatamente uma boa idéia. Não me lembro de grandes estresses durante a barca. A bordo, seus problemas, conforme os dias vão passando, se resumem a escolher entre granola e sucrilhos, entre a 6'3" ou a 6'8", não esquecer o protetor solar, o carboidrato, e a alongar muito, toda hora, para agüentar o tranco, que em geral varia de 4 a 8 horas de surf por dia, conforme sua disposição, idade, preparo e fatura. Houve sim um grande momento de tensão. A causa foi externa, mas como um vírus, logo tomou conta do organismo do nosso grupo, explorando as fraquezas e debilitando o todo. Eram os primeiros dias de viagem, o grupo ainda se adaptava e o barco atravessava as águas que levam à chamada "Sumatra Norte". E como você deve saber bem, é por lá que ficam ondas clássicas como Nias, Asu e Bawa. Já havíamos caído em picos oceânicos pelo caminho, que sinalizavam para a força e o peso da região. Os que já haviam visto e surfado Lagundri Bay (Nias), eu entre eles, ou suas vizinhas Asu e Bawa, sonhavam em rever suas belezas e encantos.

### Boitatá de estimação

Desde a chegada a bordo, antes mesmo, até, já ouvíamos rumores e lendas sobre a pirataria em Sumatra Norte. No barco, uma espécie de revista ou folheto, gentilmente oferecida por nosso mal-encarado e rabugento capitão, disputava as mãos da turma, com as várias revistas de surf gringas. Tratava-se de uma publicação "educativa" sobre os hábitos dos piratas do mar que navegam pelo mundo. Indispensável dizer que, especialmente depois do vergonhoso assassinato do navegador Peter Blake em águas fluviais brasileiras, nosso país tropical ganhou espaço na tal brochura. Mas, tanto a capa quanto a maioria das páginas, retratavam os bandos de piratas da Indonésia. Imagine 20 guerrilheiros vietcongs de filmes de guerra, com suas caras sulcadas, olhares fundos e expressões de nada a perder. Faça-os sofrer por tempo suficiente. Coloque na cabeça de cada um uma bandana e meia dúzia de idéias libertárias e sanguinárias. Nas mãos, fuzis automáticos e até metralhadoras. Agora, coloque-os num barquinho pequeno, ágil e bem motorizado. Está pronta a explosiva receita que apavora, saqueia e mata quem, por algum motivo, cruza caminhos que não devia ou pelo menos não podia em alguns pontos da Indonésia, muito especialmente da região de Sumatra Norte. Até então, pelo que se falava, o perigo se concentrava na região de Banda Ache, que, por mais que o nome possa sugerir, nada tem em comum com os grupos de música baiana. Trata-se da província mais ao norte de Sumatra, que, como várias outras do país, não reconhece sua cultura, etnia e forma de pensar como algo comum ao resto da Indonésia e, através da guerrilha e de outros meios, busca deixar clara a intenção de boa parte de seus habitantes de se separar e se tornar independente.

Nosso rabugento capitão já dera mostras inequívocas de seu desejo de não deixar as águas da região das ilhas Mentawai, onde se sentia mais familiarizado e protegido. Sempre que se dignava a trocar idéias com nosso grupo, num idioma indecifrável que soava como um blend entre caipira australiano, indonésio adotivo e texano de caricatura, nosso Boitatá de estimação dava a entender que as grandes travessias, a pouca presença de outras embarcações e os riscos do desconhecido percurso até o norte não o atraíam nem um pouco. Chegou então o momento em que ou seguíamos o itinerário traçado e contratado, assumindo estes riscos, ou mudávamos os planos e descíamos para o playground mais seguro das ilhas Mentawai. Nosso Mütley do timão colocou a questão da seguinte forma: "Vocês podem votar se querem ou não seguir mais para o norte. Nem eu nem a marinha da Indonésia podemos garantir a integridade física da tripulação, dos passageiros e da embarcação daqui para a frente". Simpático, democrático e amigoso como um Ariel Sharon dos sete mares. Sem muita opção, o grupo se reuniu ao

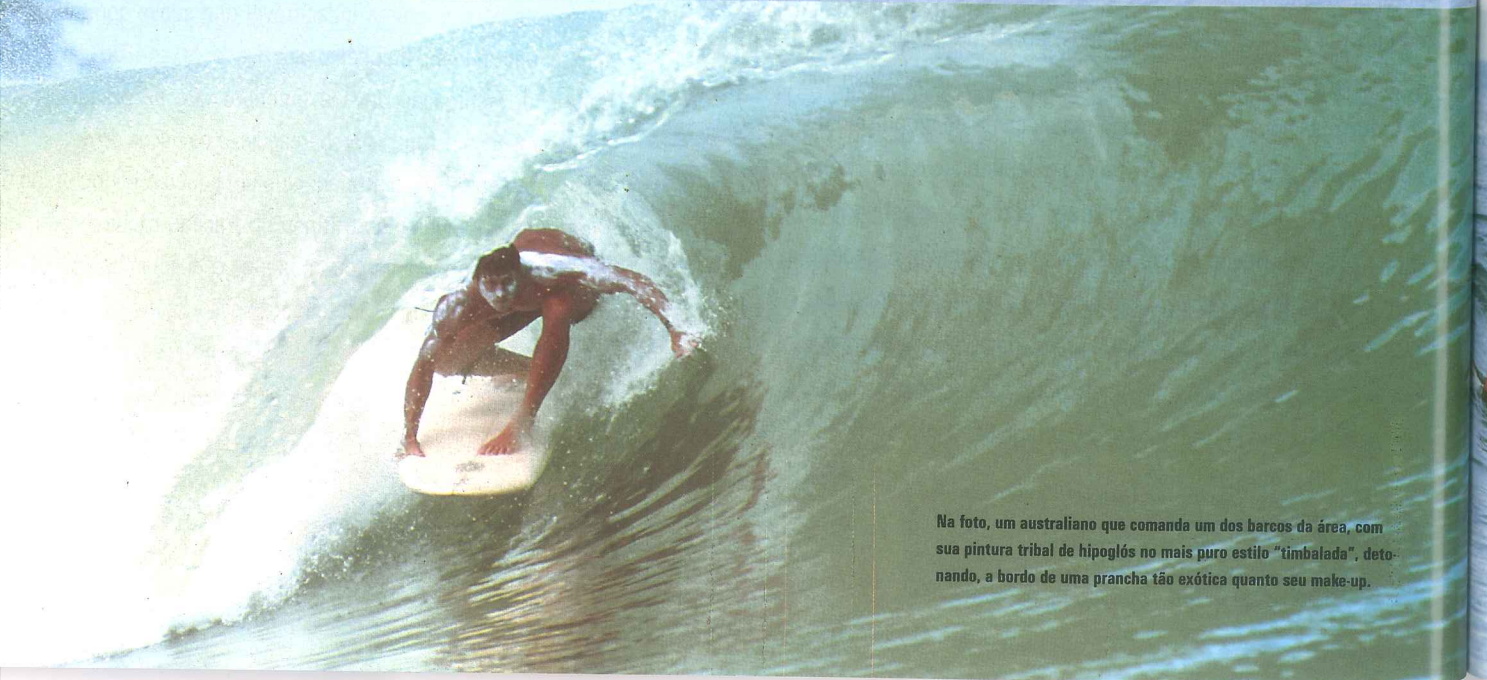




Batizada pelo Bruno de Gilaering ou "Crazy Dry", esta era uma das bancadas mais cascas da área. O lado bom, eram os barreils que enroscavam nela, um atrás do outro...



Disparado, o mais bem condicionado do time, Beto Alemão passou praticamente os 18 dias na água. Já com experiência nas ilhas, fazia pressão forte em qualquer line-up. A recompensa vinha em forma de momentos inesquecíveis em quantidades industriais



Na foto, um australiano que comanda um dos barcos da área, com sua pintura tribal de hipoglós no mais puro estilo "timbalada", detendo, a bordo de uma prancha tão exótica quanto seu make-up.



Direitas são poucas, mas rolam, e quase sempre perfeitas...Dramin.

redor da mesa de almoço, jantar, vídeo, aliás, a única que tínhamos (na qual não cabíamos todos, e tínhamos que fazer as refeições com os cotovelos colados ao corpo, como o boneco Horácio, de Maurício de Souza), para decidir a questão crucial sobre o nosso destino. Os argumentos, como as possibilidades de navegação, iam de norte a sul. "A gente gastou uma grana suada para pegar as melhores ondas. Vamos nessa. Não vamos embarcar na pilha errada desse otário fantasiado de capitão. Quem não for, é veado", ouvia-se de um lado. "Eu tenho filhos e não paguei para tomar tiro de maluco. Tem onda perfeita pra todo lado, e não vale arriscar o couro para surfar", ecoava do outro... Linhas tão defensáveis quanto legítimas entravam em choque. Num quórum de 11 votantes, não havia empate possível. Cinco a cinco era o placar, quando me coube o último voto, que seria de Minerva para uns e de "enerva" para outros.

### Temperatura máxima

A temperatura estava quente. Em todos os sentidos. Enquanto eu procurava argumentar que, sem informação, não valia arriscar o pescoço, mas que, com rádio e celular por satélite a bordo, não precisávamos decidir no escuro e que podíamos procurar saber mais sobre o nível do risco, nosso João Bafo de Onça irrompeu de sua cabine com a cartada final: "Nem adianta continuar a votação, acabo de saber que houve um ataque a 10 milhas de Lagundri. Vou dar meia-volta e vamos para o sul. Não vou expor 17 vidas dessa maneira".

Nunca vamos saber ao certo se a atitude do coisa ruinzinha nos livrou de virar comida de barracuda ou nos privou de ondas ainda mais inesquecíveis, mas o fato é que, passadas as primeiras 10 ou 12 horas seguintes a esse stress, rumo ao sul, o tempo, que andava colaborando pouco, começou a

Um moleque profissional chamado Cris Chirovani foi um dos destaques num dos mares mais pesados da barca. A onda de Bintang, nesse dia, parecia um mini-Teahupoo, chupando e abrindo uma vala para baixo do nível do mar. Pirata, visto remando na foto, Beto Alemão, Américo e o bodyboarder atirado Fred, fizeram o nome do Brasil na água.







Richard Pirata em Dramin

Com a tranquilidade de quem já fez várias viagens para as Ilhas, Richard Aives, o Pirata, é dono de um estilo tranquilo e clássico, sem deixar de ser vigoroso e preciso nas manobras. Surf bonito em Dramin.

melhorar, as ondas aumentavam visivelmente, e o que se seguiu foi uma verdadeira orgia surffística. Nomes que até então eram apenas mitos para alguns de nós e memórias distantes para outros foram se transformando em bancadas reais, baforadas frias saindo de tubos cascudos, sessões aparentemente intransponíveis, sendo transpostas por impulsos firmes e acelerações inacreditáveis. Poucas sensações são tão marcantes quanto chegar pelo canal, a bordo do dingue, arrumando a prancha, tomando um último gole de água antes da session, e ver um de seus amigos rasgando uma parede, ou simplesmente relaxado, joelhos semiflexionados, ombros ligeiramente para a frente, se esgueirando por trás da cortina de água transparente que deixa ver sua sombra dentro do tubo. Melhor que isso, só sendo o protagonista da cena. Macarrones, Telescopes, Lance's Left, Bintangs... Foram 18 picos em 18 dias, minuciosamente contabilizados pelo Bruno, nosso competéssimo camera man, que, aliás, pegou ondas excelentes nas poucas horas vagas que arrumava, entre uma filmagem e uma bateria de fotos. O dia em que botou para baixo a bordo de uma 7'2" Tropical Brasil, antiga mas ainda forte, numa onda pesada de no mínimo 8 ou 10 pés, não deixou dúvidas quanto à sua base. Diga-se aliás que, com ondas boas e sol, paredes que rangem, espaço apertado, insônia, cheiro de cigarro, tudo vira festa. Pode parecer clichê de adesivo americano, mas a tal máxima de que não há nada que um bom dia de surf não cure provou-se definitivamente nesses 18 dias gravados não só em fotos e vídeos, mas na melhor parte daquele filme da vida ao qual, dizem, a gente assiste um minuto antes de morrer. Se bobear, o melhor trecho da fita. O "best of".

Iceland



Que tal um pico desses com seu nome escrito no lip? Iceland.

## Um estilo clássico de ser surfista.



Inspirado nas origens da cultura havaiana, surge no Brasil um novo estilo de se vestir.

A Lauloa Classic apresenta para você, sua linha de camisas baseada nas tradicionais "Aloha Shirt".

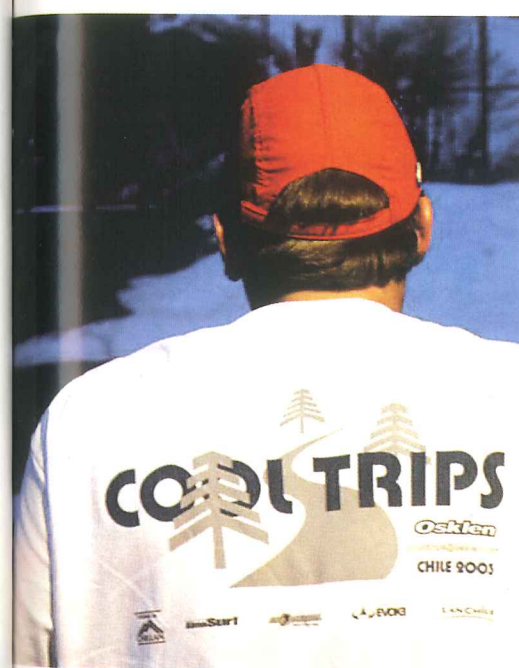
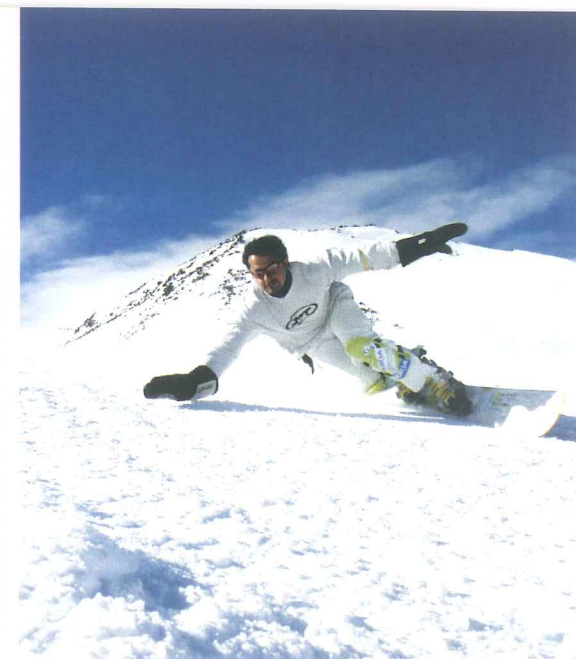
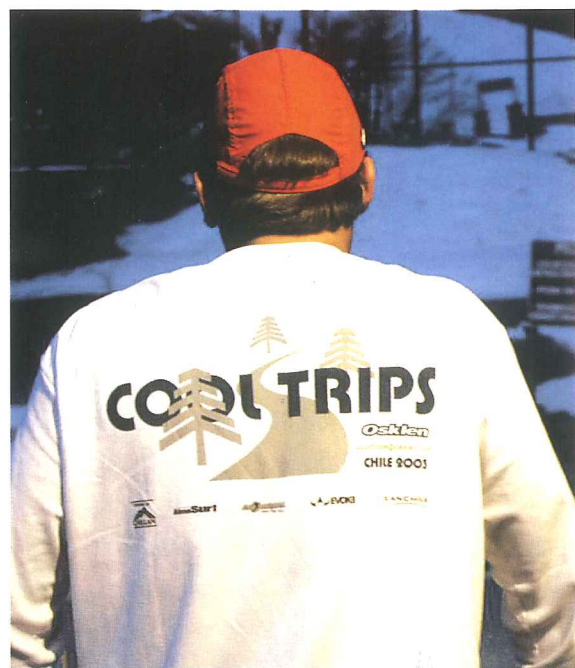
Lauloa Classic, para quem procura um estilo clássico.



[www.lauloaclassic.com.br](http://www.lauloaclassic.com.br)

48 226-7494





Sentido horário, e house-club onde o pessoal relaxava à noite, Junior surfando nas montanhas, Tomas em La Cabana. Abaixo: Gui, Cynthia, Andrés e Ricardo juntos, preparados para o drop e, na última foto, Oskar Metsavaht

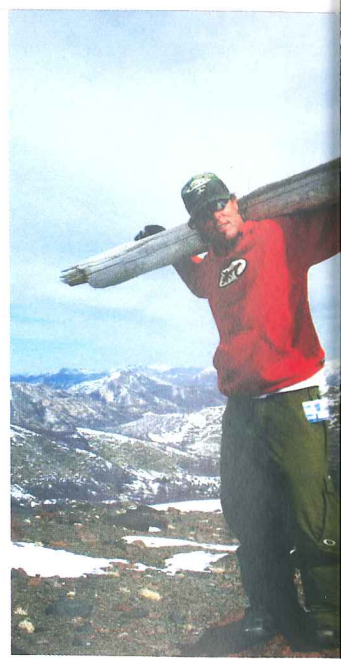
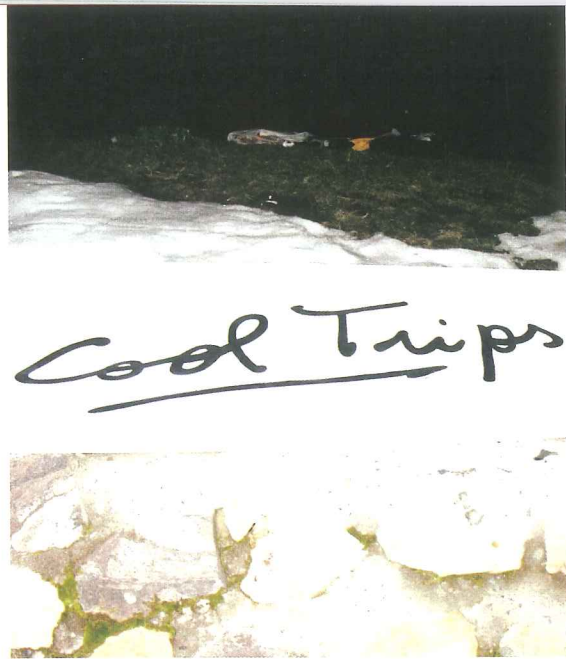
# SNOW TRIP

Snowboard é um esporte emocionante, plástico, rápido, e assim como o surf, deliciosamente mágico. As snow trips são sempre especiais, onde a família da neve se reúne, celebra, festeja e acima de tudo, arrepia nas montanhas. As Osklen Cool Trips são sem dúvida uma das melhores, por montar um "circo" completo, reunindo a galera que mais entende do assunto no país. De snowboarders da equipe de competição da Osklen a DJs, fotógrafos, equipes de TV, modelos, amigos, franqueados e a equipe de criação e design da marca, todos juntos, noite e dia, durante 7 dias. E desta vez tivemos a satisfação de contar com a presença do Romeu e da Maria, a mais nova snowboarder da nossa galera. Ele descreve na matéria o feeling e a magia que compartilhamos por uma semana, de surfar a cordilheira dos Andes.

Andrés Pinilla

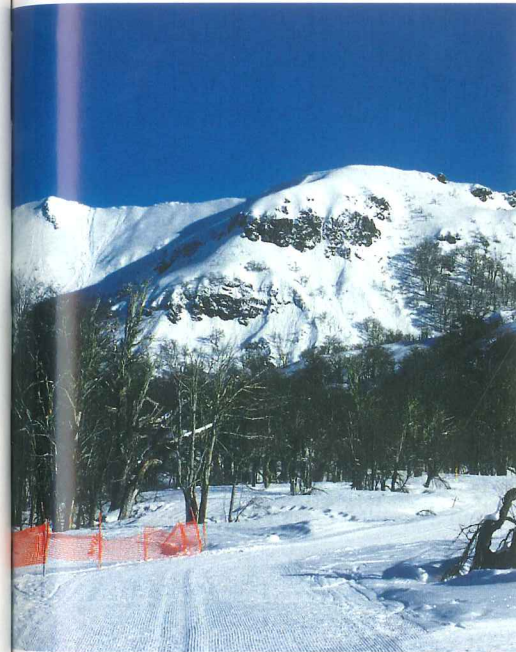




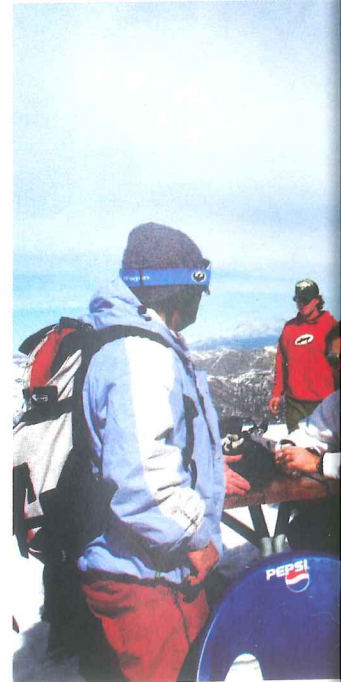
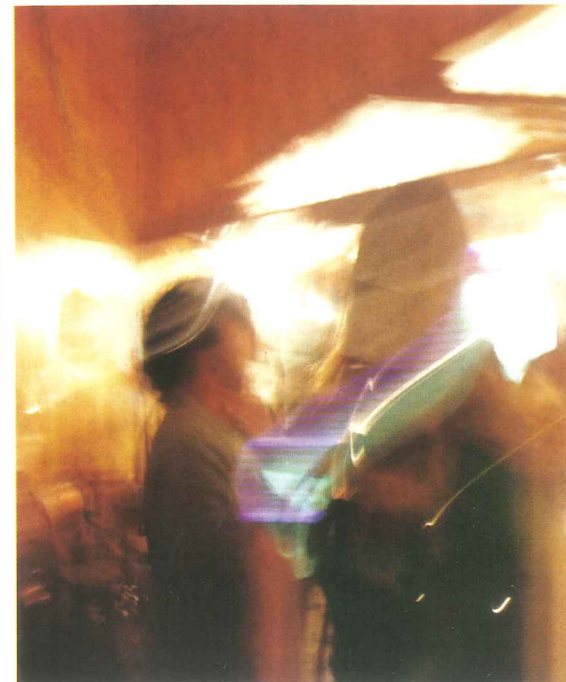
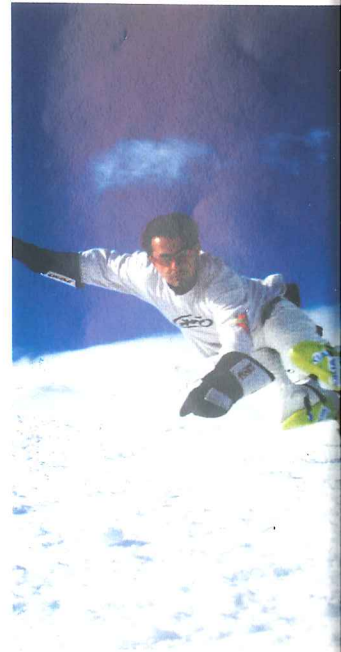


Por Romeu Andreatta  
Fotos Anthony C. Mendez

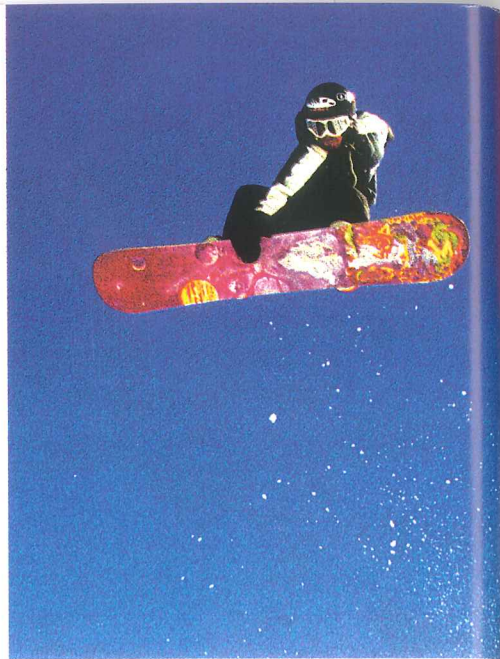
Drops muito, muito bons; gente muito, muito boa; níveis de alegria, consciência e amor altíssimos, marcaram a Osklen Cool Trip. Foi nessa atmosfera que, em uma semana, vivi o surf nas montanhas com a sensibilidade de quem conhece muito bem o aloha spirit, com os ares frios dos Andes, em um vale vulcânico que tem energia jorrando para fora em nascentes escaldantes. A Osklen, com um staff lotado de experiência e amor pelo lance, montou junto à AP22 e a Monreal Turismo o que, de verdade, podemos chamar de uma snow trip. Como uma experiência nova no laboratório da minha vida, surfar nas montanhas com minha mulher, aprendi com esta viagem uma forma familiar de surf. Assistindo de camarote ao show da família Metsavaht, tive certeza de que cheguei a um ponto maravilhoso: snow trip combina com family trip.



Na página anterior, sentido horário, Tomas decola e, no canto direito, Giselle slala. Embaixo, Jonas Amarante jorra neve, e a balada noturna da galera e Ricardo Moruzzi dando uma boa cavada. Nesta página, sentido horário, Tomas Gringo descansa, Giselle aprecia a paisagem, Tomas, Junior Barbosa acelera, e a galera reunida (da esquerda para a direita): Andrés, Oskar, Junior e Leonardo; Oskar Metsavaht e o visual do pico, as 3 Marias. Na próxima página, sentido horário, Guilherme M. Rosa salta, Cynthia Howlett e Gustavo Veiga, Jonas voando, Eduardo Marçal num contra-luz, Cynthia Howlett e Luiza Penna nas termas de Chillán, e um *sni*.







Um grupo eclético tomou Chillán com o mesmo querer: dropar as montanhas! Com a neve começando a escassear, buscamos nos primeiros dias o máximo de aproveitamento possível, e não faltou qualidade para que todos, sem exceção, botássemos para baixo sem dó! Na embalagem aloha spirit da balada, a trupe Osklen embarcou dois DJs de peso, Dudu Garcia e Mari Zander, que se revezavam nos finais dos dias nas piscinas aquecidas que marcam definitivamente o pico como um lugar especial, e nas baladas noturnas que davam modernidade ao sono profundo de um dia cansativo. Logo de manhã, no delicioso café, começava o encontro dos "novos" amigos de infância que a trip nos concedeu, Bob, Stela, Guilherme, Vitor e senhora, Cynthia, Giselle, Rodrigo, Andrés, Ricardo, Marinho, Dudu, e todos os 90 participantes, inclusive alguns portugueses, americanos e chilenos, agregados, que davam o toque comportamental do dia a correr e usinavam mais e mais um good feeling inesquecível. Espero em 2004 estarmos com 300 pessoas na barca e termos ainda mais espaço naquele vale maravilhoso para mais experiências maravilhosas. Aguardem a snow trip do hemisferio norte. Para onde vamos, Andrés? Dá um toque. Romeu







Resende

# P O R O R O C A

## O RECORDE DO SURF

Por Sylvio Mancusi - Fotos Rick Werneck





Não temos a maior onda, mas com certeza temos a mais longa de que se tem notícia. A pororoca, que rola em nossos rios, no Norte do país, é um dos mais belos espetáculos da natureza.

As fotos e filmagens desse fenômeno, na minha opinião, não passam a real plasticidade dessa onda, que é resultado do encontro da água do mar e dos rios. A melhor época para a pororoca é entre os meses de fevereiro e maio, época das chuvas fortes, que aumentam o nível da água dos rios e, conseqüentemente, o tamanho e a intensidade das ondas. Nas luas cheias e novas o espetáculo é garantido, mas não fiquem muito empolgados, pois por enquanto as estruturas na região são muito precárias, ainda mais sem o apoio dos locais.

Nessa última trip organizada pelo *Esporte Espetacular* em comemoração dos seus 30 anos, com o apoio do estado do Amapá, a galera convidada foi recepcionada com uma infra-estrutura de primeira linha. Eram três grandes barcos, dois jetskis, e cinco voadeiras (pequenos barcos). Em um dos barcos ficaram os jornalistas e competidores; no segundo, convidados especiais. O terceiro contava com um serviço de provedor de internet e telefonia por satélite de primeiro mundo.

Hoje está sendo construída à beira do rio Araguari, com verba do estado do Amapá, em plena selva Amazônica, uma base sólida para todos os convidados, que deve ficar pronta nos próximos meses.

Assim que a maré do rio começa a secar, a onda vinda do mar começa a se formar rio adentro. Isso acontece duas vezes por dia. Ela freqüentemente rola pela manhã e a noite. As melhores sessions rolam quando a onda vem bem cedinho, antes da entrada do vento.

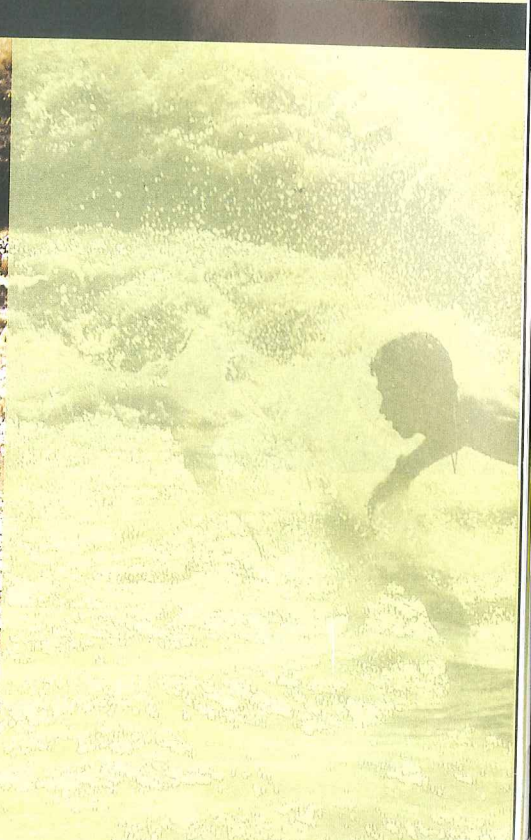
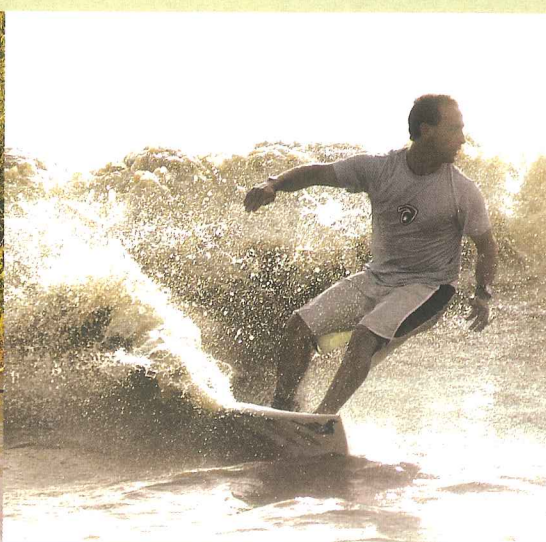
### A ONDA

Nós fomos de encontro à onda em pequenos barcos, e percorríamos cerca de 30 minutos para ir e voltar nos cinco dias de expedição. Ao chegar no ponto predeterminado, esperávamos a onda aparecer. "Lá vem ela!", gritávamos empolgados, na hora em que a pororoca mostrava as caras.

Os pilotos se dirigiam até a frente dela e nos largavam nos melhores pontos para que entrássemos na onda, afinal ela aparece somente uma vez por dia. Porém, isso não é problema; os cerca de 20

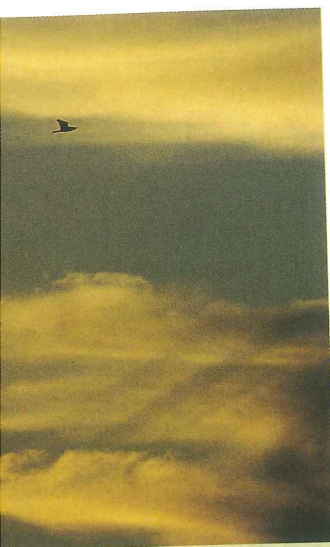
quilômetros de extensão conseguem saciar a gana de qualquer mortal. Assim que caíssemos, os barcos e jets de resgate que vinham por trás da onda já nos resgatariam e nos jogariam de volta à onda da frente. O fenômeno é formado por uma série de três ondas: a primeira é a mais forte delas, a segunda normalmente é a mais clean (mas não dura toda a extensão da primeira), e a terceira, a mais fraca.

Em certas horas a onda fecha, quando se choca com as partes mais rasas da bancada, e fecha totalmente nos cerca de 3 quilômetros de extensão de margem a margem. Dessa forma, se você está a fim de bater o recorde de permanência, é necessário segurar a espuma nas pernas. E não ache que é fácil, pois a força da espuma é muito mais forte do que a das tradicionais, que rolam em nossas praias. A correnteza, puxando para o lado contrário ao da onda, forma um tipo de tração que torna esse momento um dos mais difíceis. O mais impressionante é que, assim que a onda encontra as partes mais fundas da bancada, começa a reabrir. No rio Araguari, a onda começa quebrando para a direita e abre por alguns minutos até fechar totalmente e reabrir mais para a frente, na forma de uma esquerda (de um lado da margem do rio) e de uma direita (do outro lado da



ao lado o recordista Adilton Mariano. Nesta página, ventido barões, Fizerota Salazar, a galera à espera da pororoca e Sylvio Mancusi





...horário: um jet-ski desafia a força das ondas da Pororoca; Picuruta Salazar se prepara para a viagem subindo na voadeira; no pódio, Eraldo Gueiros, Adilton Mariano e outros surfistas são premiados; e Eraldo, Adilton, Clayton Conservani, repórter do Esporte Espetacular, Picuruta e o cinegrafista/edidor Oscar.

margem). As três sessões são alucinantes, e é necessária muita perna para realizar quantas manobras forem de sua vontade. A experiência de surfar essa onda é ímpar, e eu a aconselho a todos.

### PRANCHAS

As pranchas que funcionaram melhor foram as de 6'3 a 6'6. É necessário usar uma prancha um pouco maior, com um pouco mais de flutuação e menos curvatura. A onda é um pouco mais cheia, e a densidade da água é diferente da do mar.

### EVENTO

Os surfistas que fizeram parte desse evento foram o defensor do título de permanência na onda, o cearense Adilton Mariano (20), os pernambucanos Eraldo Gueiros (37) e Carlos Burle (35), o santista Picuruta Salazar (42), o carioca Rodrigo Resende (36), e eu (SP, 28). Na barca, ainda, o ator Kadu Moliterno e o repórter da Globo Clayton Conservanti tam-

bém pegaram boas ondas durante as sessions de free surf. As regras eram claras: quem ficasse mais tempo na onda vencia e levava o cheque de R\$ 3 mil. O primeiro dia foi liberado para o free surf, e todos se empolgaram e começaram a realizar um monte de manobras na onda, se esquecendo do critério principal, que era o de tempo percorrido, e todos se cansaram rapidamente.

A galera foi distribuída em duas semifinais. A primeira com Eraldo, Burle, e Picuruta; e a segunda comigo, Resende e Adilton.

No primeiro dia de competição, o vento entrou logo cedo, deixando a onda mexida. Eraldo surpreendeu e bateu o favorito Picuruta Salazar (2º) e Burle (3º) com o tempo de 24 minutos.

No segundo dia, a onda estava bem maior do que no primeiro, tornando a disputa mais tensa. Eu, Resende e Adilton dropamos a onda juntos, e devido à força do fenômeno naquele dia de auge da maré e da lua, a segunda onda se juntou com a primeira e a espuma ficou muito forte. A consequência foi a queda dos três estilos dominó (cerca de 30 segundos dividindo um ao outro). Resende

caiu primeiro, depois eu, e então Adilton.

A final entre Eraldo e Adilton foi tensa. No dia seguinte, na hora em que a onda entrou, os dois pularam na água na hora errada e não conseguiram entrar; desse modo, deu empate. Os organizadores, Cláudio de Moraes (*Esporte Espetacular*) e Francisco Pinheiro (organizador local) decidiram então dar mais uma chance aos dois no dia seguinte.

Com a pororoca bem menor, o cearense confirmou seu favoritismo e se manteve na onda por 34m10s, 2 segundos a mais que seu primeiro recorde.

### RESULTADOS

- 1º – Adilton Mariano R\$ 3 mil
- 2º – Eraldo Gueiros R\$ 2,5 mil
- 3º – Picuruta Salazar R\$ 2 mil
- 4º – Carlos Burle R\$ 1,5 mil
- 5º – Sylvio Mancusi R\$ 1 mil
- 6º – Rodrigo Resende R\$ 500





**16 NOVEMBRO** PISTA DE SKATE  
 BUNGEE JUMPING  
 DOMINGO 12 hs E MUITO MAIS

**DETONAUTAS**  
**MASKAVO**  
**SINE CALMON**  
**RAÍZ DO SANA**  
 2 PALCOS E + 6 BANDAS

Local:  
**Estância Alto da Serra**  
[www.estanciaaltodaserra.com.br](http://www.estanciaaltodaserra.com.br)



mais de 1 Década dedicado ao Surf

**TENT BEACH**  
**BOARDSH**

*13 anos*



COMEMORAÇÃO DO TÍTULO MUNDIAL  
 DE SKATE 2003  
**SANDRO DIAS**



# As Havaianas e o Surf

Nenhum outro produto na história do marketing brasileiro fez tanto jus ao seu slogan quanto as Havaianas: "Todo mundo usa". Além de um belo slogan publicitário, é uma grande verdade, sem o menor preconceito de cor, raça, credo ou status social; as Havaianas estão nos pés de todos. Os surfistas se identificaram instantaneamente com elas, adotando-as não só como vestimenta, mas praticamente como parte de seus acessórios esportivos.



Quando se fala em Hawaii, a primeira coisa que nos vem à cabeça é o surf. Da mesma forma, o surfista, de qualquer canto do mundo, associa ao seu estilo de vida tudo o que está ligado a esse paraíso do surf. No Brasil, os surfistas e as Havaianas apareceram no início dos anos 60, e desde então caminham juntos. Assim como o Hawaii não sai da cabeça do surfista, as Havaianas não saem de seus pés.

Os primeiros passos para a criação dessas confortáveis, versáteis e democráticas sandálias foram dados em 1962, inspirados nas japonesas zori: sandálias de solado em palha de arroz trançada, com tiras de tecido em V normalmente aveludadas, presas entre os dedos. As zori são provavelmente as sandálias mais antigas da história da humanidade, e o segredo por existirem até hoje não é outro senão o conforto e a praticidade que oferecem. Logo, quando a empresa Alpargatas pesquisou um modelo de sandálias no qual se inspirar, as sandálias zori foram uma opção natural. A grande sacada foi projetá-las com um design anatômico e de borracha, um produto natural, 100% brasileiro e muito mais confortável, durável e macio que a palha. Assim, as sandálias Havaianas foram patenteadas em São Paulo no dia 13 de agosto de 1964.

Agora o leitor deve estar se indagando: se as sandálias foram inspiradas em um produto japonês, por que se chamam Havaianas? A resposta é simples: por uma questão de marketing. Segundo a Alpargatas, "o Hawaii

lembra praia, sol, calor, tem todo um glamour e uma mítica especial". O que, cá para nós, é bem verdade. Sem desmerecer os japoneses, o nome Havaianas tem muito mais a ver com o nosso tropicalismo (que, aliás, estava super na moda devido ao movimento artístico-musical da Tropicália, que rolava naquela época) do que Japonesas. Imagine uma cena na praia com uma gata vestida de gueixa, meia de dedo, usando as sandálias japonesas. As legítimas! Fica estranho, né?

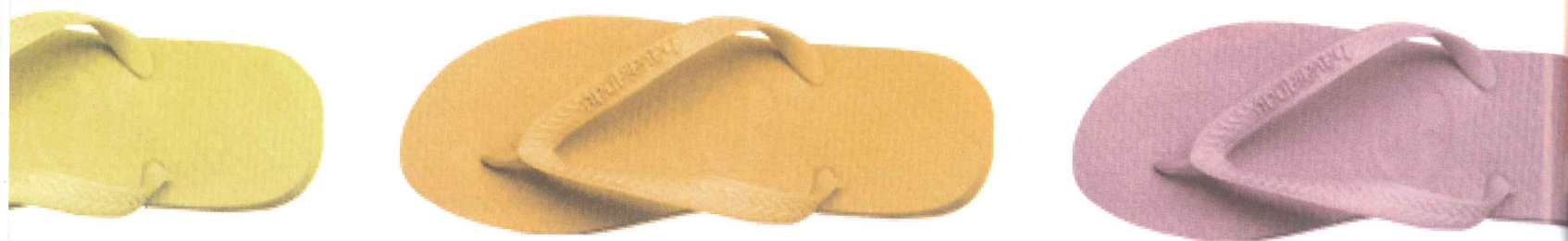
Coincidentemente, ao mesmo tempo em que a Alpargatas projetava um novo modelo de sandálias, os surfistas Mário Bração e Irencriz conheceram o australiano Peter Troy, que trouxe outlines (templates) e noções de shapear de seu país, e fabricaram a primeira prancha laminada do Brasil, a Aloha, utilizando um bloco de isopor isolado com resina epóxi, poliéster e manta de fibra de vidro. A galera logo adotou o novo tipo de prancha, muito mais leve, ágil e com maior fluabilidade, assim como também adotou as Havaianas, resistentes e práticas para usar na praia ou na rua, evitando que os pés se queimem no asfalto quente ou nas areias escaldantes. "Eu me lembro que a rapaziada costumava ficar ali nas pedras do Arpoador (Rio), pescando, pulando ou mesmo só de bobeira, mas todo mundo usava as Havaianas porque não escorregavam nas rochas", conta Bração. Não foi só o conforto e a resistência que fizeram com que os surfistas adotassem as Havaianas. Um fator que pesou positivamente é que elas podiam

ser molhadas e secavam com facilidade; isso pode parecer pouco para alguns, mas para os surfistas é uma mão na roda.

A grande aceitação popular daquelas sandálias azuis e brancas levou a Alpargatas a arriscar novas cores, afinal aquela virada de década era o auge do Flower Power, e as cores estavam na moda. Apareceram novos modelos em verde, amarelo, ferrugem e preto. Com todo aquele movimento hippie rolando, não havia nada mais in do que uma camisa colorida, uma calça jeans desbotada e um par de Havaianas nos pés. Alguns se arriscavam com sandálias de couro com solas de pneu, mas quem já teve um par dessas e sentiu o odor que exalam logo aderiu às Havaianas, pois, conforme diz o slogan, elas não têm cheiro. Foi durante a década de 70 que as Havaianas se popularizaram. Elas já não calçavam mais apenas o povão, os surfistas e os hippies; os "mauricinhos" da época já arriscavam pôr seus nobres pezinhos nas simpáticas sandálias de borracha à beira da piscina. Foi também em 70 que o surf se expandiu no cenário nacional, e surgiram os primeiros grandes nomes do esporte, como Bocão e Betão, Pepê Lopes e Jorge Pritman, Daniel Friedman, Rico de Souza, Gustavo Kronig, Guto Navarro (Maui) Eduardo Argento (Twin), entre outros.

Rico de Souza lembra-se bem: "Cara, naquela época, ali na região do Arpoador e do Leblon, todo mundo usava. A turma chegava na praia e deixava a camiseta e as





Havaianas nas pedras, ou na areia, e ia surfar. Muitas vezes até esquecíamos as sandálias na praia, e no dia seguinte, quando a gente voltava, elas ainda estavam lá. Não rolava esse negócio de roubo (bons tempos). Também me lembro de usar as Havaianas como traves de gol quando jogávamos futebol. As Havaianas ainda estão comigo até hoje. Lá em casa o estilo é Hawaii, então não se entra com sapatos dentro do recinto; por isso há alguns pares na entrada: quando chega visita, ela calça as Havaianas para entrar".

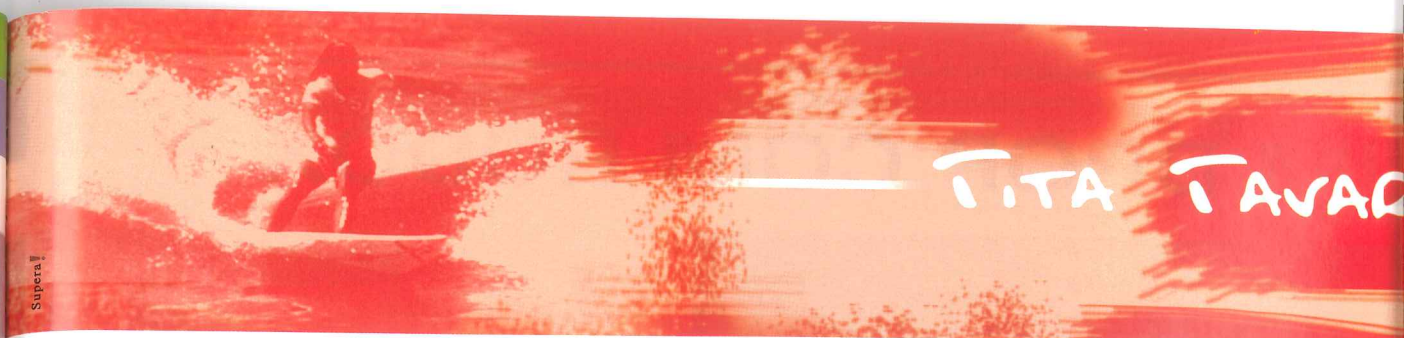
Consolidadas como preferência nacional nos anos 80, as Havaianas eram peças obrigatórias do vestuário brasileiro em todas as classes sociais, sendo consideradas até mesmo no mundo fashion. Foi nessa época que rolou uma mania, que dizem ter começado com os surfistas, de virar a sola das Havaianas para cima. Algumas pessoas faziam isso no intuito de personalizar as sandálias; outras diziam que, com a parte branca virada para baixo, não apareciam as marcas encardidas pelo uso. Foi também nos anos 80 que aconteceu a boom do surf no Brasil. O esporte ganhou o apoio da mídia, e passou a ter outra imagem perante a sociedade. Foram criadas as associações e federações, e as competições passaram a ser muito mais organizadas, assumindo um caráter profissional. Coincidentemente, um dos caras que se destacaram nessa época foi nosso editor Rosaldo Cavalcanti, que participava do Waimea 5000, algo similar ao WCT da época. "Eu faço parte da terceira

geração do surf brasileiro e, também, da terceira geração de usuários de Havaianas. O primeiro par me foi dado pela minha mãe e acabou sendo incorporado à minha vida naturalmente. Nunca pensei muito sobre isso, mas agora, que você me perguntou, noto que usar essas sandálias passou a ser um hábito tão natural quanto respirar. Até hoje uso as Havaianas, esse é o calçado natural dos surfistas. Mesmo no Hawaii, a galera usa algo similar (umas sandálias chamadas Rainbow), seja em casa ou na praia. Só coloco tênis ou sapato em ocasiões formais. Acredito que a associação dos surfistas brasileiros com as Havaianas aconteceu tão naturalmente que nem a Alpargatas se deu conta disso", comenta Rosaldo.

Na última década do século 20, a inovação chegou às Havaianas. É claro que as tradicionais continuaram, mas estudando os variados gostos dos usuários, uma gama de modelos chegou ao mercado, inclusive alguns comemorativos, como o dos 500 anos. Apesar de a marca procurar atender as várias tendências, é o surf que está mais presente. Entre os modelos mais comuns, seis tendem para o surf: Top, Alamoana, Surf, Surf Bamboo, Floral e Floral Hibisco. A associação com esse esporte é reforçada também na mídia, o que não vinha ocorrendo até então, provavelmente devido à imagem meio marginalizada que se vinculava aos surfistas nos anos 60 e 70, ligada à contracultura. No final do milênio o perfil do surfista mudou. Já não é mais o estereótipo de um garotão meio hippie que não quer

nada com o trabalho. Além da profissionalização do esporte, temos, entre os praticantes, médicos, advogados, jornalistas, professores, militares, etc. Neste momento, o surf também vive uma revolução com o aparecimento do tow in, que possibilitou aos atletas encararem ondas que antes eram impossíveis de surfar. As big waves estão na moda, por isso nada mais normal, para uma marca interessada em reforçar sua imagem junto ao surf, que apoiar um evento de big waves. Com o patrocínio das Havaianas, surge o Big Trip, um concurso que tem o objetivo de reconhecer e premiar o talento brasileiro no surf de ondas grandes. Até o momento três versões foram realizadas, fazendo do médico carioca Rodrigo Resende tricampeão do evento. Rodrigo é outro da geração que nasceu com as Havaianas nos pés. Para ele, as sandálias sempre lembraram o surf, e esse apoio da marca para um evento de surf deveria ter acontecido antes. "Cara, antes tarde do que nunca", afirma Resende. "O apoio das Havaianas ao Big Trip só vem ajudar no crescimento do esporte".

Eles apareceram praticamente juntos e venceram os preconceitos sociais. Se hoje todo mundo usa as Havaianas, o surf também se tornou um esporte popular e democrático entre todas as classes. Ainda assim, muitos afirmam que o surf continua sendo contracultural. Mas e daí? Ser contracultural é ser como as Havaianas: está sempre na moda.



MAIS DO QUE MODA,

É ATITUDE

www.offisiren.com.br • (11) 6674 2964





# UM DROP COM RODOX



Rodox, na praia da Macumba,  
Rio de Janeiro

Por Alberto Woodward  
Fotos Beto Paes Leme

Rodolfo não é mais aquele cara dos tempos dos Raimundos, agora é Rodox. Trocou toda a badalação e o sucesso fácil por uma vida mais condizente com os mandamentos do Senhor, e as drogas pelo surf, seu maior vício na atualidade. Em nosso papo pude notar a empolgação evangélica em seu discurso. Bem, não sei se compartilho totalmente com isso, mas parece que lhe fez bem, pois o tom da sua voz está mais seguro e demonstra um certo bem-estar. O mais importante é que, entre as muitas formas de se chegar a uma elevação espiritual, Rodolfo encontrou o caminho das ondas, se apaixonou pelo longboarding e agora surfa direto.

*O teu lado surfista não aparecia na época dos Raimundos, agora sim. Existe alguma relação com o fato de hoje você tocar hardcore (que de certa forma é a surf music moderna, se pensarmos em termos californianos) e também com essa sua aproximação espiritual?*

Na época dos Raimundos eu morava em São Paulo, e quase nunca descia para a praia. Não dava para ter uma constância no meu surf, então ele não evoluía. Quando o Rodox lançou o primeiro disco, já tinha um ano e pouco que eu estava morando no Balneário de Camboriú (SC). Lá pego onda todo dia e deu para dar uma evoluída, estou até correndo o circuito catarinense de longboard na categoria sênior. Então o surf se tornou uma coisa do meu dia-a-dia hoje, e creio que minha aproximação com Deus também vem disso, a gente aprende muito com o surf, as coisas mais simples, sabe? O mar foi criado por Deus, e apesar de não ser nosso hábitat natural, interagindo com tudo aquilo a gente aprende bastante a lidar com as coisas da vida.

*Nós, aqui na Alma Surf, acreditamos no surf como uma terapia espiritual. Surfar é uma maneira de orar, de se aproximar de Deus e meditar. Isso se passa com você também, como é sua relação com o surf?*

Eu também penso dessa forma. Quando estou no outside, o que eu mais faço é ficar louvando a Deus, acho que é um lugar excelente para se conversar com ele.

*Você é de Brasília e lá não tem mar, como você foi virar surfista?*

Brasília, por ser muito seca e estar longe da praia, deixa as pessoas com uma fissura por mar, assim inacreditável. Todo brasileiro, ou quase todo, quando tem oportunidade vai morar perto da praia, e muitos viram surfistas. A carência de água e de mar assim faz com que as pessoas fiquem fissuradas. A vida inteira eu quis surfar, achava demais, comprava as

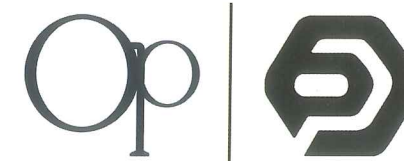
revista de surf e ficava viajando naqueles visuais, naquele estilo de vida. Aos 13 anos ganhei uma prancha e surfava com ela nas férias, quando ia para a Paraíba, visitar a família dos meus pais; mas isso aí ficou só nos 13 anos, a prancha acabou e eu não tive mais nenhuma. Depois, quando vim morar em São Paulo, por causa dos Raimundos, num show que a gente fez em Itanhaém tive um reencontro com uma prancha. Ali subi nela, peguei uma espuminha e vi que ainda tinha a manha de ficar em cima de uma prancha. Comecei a gostar do negócio de novo e depois de um tempo comprei uma prancha nova e fui metendo as caras. Mas as ondas de João Pessoa são muito pequenas, é um mar muito fraquinho. Quando cheguei aqui em São Paulo, fui surfar no inverno, e aquele mar era gigante e eu só tomava na cabeça, não conseguia surfar; tentava varar a rebentação e não conseguia, e acabava na areia, botando os bofes para fora, esperando meus amigos voltarem. Mas foi tomando na cabeça que aprendi, e hoje em dia isso é muito saudável, me fez querer dar mais atenção para a minha alimentação, para minha saúde física, para poder estar mandando bem aquilo ali.

*Você disse, numa entrevista ao seu fã-club, que sua aproximação com Deus aconteceu quando um grupo de mulheres religiosas foram visitá-lo, fizeram um tipo de ritual pentecostal em sua volta e aquilo o levou para próximo de Jesus; então você aceitou Deus no coração e essas coisas. Como foi isso direito?*

Relatado dessa forma parece uma coisa fria, mas não foi bem assim. Deus estava me preparando para ter um encontro comigo através das irmãs, que sentiram que eu estava vivendo um momento de grande desestabilização, eu e minha namorada na época, hoje minha esposa. Na verdade elas foram convidadas a fazer um culto de oração, para orar ali com a gente.

*Então não teve isso de um grupo de mulheres que apareceram do nada, bateram na sua porta e realizaram um ritual sagrado; foi uma coisa que aconteceu espontaneamente?*

Foi, eu aceitei abertamente, e desde então a minha vida começou a mudar... Tive um encontro muito real e impactante com o Espírito Santo... As pessoas podem argumentar o que quiserem, mas elas não viveram na minha pele, não sabem o que eu passei, e não sabem como foi maravilhoso ter encontrado Jesus Cristo.





*Você faria ou já fez música gospel?*

Cara, pretendo fazer, tenho umas músicas já bem gospel; no tempo certo vai rolar, mas seria um projeto paralelo ao Rodox. Espero que apareça uma gravadora interessada em lançar.

*Você curte uma longboard, que é mais a praia dos roqueiros das antigas; os hardcorders são mais para as pranchinhas. Você também dropa essa, ou dentro d'água gosta mais das manobras calmas e elegantes?*

Comecei a surfar de pranchinha, mas a primeira vez que subi numa long me apaixonei, e acabou que dei as minhas pranchinhas, não quis nem vender, dei logo. Pensei: "Tira daqui essas pranchinhas que eu não quero nada com isso" (risos). Desde então só surfei de longboard. Cara, tem aquele estilo clássico que eu adoro, fazer hang-five, hang-ten, cut-backs, umas paradas mais no estilo clássico; mas também o longboarding tem evoluído bastante ultimamente com a nova geração, e a gente tem grandes atletas no Brasil, como Phil Rajzman, o Jonas Lima, o Danilo Mulinha. Lá em Santa Catarina, onde moro, tem vários caras muito bons: o Vânio Correia, o Josimar Pitta, o Juliano Correia, tem uma galera que está surfando muito. Assim: os caras que tem 19, 17 anos estão com um estilo bem radical, e sabem fazer isso junto com o clássico. Os campeonatos têm mostrado isso, tem cara até mandando aéreo de longboard, isso é maravilhoso. E quando o longboarding começa a radicalizar, ele enche os olhos de quem está vendo, porque fica algo muito mais radical que uma pranchinha; por exemplo, o cara mandando um floater cabuloso, uma batida na orelha, isso numa long, todo mundo sabe que é muito mais difícil do que numa pranchinha.

*Caniço no Rodox; a banda tem passado por muitas reformulações para um grupo novo; seria por experimentação, obra do acaso, ou mesmo por falta de sintonia?*

Cara, as pessoas que quiseram entrar para o Rodox entraram, nunca houve teste com ninguém. Desde a primeira formação do Rodox, que tinha o Patrick no baixo e o Pedro Nogueira na guitarra, dois caras do Rio; eles resolveram sair para tocar projetos deles, de repente rolou deles quererem fazer outra coisa e não rolou stress nenhum na saída deles, a gente recebeu bem. É claro que não gostaríamos que eles tivessem saído, a banda estava funcionando bem daquele jeito, mas... amém. Tipo, se eles não tivessem saído não teria entrado o Marcelo, que é o novo guitarrista, um grande cara e um excelente guitarrista, e o Caniço no baixo, que ocupou a vaga trazendo um carisma, assim, típico dele. O cara é muito amigo de todo mundo da banda desde muito tempo atrás, então foi um cara que veio somar bastante; é como se fôssemos um time de futebol e tivéssemos contratado o Romário.

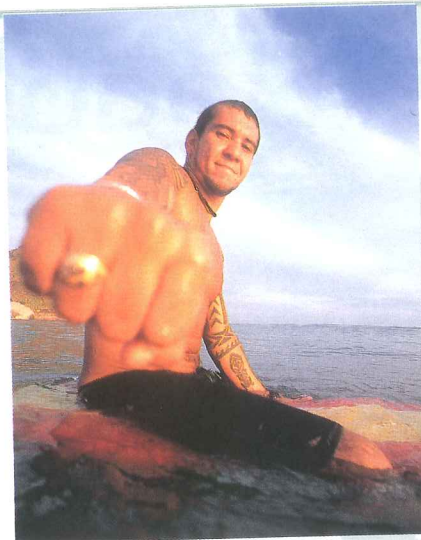
*Por falar em Caniço, parece que ainda rola uma amizade bacana entre vocês. Graças a Deus, a amizade verdadeira a gente conhece na hora da tribulação.*

*E quanto ao resto dos Raimundos, tá tudo bem, ou rola alguma mágoa ainda?* Eu não sou de deixar mágoa, não, porque isso vira câncer no futuro; sentimento ruim, mágoa, rancor, isso só faz mal para quem sente. Desde o começo, as pessoas me falavam, como os caras estão descendo o malho em mim nas entrevistas, o tempo inteiro. Não assisti nenhuma dessas entrevistas porque não queria me contaminar com aquilo; mesmo sabendo que eles estavam falando mal, eu não queria ter a curiosidade de saber o que elas diziam, porque sabia que era ruim, e não queria me influenciar de uma maneira negativa, sabe? Já liberei perdão no meu coração várias vezes para eles. Espero que sejam felizes, antes de tudo espero que encontrem Jesus, porque só ele mesmo para fazer alguma coisa na vida deles, e bola para a frente.

*Mas além do Caniço, você troca uma idéia com os outros de vez em quando? Não, não falo. Quando sai, até que continuei falando, mas depois eles próprios, por suas declarações, me tomaram como inimigo, então... deixa quieto.*

*Como vai a banda em termos de aceitação, tem aumentado o número de fãs, vocês têm tocado bastante, quais são os planos daqui para a frente?* Cara, esse foi um mês muito louco. A nossa gravadora, a Warner, vai se fundir com a BMG, acho, e teve que tirar 12 artistas do casting, entre os quais o Rodox. E o que parecia um mês perdido, tipo: "nossa, estamos

**"Tira daqui essas pranchinhas que eu não quero nada com isso" (risos). Desde então só surfei de longboard."**



sem gravadora", gerou um monte de shows. A gente tem nove apresentações só este mês. Estou aqui em São Paulo para um show; amanhã a gente está em Juiz de Fora - MG; semana que vem, mais três espetáculos aqui em São Paulo; depois, na sexta e no sábado, a gente faz dois shows por dia; na outra semana tem mais dois, tipo assim, tá bombando show sem parar.

*Tu som era Ramones, agora está mais para Bad Religion. Você já queria levar essa onda hardcore nos Raimundos mas se sentiu impossibilitado pelas tendências de mercado em que a banda estava evoluída?*

Falando de som, assim, de musicalidade, os Raimundos era bem legal. Meu maior problema com a banda foi quando me toquei do que estava falando nas letras, que realmente não tinha mais nada a ver comigo. Eu já não vivia mais nada daquilo e, pior, estava passando uma mensagem negativa para quem estivesse me escutando, estava influenciando muito mal a garotada que me ouvia, e foi uma questão de atitude, foi isso que me tirou dos Raimundos, simplesmente, porque o conteúdo do meu trabalho, da parte que eu fazia dentro da banda, não estava me agradando.

*Você tem alguma pretensão internacional com o Rodox?*

A gente inclusive recebeu um convite para ir ao Japão, mas não era o momento, a banda não estava formada direito e, em vez de viajar direto para o Japão, preferi dar um tempo até que a banda estivesse mais firme para ter um retorno legal lá.

*Japão!! Mas seu disco foi lançado no Japão?*

Cara, não sei, mas na comunidade brasileira eles sempre levam coisas daqui para lá.

*Qual é sua posição em relação às drogas, em especial à maconha, que é considerada mais light?* Acho que culturalmente o pessoal tenta passar algo de liberdade através disso, quando na real está é te escravizando. Maconha não vicia. Essa é uma das maiores mentiras que já ouvi; eu era completamente viciado. Não fazia nada com bom humor se não tivesse maconha, não conseguia comer se não tivesse maconha, porque eu já não tinha mais fome, só tinha larica; tinha que fumar para ter fome e poder comer; se ficasse uma semana sem erva era uma semana que eu comia quase nada. É uma grande mentira que não vicia; é uma droga, vicia muito. E, infelizmente, aquela estória que abre as portas para outras drogas é verdade, cheguei a experimentar e tomar quase todas as drogas que apareceram na minha frente, porque estava quase sempre doidão e perdi o não, aquele negócio de escolher se eu queria, de ter noção do que estava fazendo. Essa idéia que maconha passa liberdade é a maior mentira do diabo.

*Como surgiu o nome Rodox?*

Era meu apelido de infância. O pessoal me chamava de Rodox. Quando o CD saiu, ainda não era banda, era só eu, o Bob e o Fernandão, e a gente nem tinha interesse em fazer shows e essas coisas, era só um projeto. Então coloquei Rodox, porque não queria lançar como Rodolfo, que nem é um nome assim legal para se usar. Então Rodox soava bem, era um nome que lembrava o meu, mas não era. Ficou como o nome do projeto e acabou que virou banda, e o nome da banda é Rodox.

*Quais seus ídolos e principais influências no surf?*

Cara, gosto do estilo do Joel Tudor, bem clássico mesmo, é... tem um camarada aqui de Santos, Beto Garcia, é de longboard, né, ele tem um jeito bem suave, sabe radicalizar, mas tem um estilo bem legal... Sei lá. De pranchinha, eu gosto muito do Fábio Gouveia, acho ele impecável, é um dos melhores brasileiros no circuito. O Neco também gosto bastante, porque ele é doido e passa muita garra. Curto ainda o Binho Nunes e o James Santos, o James, que é meu vizinho.

Agradecimento ao Rico de Souza

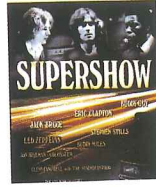
Leia a entrevista na íntegra no nosso site [www.almasurf.com.br](http://www.almasurf.com.br) (Alma Sonora)

**Litoral Brasil**  
Fit you better!!!

[www.litoralbrasil.com](http://www.litoralbrasil.com)



DVDs



**Supershow** (vários) – Cara, o título não poderia ser mais apropriado, pois esse DVD nos mostra um show realizado nos anos 60, em uma fábrica abandonada no oeste de Londres, reunindo nomes do primeiro time do rock, jazz e blues numa jam session mítica como pouco se viu na história da música. Entre eles estavam Jack Bruce e Eric Clapton (Cream), Stephen Stills (Crosby, Stills, Nash & Young), Jon Hiseman (Colosseum), Buddy Miles (Jimi Hendrix – Band of Gypsys), o blues man Buddy Guy e os grupos de jazz Rashaan Roland Kirk Quartet e Modern Jazz Quartet do vibrafonista Milt Jackson. De quebra, uma performance exclusiva do Led Zeppelin tocando “Dazed & Confused”. Precisa dizer mais alguma coisa?



**FULL BLUNTAL NUGITY LIVE** (Ted Nugent) – Você já ouviu falar de Ted Nugent? Se tem menos de 25 anos, provavelmente não. Mas deveria, especialmente se você curte um rock’n’roll pesado, estridente e rasgado. Além disso, o cara toca uma guitarra nervosa, fazendo um meio-termo entre o rock’n’roll e o metal, muito mais para os jovens do que para os tiozinhos. Este DVD duplo traz um show irado realizado em Detroit, cidade natal do guitarrista que abre o show montado num búfalo (apenas mais uma das muitas maluquices que ele faz no palco), além de imagens raras de arquivos e comentários do próprio Ted. Então, se você não conhece o cara e se interessou, aqui está um belo cartão de apresentação.



**GREATEST HITS** (Roy Orbison) – Falecido em dezembro de 1988, aos 52 anos de idade, Roy Orbison foi um dos pioneiros do rock e nos anos 50 dividia as paradas com Carl Perkins, Johnny Cash, e Elvis Presley. Depois dos Beatles e Rolling Stones, andou meio esquecido, mas voltou a ser lembrado quando David Lynch incluiu numa cena do filme *Blue Velvet* a música “In Dreams”. De repente ficou na moda novamente, e suas músicas voltaram a tocar. O DVD é uma série de apresentações, entre as quais uma muito bacana ao lado de Tom Waits, Elvis Costello e Bruce Springsteen. Pouco antes de falecer, Orbison gravou um segundo álbum com sua última banda, *Traveling Wilburys*, formada por ele, George Harrison, Bob Dylan, Tom Petty e Jeff Lynne, que infelizmente não está aqui. Mesmo assim, o DVD dá uma boa geral na carreira do cantor, apresentando seus maiores sucessos.

CDs



**PACOTE CATSKILLS** - Catskills é um selo que reúne algumas das feras das pistas do underground britânico que a ST2 Records disponibiliza no Brasil. Nomes como Pepe DeLuxé, Hardkandy, Bushy, Capsule e Zero Theory podem soar como desconhecidos para nós, mas é só colocar um desses discos para tocar que você já começa a balançar e vira fã. Meu favorito? Hardkandy, com o CD *How Do You Do Nothing?*, da dupla Tim Bidwell e Simon Little, a mesma dos Space Raiders, que fazem um som mesclando soul, hip-hop e funk numa batida groove muito legal, tipo puta som. O pacote inclui duas coletâneas que reúnem os principais nomes do selo: *Straight Out The Cat Litter Scoop Two* e *Straight Out The Cat Litter (Scoop Three)*, cuja seleção musical é de encher os ouvidos, bacana mesmo. Ainda de quebra, temos o CD *Bushy/Hiya!*, do DJ inglês James Ingham, mais conhecido como Bushy, um pioneiro da Catskills, famoso pelas suas sutilezas rítmicas. Quatro boas pedidas para balançar os ossos.



**PACOTE DEATH ROW** - Para os mais radicais, adeptos do gangsta rap, uma grande pedida é essa pacoteira de discos da Death Row (um dos principais selos do gênero) que a Trama acaba de lançar. São seis CDs clássicos que ganharam versão nacional, como *The Chronic*, álbum de estréia de Dr. Dre, um trabalho que reafirma a sonoridade do N.W.A. (Niggers With Attitude – antiga banda de Dre), que praticamente definiu os parâmetros musicais, estético-cos e comerciais do hip-hop nos anos 90. Não menos importantes, entram nessa balada os dois primeiros discos de Snoop Doggy Dogg, *Doggystyle*, e *The Doggfather*. E falando de álbum totalmente produzido por Dre cujo hit “Who Am I? (What’s My Name?)” colocou Snoop no topo das paradas, e *Tha Doggfather*. E falando de gangsta, não poderia ficar de fora Tupac Shakur que também vem em dose dupla: *All Eyez On Me*, último trabalho de 2pac antes de ser assassinado e o primeiro álbum duplo composto inteiramente por material inédito da história do rap, não é para menos que é apontado com um de seus melhores discos; o outro disco é *Don Killuminatti: The 7th Day Theory*, álbum póstumo onde 2pac assume o pseudônimo de Makaveli, uma referência ao político italiano Niccolò Machiaveli, que forjou a própria morte e depois reapareceu para se vingar dos inimigos. Fechando a pacoteira, temos a coletânea *Death Row Greatest Hits*, reunindo os pesos-pesados do cast da Death Row.



**NY HOJE** - *Yes New York*, CD do selo Wolfgang Worden que a Warner lançou recentemente por aqui, é uma bela amostragem do que há de melhor no underground nova-iorquino na atualidade, só banda do primeiro time: The Strokes, Interpol, Le Tigre, Radio 4, The Rapture, The Walkmen, entre outras. Ideal para quem quer se inteirar do que rola na Big Apple.



**NY ONTEM** - *The Very Best of Velvet Underground* relembra os grandes sucessos desta banda que se tornou ponto de referência do cult do submundo de Nova York. Os caras influenciaram meio mundo na época e continuam influenciando até hoje. “Sweet Jane”, “Heroin”, “Rock and Roll”, “I Can’t Stand”, “White Light/White Heat”... Está tudo ali. Se você não conhece nada disso, eis aqui sua oportunidade.

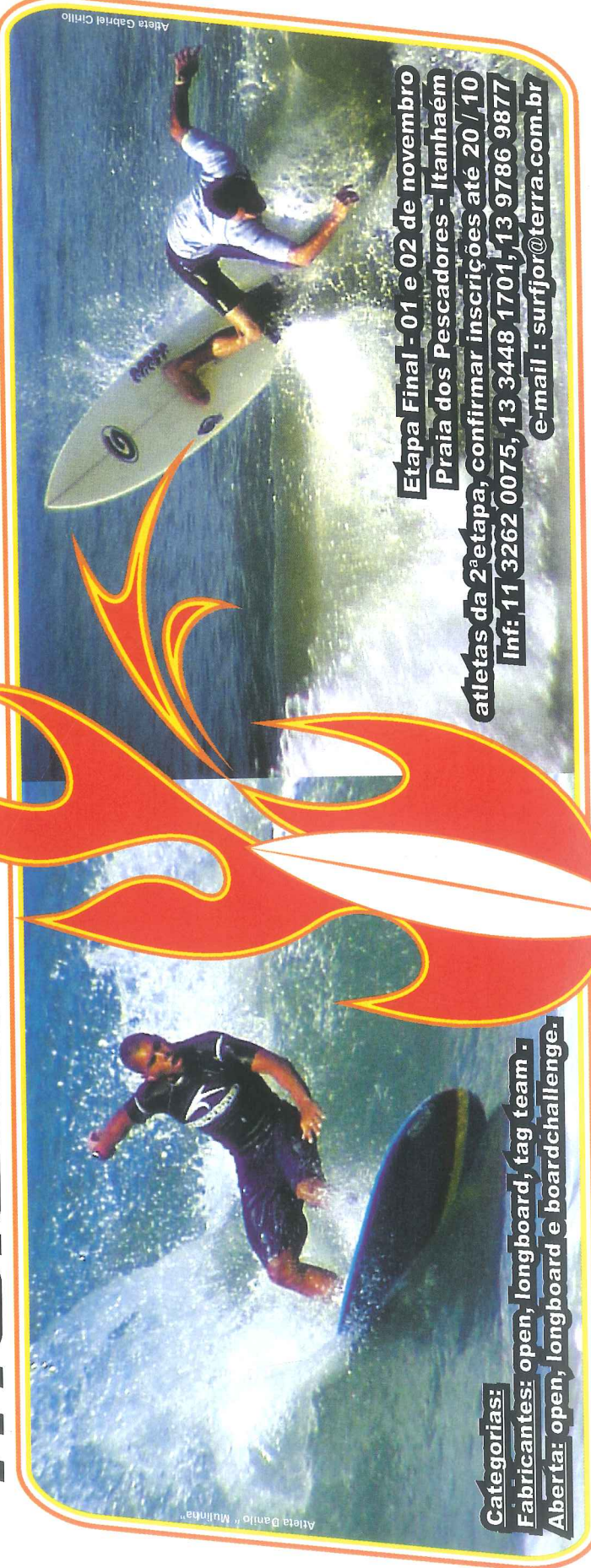


**PERSONALIDADE MARCANTE** - Cara, está muito bacana este segundo disco do Grandaddy, *Sunday* (o primeiro a sair no Brasil). Os caras conseguem fazer um som carregado de influências, sem no entanto lembrar nenhuma delas diretamente. É indie rock da melhor qualidade, elaborado com melodias frágeis e rítmica forte.



Confronto entre Fábricas  
**maresia**

**Board Challenge 2003**



**Categorias:**  
Fabricantes: open, longboard, tag team  
Aberta: open, longboard e boardchallenge.

**Etapa Final - 01 e 02 de novembro**  
Praia dos Pescadores - Itanhaém  
atletas da 2ª etapa, confirmar inscrições até 20/10  
Inf: 11 3262 0075, 13 3448 1701, 13 9786 9877  
e-mail: surfjor@terra.com.br





# THE SURF TRAVEL CO

"Nós sabemos onde e quando"

**Mentawai 2004** - a melhor frota no paraíso do surf.

**Hawaii** - Fly and Drive (1 semana) entrada de U\$ 210,00 + 5 x U\$ 145,00 (base duplo).

**Canadá** - Snowboard Whistler U\$ 1510,00 aéreo + terrestre (base duplo).

**Áustria** - Snowboard Innsbruck U\$ 1370,00 aéreo + terrestre (base duplo).

**Austrália** - inglês intensivo e surf a partir de U\$ 1626,00 aéreo + 1 mês de curso.

**Costa Rica** - Fly and Drive 6 x U\$ 102,00 aéreo + 1 semana de carro 4X4 (base triplo).

**Rio Nexpa** - a partir de U\$ 720,00 aéreo + 7 noites de hospedagem (base qdl).

**Bocas Del Toro** - aéreo + terrestre (9 noites) entrada U\$ 280,00 + 6 x U\$ 110,00

Consulte também sobre:

**Intercâmbio e Snowboard**

Destinos como Peru, Nova Zelândia, Tahiti, Europa, Fiji, Samoa, El Salvador, África do Sul.

AIR CANADA



AEROMEXICO

A companhia aérea mais pontual do mundo.

THE SURF TRAVEL CO

Preços calculados para baixa temporada com saída de São Paulo e sujeitos a alteração sem aviso prévio. Não incluem taxas de embarque.

Al.dos Jurupís, 452 cj.54 - Moema - São Paulo - SP - cep.04088-001

Tel/Fax: 55 11 5052-4181 - surftravel@surftravel.com.br [www.surftravel.com.br](http://www.surftravel.com.br)



# POR QUE O MUNDO É ASSIM TÃO COMPETITIVO?



Foto: Milton Barbosa

Taiu em Waimea, 1987

## Por Taiu Bueno

Todos nós nascemos e crescemos orientados para vencer. A vida é uma grande competição. Desde quando somos ejaculados até o momento de aterrizar num jazigo para morrer, estamos competindo. No distante passado, quando os egípcios se embalsamavam e se mumificavam para serem imortalizados, já rolava uma competição, em que alguns sempre queriam ter sarcófagos melhores que os dos outros. Durante a nossa jornada pela vida, serão muitas as disputas e competições que obrigatoriamente enfrentaremos. Na escola, nos jogos, nos esportes, no trabalho e nos relacionamentos (namoradas), é certo termos que disputar e dar o nosso melhor para alcançar resultados positivos. Hoje o mundo está ainda mais cheio de gente e, conseqüentemente, mais competitivo. No surf competitivo, não é diferente. Ao contrário, é um cão come cão lá fora que é inacreditável. Durante alguns anos, já houve o duelo Mark Richards x Cheyne Horan, Carrol x Curren e, na última década, Kelly Slater dominou sem concorrentes o páreo durante seis temporadas. Agora, com o atual campeão mundial, Andy Irons, seguido de perto no ranking pelo próprio Slater, em grande forma, vai ser um bom pega esse final de temporada ASP 2003. Já fazia algum tempo que a disputa não estava tão acirrada assim no final, agora acontecendo entre Irons x Slater, sem deixar de mencionar o Taj Burrow, que também é um candidato forte ao título mundial 2003, ocupando a terceira posição no ranking, depois da França.

Com o nível de surf executado hoje no WCT, contando somente as duas melhores ondas, muitos estão chegando perto da perfeição de performance, com somatório de 18,6 para mais, num total de 20 pontos... O nível nunca esteve tão alto, e alto também no sentido 'aerial'.

Essa oportunidade de assistir a um WCT desse calibre na magnífica Florianópolis deve ser das mais memoráveis.

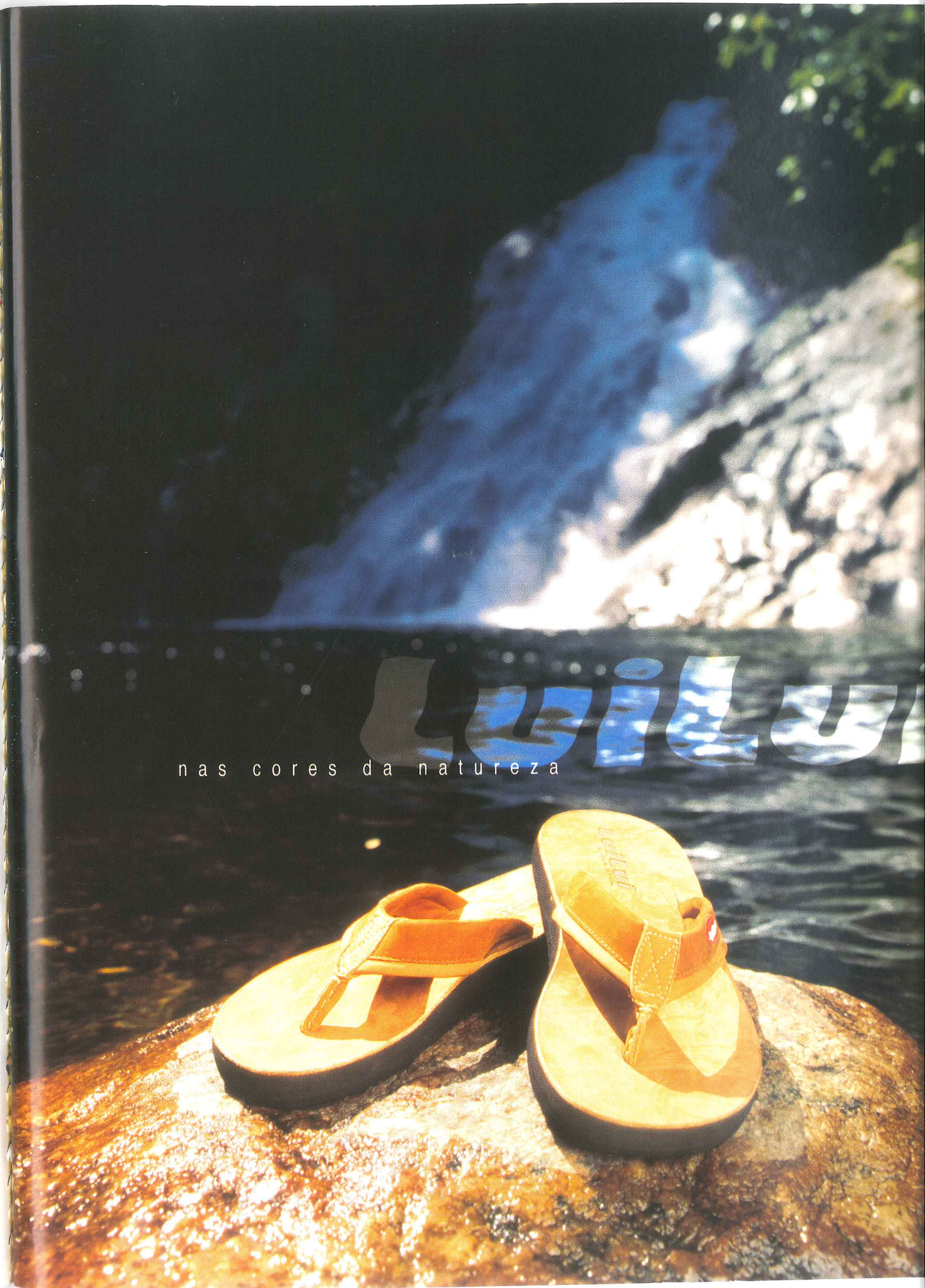
Para quem gosta, esse evento vai pegar...

ALOHA



REEF

STEOME



nas cores da natureza



